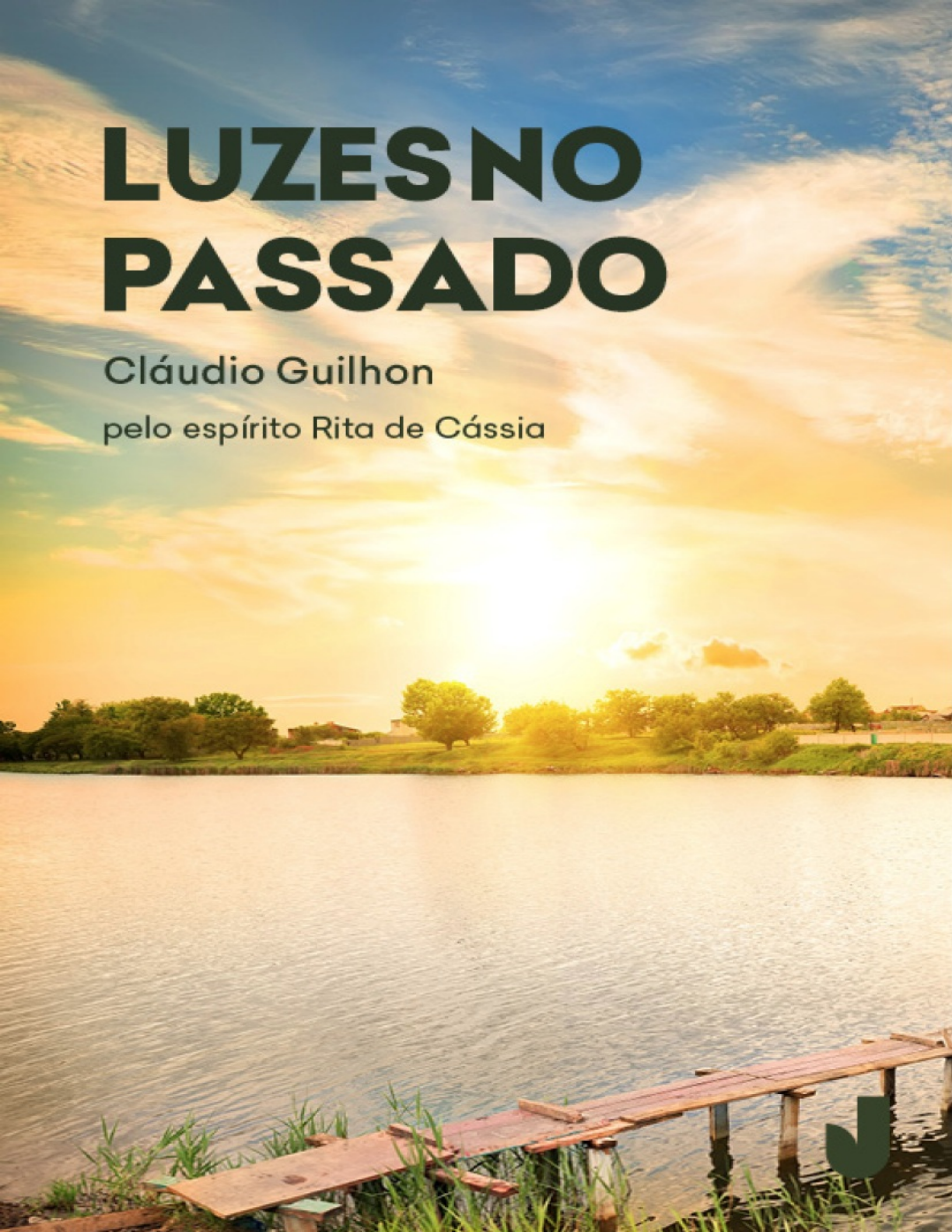
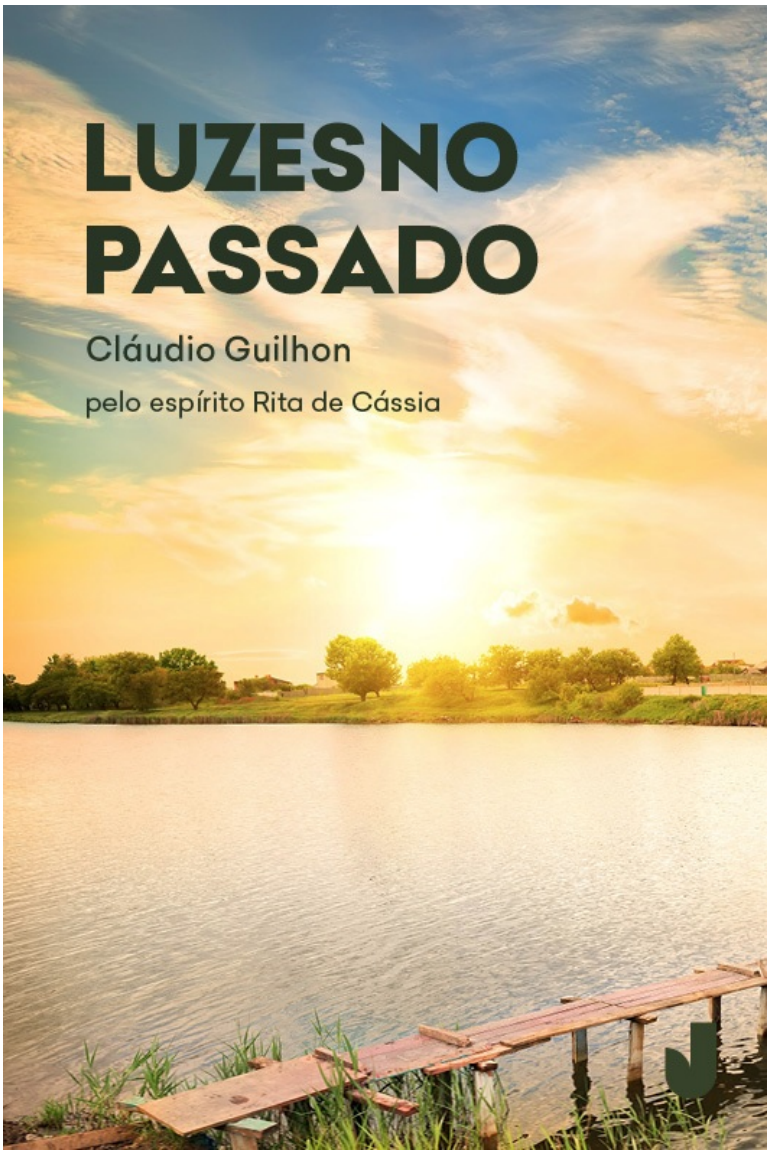

LUZES NO PASSADO
Cláudio Guilhon
pelo espírito Rita de Cássia


LUZES NO PASSADO
Cláudio Guilhon
pelo espírito Rita de Cássia

© Jaguatirica, 2016
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
ou armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização
prévia e por escrito da editora e do autor.
editora Paula Cajaty
capa e diagramação 54 Design
revisão Anna Beatriz Mattos e Hanny Saraiva
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
C336L
Cássia, Rita de (Espírito)
Luzes no passado / pelo espírito Rita de Cássia ;
psicografado por Cláudio Guilhon - 1. ed.
Rio de Janeiro : Jaguatirica, 2016.
224 p. ; 21 cm.
ISBN 978-85-5662-018-7
1. Romance espírita. I. Silva, Cláudio José
Guilhon da, 1964. II. Título.
16-32371 CDD: 133.9
CDU: 133.9
Jaguatirica
rua da Quitanda, 86, 2º andar, Centro
20091-902 Rio de Janeiro RJ
tel. [21] 4141-5185, [21] 3747-1887
jaguatiricadigital@gmail.com
editorajaguatirica.com.br

Índice

Considerações iniciais
O ateu de Naterville
Na primavera
O desaparecimento de Charles
A nova vida
O destino de Sarah
Os dissabores da guerra
Os pedidos de Charles
A luz no caminho
A peregrinação de Charles
O desertor da pátria
A libertação de Charles
Nova vida, nova chance
A batalha
O ouro
Novo ofício
Os últimos dias de Charles
O povo em Israel
O casamento de Josafá
Novas terras
Noites de solidão
A batalha
Os últimos dias de Josafá
O passado recrudesce
Haume, o poeta
O casamento de Catrina
O encontro
O fim do Reich
No outro dia
O outro lado
O pecado
O resgate

O retorno
Esperança
As obras de Madeleine
Amor e perdão
Reinício
Novas demandas
Atendimentos oportunos
A recuperação
Nova missão
O encontro
Nova tentativa
Reencontro
Os destinos

Considerações iniciais

Louvado seja o Senhor Jesus que nos traz paz à consciência e o amor ao coração dos pobres e desvalidos. Que o raiar de um novo dia chegue com suas bênçãos para todos nós.

Era o ano de 1432. Em uma pequena estalagem, a caminho de Rouen, encontrava-se o brejeiro Charles de Montalvan, jovem de astúcia reconhecida pelos seus pares de caça, cujas habilidades surpreendiam a todos os que o conheciam. Charles era pacato, com sorriso esnobe e, no alto de seus 1,50m, via o mundo de uma maneira própria. Gostava de se vestir de modo aristocrático e trazia traços de realeza em suas esfarrapadas vestimentas que conseguia aqui e acolá. Na testa de seus trinta e dois anos, já apareciam as rugas do tempo que – precoce – o abateu, mas seu vigor era dos outrora dezoito anos. Tinha escolhido um forte sobrenome que se tratava de nobre pessoa da qual ouvira falar em seus sonhos de infância.

Charles via-se acompanhado de uma doce donzela de arraiais distantes que se chamava Sarah, descendente de pobres plebeus mas que, como Charles, detinha sonhos conjugais nunca declarados entre ambos para que aquele pequeno compromisso não se desfizesse, como o rio que se desfaz lentamente no seu percurso de encontro ao mar. Aquela doce donzela nada tinha de infantil, beirava os vinte e cinco anos e com seu jeito já de mulher, encantava com facilidade a quem se detivesse em observar sua fisionomia.

Nada havia de estranho em um casal que se desloca pelas estradas de Rouen. Especialmente naquela tarde, estes personagens seriam protagonistas de acontecimentos nada agradáveis e que marcariam suas vidas para sempre.

Após breves afagos mútuos, passou em cavalgada um senhor com atitudes torpes que esbravejou contra o jovem casal e saiu em continuado galope em seu cavalo que arquejava continuamente, denunciando correria de várias horas. Trajava-se elegantemente, mas suas vestes denunciavam dias de uso do mesmo traje que vestia.

Senhor de 54 anos, Margot fugia de seus perseguidores que o acusavam de heresia contra a Santa Igreja. Há mais de dois dias já não comia ou bebia decentemente e seu cavalo já não aguentava tamanha correria. Em determinado ponto dessa estrada, já com mais de uma hora de caminhada, eis que surge um

pequeno grupo de cavaleiros liderados pelo então bispo Arthur, cinco comparsas em busca daquele ultrajante personagem. Abordaram o casal e o bispo arguiu se eles não tinham visto tal personagem com perfeita descrição do fugitivo das verdades cristãs e que seria cúmplice de um assassinato no pequeno vilarejo de Avignon. Chamava-se Robert Margot e suas feições não poderiam ser confundidas e nem enganadas.

Passava do meio-dia, o calor do verão já denunciava fadiga daquele pequeno grupo de caçadores humanos. Charles e Sarah deixaram a informação sair e indicaram a direção do cavaleiro contraventor, de acordo com o relato do bispo, e seguiram a direção do provável infrator. Charles, cujo passado nunca foi descortinado por Sarah, não sabia que aquele homem caçado como animal se tratava de um parente seu que não via desde pequeno, pois sua memória o traía, não lembrando daquele homem já envelhecido pelo tempo cuja alma já não podia transparecer os traços do tio que abandonou a família em busca de fortuna fácil.

Era Lucca de Sorion, agora com nome de Margot, que já incidente em não aceitar as responsabilidades matrimoniais, caía agora em nova desventura, envolvido em um crime de morte e latrocínio. A lei para esta época rígida era o famoso “olho por olho, dente por dente”, agora com novas faces de olho por olho, perdão e caridade. Novos rumos começam a modificar os pensamentos desta época, ainda no início destes conceitos.

O bispo convida o casal a segui-lo, pois queria ter a certeza de que não fora enganado, o que a contragosto fazia acompanhando o grupo. Após algum tempo de cavalgada encontraram o cavalo destroçado na estrada rudimentar e marcas de sangue seguindo um caminho na floresta adentro. Após o acidente, o fugitivo Margot, ferido após a queda do cavalo, cai na estrada e oferece seu corpo a um último sacrifício. Com seu pequeno punhal, cravejado com uma esmeralda no cabo, enterra a ponta afiada em seu peito e deixa esvair seu sangue e sua vida.

Mas de que tanto aquele homem fugia que o condenara a um ato tão extremo? Como o bispo percorreu várias léguas sem descanso até alcançar a sua presa? Eis o porquê deste breve relato e desta história de amor, conflito e disputas, trazerem à tona personagens que, a partir de agora, irão ilustrar as próximas páginas.

Amor, ódio, vingança, destruição, revolta, adultério – palavras comuns, mas que trazem, em seu bojo, verdadeiros dramas cotidianos e só o perdão de Deus faz com que consigamos prosseguir nestes caminhos. Histórias comuns, talvez, mas que só a fé e o perdão puderam trazer a paz aos corações atormentados. Fiquem nesta viagem no tempo, pois o tempo passa e suas histórias se repetem,

com outros personagens e outras situações, mas só uma coisa persiste: o perdão mútuo e o amor como ponto onde a discórdia não resiste.

Parte I

O ateu de Naterville

Em épocas de guerras, muitas famílias isoladas pela fome e pela dor procuram a ajuda dos deuses para superar os seus problemas quanto à sobrevivência. Foi aí que passamos a relatar a vida da família Munorgs de Naterville, interior isolado da França que dista cerca de 380km da cidade de Nantes, sul do país, e que naqueles idos de 1400 tornavam a vida e o labor mais difíceis do que parecem.

Era madrugada de uma primavera ainda fria e nascia em um pequeno aposento de uma casa pobre o pequeno Charles, proveniente de distantes hordas da terra, com a finalidade de ajustes necessários para sua evolução. Sua mãe Marguerita não sabia ler e nem escrever e seu pai, camponês rude, tinha como pensamento de vida apenas a colheita de sobrevivência.

Naquela noite, o pequeno Charles deu seus primeiros choros de vida, de bem-vindo ao mundo, terceiro filho do simples casal. Sua mãe, extremamente devota de santos católicos, tinha admiração por Rita de Cássia, que dizia ser sua protetora e a santa que ditava soluções para o impossível. Sua devoção era tamanha que costumava realizar verdadeiros banquetes, humildes, para comemorar seu nascimento, nos idos de 1381. Falavam de fé e seu esposo compartilhava sua feição à devoção da simples mulher. E neste ambiente, Charles foi criado, envolto na fé e ambição de servir a Deus quando tivesse melhor idade. Com cerca de oito anos, Charles se viu em uma perseguição a animais campestres, acompanhado de seu tio e amigo da família Lucca de Sorion; em determinado ponto da caça foi surpreendido por um ataque de animal feroz que dizimou os cachorros que os acompanhavam. Munidos de ferramentas rudes, os amigos de Charles o deixaram para trás e foi aí que o pequeno teve a sua primeira experiência com o impossível. Observou uma luz que vinha por detrás da fera e apaziguou o animal; estático, observou a besta dar meia volta e ir embora. Tratava-se de um javali de muitos quilos, pronto para o ataque. Apesar de ter presenciado o cenário, Charles não acreditou em sua visão e achou que se tratava de uma reação ao seu medo que o fizera perder o senso crítico. Após o incidente, em uma tarde, dois dias depois, Charles confessara o ocorrido a seus pais que interpretaram como um milagre, uma graça, mas o pequeno Charles achava que são coisas para não se acreditar. Uma pena, mas aquela luz iria participar de sua vida dali por diante.

Passaram-se alguns anos e Charles, já com treze anos, sabia bem o que queria: correr o mundo, ganhar dinheiro e deixar aquela vida de pobreza para trás. Aprendeu a domar cavalos e a produzir seus próprios calçados, pequenas botas para evitar as pedras do caminho. Era esperto e astuto e foi assim que, aos quinze anos, deixou o seu próprio lar para procurar novas paisagens. Carregava consigo apenas poucas moedas, pão e centeio para uma viagem não tinha destino ou rumo certo, só queria uma oportunidade para se fazer homem. E foi assim que Charles abandonou seu lar para nunca mais voltar ao seio de sua pobre família.

A crença, bem, Charles não acreditava em nada, dizia ser bobagem tudo que se referia a fé. A fortuna, dizia, era para os fortes; a pobreza, para os fracos. Nada o convencia quando se tratava de prece ou orações, coisas para os fracos, e para os fortes só a glória das batalhas lhe diziam alguma coisa. Esse era o Charles da novela que se inicia e, com sua longa caminhada, nos mostrará sortilégios e aventuras e por que não, desventuras sem o tripé amor, ódio e perdão. Coisas das quais Charles se alienava; mas a vida lhe ensinaria, através de rudes provações, o caminho da redenção. Charles de Naterville, seja bem-vindo ao nosso pequeno relato.

Por belas paisagens Charles passou e foi direto a um porto na costa francesa da Normandia. Disseram que barcos partiriam em busca de um novo mundo, mas Charles tinha medo de longas viagens ao desconhecido, preferia pisar em terras conhecidas. Ali, seu primeiro emprego foi de artesão de caça: fazia pequenas armadilhas para animais silvestres e acompanhava seus ordenadores em pequenas aventuras naqueles bosques, onde o imprevisível poderia se suceder. Foi assim que Charles gastou dois anos de sua vida, a serviço de pequenos nobres da região que detinham desprezo pelos pobres serviços do pequeno ateu, visto que Charles não crescera o suficiente para outros serviços que exigem força e habilidades manuais.

Em bela tarde de outono, Charles se despede do vilarejo, em busca de sua tão sonhada fortuna. Conheceu certos tropeiros que ensinaram a arte desse ofício muito procurado no mundo medieval, mas que agora, já iniciando outra época, não mais trazia tantas necessidades para o ambiente em que viviam. Tratava-se de profissão considerada até nobre, porém em desuso. Procuravam, através de seus conhecimentos de terra e vislumbramentos de áreas, regiões onde se pudessem assentar novas vidas, próximas a pastos, rios e facilitar sua comunicação com outras áreas. Charles sabia o que fazia.

Na primavera

Na primavera subsequente, Charles cai doente de peste e, milagrosamente, consegue se recuperar, mas com sequelas em sua fala e na tosse eventual que iria acompanhá-lo pelo resto da vida. Nesta paragem, os espíritos amigos o socorreram para que não sucumbisse em tão tenra idade e não deixasse de cumprir seu resgate a que se comprometeu na vida espiritual.

Já recuperado, trouxe consigo a certeza de que melhores dias viriam. Foi nesta andança que Charles conheceu Sarah, moça bonita que em três noites conquistou o coração do rapaz de Naterville e que, a partir de agora, passaria a partilhar de sua caminhada, seu destino e de suas angústias.

Assim começa a trajetória deste casal em busca da felicidade e da riqueza. Certa noite, Charles e Sarah dormiam no fundo de uma estalagem, quando ao recinto um homem esbaforido adentrou, vestido de preto e chapéu escuro e falou:

– Porcos, o que fazem aqui? Esta casa é minha, saiam imediatamente daqui, senão chamarei o senhor feitor desta estalagem. Quem são vocês maltrapilhos andantes?

– Calma, senhor – replicou Charles, apavorado. – Somos apenas um casal que pernoita.– Fora daqui, seus imundos.

E ao mesmo tempo açoitou o chão com um chicote. Charles e Sarah pegaram as coisas e mal arrumados saíram para fora, na noite fria.

Charles, na rua, se indagava: *Quem era aquele senhor que agira com monstruosidade? O que fizemos para sermos chicoteados por ele?*

– Maldito! – bradou.

Sarah pedia para que ele se acalmasse, enquanto pensava em uma solução de onde dormir, tarde da noite. Então, Charles e sua parceira procuraram abrigo em uma casa abandonada, a poucos quilômetros do vilarejo. Mal dava para se arrumarem, o frio os arrebatava e os pensamentos de ódio os perseguiam. Mal amanheceu e Charles falou à Sarah:

– Irei à cidade e falarei com o senhor da estalagem sobre o ocorrido. Afinal, pagamos algumas moedas pela estadia.

E foi assim que o jovem partiu em direção ao alojamento para tomar satisfações. Chegando já com o sol aparecendo, bateu à porta da pobre estalagem

e falou ao senhor Maurice sobre o ocorrido. E Maurice explicou:

– É o senhor Duboc, Conde das regiões próximas e de temperamento hostil, não gosta que estrangeiros peguem o quarto em que ele sempre fica. Mil perdões – se desculpava o estalajadeiro, devolvendo os dois denários pelo inconveniente.

Mas Charles não se convenceu e foi olhar pela fresta da janela este asqueroso senhor. Charles percebeu que havia uma maneira de lhe ressarcir o odioso gesto do senhor Duboc e penetrou devagar pela porta lateral que dava acesso ao pequeno compartimento. Em silêncio, usando um pano velho, tapou a boca do Conde e espancou-o até esmagar a sua coluna de encontro ao chão molhado e úmido, provocando a morte por asfixia e estrangulamento, fazendo-o debater-se até o último suspiro. Foi um ato violento e covarde por parte do tropeiro e, sem defesa, o senhor Duboc sucumbiu. Charles olhou próximo à porta lateral e saiu em fuga, em direção ao casebre abandonado onde Sarah arrumava fogo para aquecer o ambiente. Charles acalma Sarah, após a sua chegada, e diz para sua amada:

– Precisamos sair daqui, aquele homem que nos atacou ontem sucumbiu em cólera e os habitantes desta cidade virão em nossa procura. Vão pensar que eu o matei, visto que o dono da estalagem, Maurice, falou antes comigo que aquele senhor era mau e intolerante com os pobres e mendigos. Fui ao encontro dele e tentou me alvejar com suas esporas, mas o velho escorregou, caiu e bateu com a cabeça no chão, não acordando mais. Juro que foi acidente.

Sarah, em sua inocência, acreditou na versão do pequeno Charles. Pegaram suas coisas e fugiram às pressas, em rumo incerto pelas estradas, até atingir o pequeno grupo de cavaleiros na perseguição a um outro cavaleiro em fuga de seus algozes.

No início da tarde, o casal caminhava na estrada de Rouen em direção à Montpellier, quando um grupo de cinco cavaleiros passou a galope e, em disparada, cruzou para o lado norte da estrada. Alguns minutos mais e eis que passa, também em disparada, outro cavaleiro, vestindo roupas escuras e que mal olhou, indo em direção ao sul.

Não sabíamos que aquele cavaleiro estava em rota de fuga e chegava a ser um parente de Charles. Seu nome era Lucca, agora Robert Margot, tio de Charles, nascido em cidade próxima. Cruzou pela frente e foi-se embora.

Decorridos alguns minutos, eis que surge novamente o grupo de cinco cavaleiros, comandado pelo Bispo Arthur. Param e perguntam o rumo a tomar e se por acaso tínhamos visto tal cavaleiro em fuga. Passei as coordenadas do seu rumo e os cavaleiros seguiram na direção certa.

Ficamos olhando e ouvimos um barulho de longe, de algo caindo ao chão. Corremos no sentido dos cavaleiros e após quinze minutos de caminhada, encontramos sangue no chão e o cavaleiro em fuga, estirado com punhal encravado no seu abdômen. Reconheci aquele homem, mas nada falei. Ele havia caído do cavalo, se arrastado até o meio da mata e cometido suicídio porque não queria ser pego pelos seus perseguidores.

Já era um pouco tarde e os cavaleiros colocaram o corpo de Robert Margot no cavalo e voltaram a caminhar pela estrada.

Eu e Sarah resolvemos segui-los até próximo onde estavam e um cavaleiro agradeceu por termos indicado a direção correta.

– Você conhece este homem? – perguntou o chefe dos cavaleiros.

– Nunca o vi.

– Mas como você identificou em detalhes e nos deu a sua pista, por seus préstimos, aqui tem 10 denários. Finalmente, a caçada terminou.

– De que se trata? Pensei que fosse um ladrão em fuga.

Mas, sem muitas explicações, o cavaleiro recupera o corpo daquele homem morto por suas próprias mãos, coloca-o atrás de seu cavalo e, sem muitas palavras, deixa o local em um trote compassado, ficando Charles e Sarah sem entender a situação.

– Voltemos para estrada, pois a noite já se inicia e sua majestade espera que amanhã regressemos à corte com notícias deste incidente.

Os cavaleiros montaram acampamento. Charles e Sarah ficaram próximos ao grupo que dava risadas e se divertia, enquanto aquele corpo inerte, pendurado por cordas, próximo ao cavalo, em uma árvore para não ser atacado por animais, pendia em profundo e eterno silêncio.

À uma hora da manhã, Charles desperta de seu sono agitado, onde revê sua mãe e seus parentes em uma pobreza infinita. Acorda suado, mas não faz barulho para não acordar sua parceira Sarah. Ele olha à sua volta, vai até um dos cavalos e, em um alforje, lê um pedaço de papel com ordens de busca assinado por uma autoridade que desconhecia. Para ele, nada dizia aquele papel.

Então, Charles retorna para o lado de Sarah e fica pensativo. *Já sei, amanhã pela manhã, peço para acompanhar o grupo até uma cidade próxima, para que possamos comprar mantimentos e seguir viagem, mas, na verdade quero ver quem são esses cavaleiros e, quem sabe, ganhar mais dinheiro.*

E foi assim que, ao amanhecer, Charles ganhou a simpatia do chefe do grupo e o vai acompanhando até chegar ao pequeno vilarejo de Lacanbaria, povoado primitivo ao redor da cidade, próximo ao Sena. Sim, já estavam próximos a

Paris, distantes 180km da cidade que traduzia alegria e devassidão, amor e ódio, e que para um forasteiro seria sinônimo de busca de oportunidades jamais antes pensadas. Foi acompanhando aquele grupo que se deslocava em baixa velocidade, para não despertar qualquer suspeita. O senhor morto já começava a cheirar mal. Um dos soldados decidiu dar sua opinião sobre enterrar a vítima e levar todos os seus pertences como prova de seu fim, pois iria demandar mais dois dias de caminhada e cavalgada até o destino final. Era uma estrada cheia de atalhos traiçoeiros, o que poderia atrasar a chegada ao destino da viagem. Desceram dos cavalos e em uma cova rasa deitaram o corpo seminu daquele homem que em vida se chamou Lucca de Sorion, ou Robert Margot. Trouxeram uma pequena cruz de madeira feita com galhos rústicos e demarcaram o local para que, em caso de dúvidas, pudessem localizar o corpo.

Seguiram viagem. Charles pediu para orientá-lo a chegar até Paris, a boa e velha cidade que outrora tanto chamava atenção por seus belos bailes e noites alegres. Ele pensava que seria uma oportunidade de atingir o seu grande ideal de riqueza e fortuna fácil. Foi aí que o chefe do grupo deu o aceite para o casal passar a usar o cavalo que transportava o corpo do antigo senhor. A demanda levou mais dois dias e meio com poucas paradas e muita pressa.

Charles, ao adentrar em Paris, impressionou-se com as belas ruas e os afazeres daquela cidade. Sentiu-se feliz como uma criança que ganha um presente. Percebendo isto, Sarah interrogou o companheiro:

– Por que tanta alegria? Pensei que vínhamos só de passagem.

– Ora, Sarah, deixe de bobagem, podemos ver se conseguimos trabalho nestas paragens.

– Mas como, querido? Não temos conhecidos ou dinheiro suficiente para passarmos mais de uma semana nesta cidade e vejo que nosso destino não é aqui.

– Ora Sarah, deixe disso. Aliás, estes senhores poderão nos apresentar a alguém que nos indique um trabalho.

– Somos simples camponeses, não temos o traquejo destas pessoas da cidade – rebateu Sarah. – Por que tanta alegria? Não sejas ingênuo, logo nos colocarão em nosso lugar, poderemos até passar fome. Onde estamos, que ruas são estas?

– Acalme-se, Sarah, estes senhores nos guiarão.

E foi assim que Charles pediu ao chefe do grupo que lhe indicasse algum estabelecimento para procurarem trabalho. Pobre Charles, não sabia que estava sendo perseguido pelo espírito do senhor Duboc, que não o tolerava e achava que ainda estava vivo e faria de tudo para ver Charles e sua companheira

arruinados. Mas Charles não desistiu e insistiu com os homens de viagem para que o ajudassem, afinal foi testemunha de muitas aventuras naqueles dias.

O senhor Matrisse os acolheu em seu pequeno *chateau*, a dois quilômetros do centro da cidade grande. Alertou o casal que não poderia hospedá-los por muito tempo, visto que a propriedade pertencia aos seus patrões que se encontravam fora e que não iriam se demorar por dois meses, tempo suficiente para que eles encontrassem outro alojamento ou fossem embora para outra cidade. Indicação do mestre Pontertac, chefe dos cavaleiros e frequentador de seita obscura e sagrada para eles, os ditos templários, seguidores e protetores da herança do Cristo, a tão almejada fé que Charles e Sarah ainda iriam conhecer.

O desaparecimento de Charles

Passaram-se alguns dias no *chateau* e, numa bela manhã ensolarada, Charles e Sarah passeavam nas redondezas quando perceberam que algo estranho atravessava a estrada próximo à propriedade. Eram grupos de pessoas bem afeiçoadas que traziam consigo os rostos semicobertos com panos da mesma estampa, brancos com desenhos de cruz vermelha, como se preparassem para um ritual na noite próxima. Nada falaram, mas observaram com estranheza aquele cenário. Duas mulheres traziam cestos cobertos em suas mãos, acompanhadas de cinco homens que as conduziam. Eram nobres, com certeza.

A noite caiu e pequenas tochas com seus andantes denunciavam a chegada de mais pessoas em propriedade próxima. Charles se atreveu e foi observar de perto o que se desenrolava naquela propriedade vizinha. Viu um grupo de vinte e cinco pessoas, com dez homens com rostos cobertos e os demais acompanhando. Trouxeram pequenos animais da floresta, como coelhos, pequenos roedores e esquilos com pouca idade. Charles se esgueirou entre folhagens espinhosas e penetrou na propriedade até atingir o velho casarão que denunciava o local de encontro pelas luzes emanadas de velhos candeeiros. Era uma grande sala de reunião, onde Charles observava do lado de fora; fizeram um círculo no grande salão e Charles começou a testemunhar o início de um ritual macabro. As mulheres trouxeram um recipiente com ossos de animais recém-abatidos, ainda com sangue fresco, toalhas umedecidas e uma espécie de sebo que era derretido ao peso de chamas da pequena tocha. Ao pingar nos ossos fazia um tilintar de queimadura aos ouvidos dos presentes. Trouxeram também um líquido com aspecto de ervas aromatizadas, fizeram um caldo e, aos poucos, aquela mistura era servida para todos os participantes até chegar ao último.

Aquilo, senhores, era uma oferenda aos espíritos que já tinham partido desta terra, um sacrifício para antigos deuses que desapareceram no tempo. Chamava-se “Adoração para os mortos em batalha”, sangue vivo de animais sacrificados aos deuses obscuros daquele grupo. Tratava-se de uma seita, pensou Charles. Apavorado, tentou correr para longe, mas foi detido por dois homens que o flagraram na observação. Pobre Charles, foi neste momento que o seu destino começou a mudar.

– O que fazes aqui? – inquiriu um deles. – Quem és? Trazes permissão para

participar de nossa reunião?

Claro que Charles negou todas as perguntas, então lhe deram uma estocada na cabeça e ele desmaiou.

Eram dez horas da manhã do dia seguinte quando Charles acordou assustado com muita dor de cabeça e observou que estava enclausurado em uma pequena sala, onde havia objetos de tortura presos na parede e concluiu que se encontrava encarcerado em um recinto macabro. Quem eram estas pessoas? Charles se indagava e aguardava contato de alguém que ouvisse suas rogativas. Começou a gritar, ninguém ouvia; gritou mais alto, sem resposta. Era um preso? O que fariam com ele?

Depois de duas horas angustiantes entrou no recinto um homem alto e forte acompanhado de duas figuras com aspecto de finos nobres. Um se chamava Andrez, outro Carmonai, se apresentaram como guardiões da fé.

– Que fazias ontem à noite a nos observar? Para quem trabalhas? – perguntou Andrez.

– Sou apenas um viajante – respondeu Charles, relatando sua pequena aventura até chegar próximo àquela casa.

Todos ouviram com surpresa seus relatos mas não acreditaram; começaram a bater nele e perguntaram, novamente, para quem trabalhava, se era para o conde Manravio. Negou novamente e começou a sair sangue de seus lábios, então seus interlocutores fecharam a porta e o deixaram naquele recinto fétido e horroroso.

Enquanto isso, Sarah saiu à procura de seu companheiro, aflita, sentindo falta dele pela noite. Não conseguiu dormir, amava Charles, só ela o sabia. Foi até próximo da propriedade que ela e Charles observaram no dia anterior, mas não viu vestígios de movimento e ficou ainda mais aflita. Um aperto no coração lhe dizia que algo havia acontecido com seu amado, se desesperou e falou com o senhor Matrisse a respeito de suas suspeitas do desaparecimento. Mais de vinte e quatro horas se passaram e nada, nenhuma nota ou vestígio de Charles. Mais um dia passou, seu coração entrou em desespero, saiu chorando à sua procura, afinal era a única pessoa com quem contava. Uma semana se passou e Charles não retornou. Começaram os rumores de que um corpo havia sido encontrado próximo a um riacho. Não era Charles, o tropeiro, e sim um jovem rapaz conhecido por sua violência com as mulheres. Onde estava Charles?

A nova vida

Com o desaparecimento de Charles, Sarah resolveu pedir ajuda ao dono do *chateau* para resgatar o seu amado e foi assim que se disseminou uma suposta imagem de Charles por aldeias próximas.

O que Charles não sabia é que um de seus carcereiros tinha participado da caça ao homem que Charles ajudou a capturar, já morto. Chamava-se Homero, homem misterioso de poucas posses e fala arrastada, que vinha acompanhando o drama do pequeno Charles desde que ele chegou à prisão renascentista que ficava a 15km de Paris e era reservada para presos de oposição da monarquia, gente de poder, sem dúvida. Charles o reconheceu depois de vários dias de solidão.

– Lembras de mim? – perguntou Charles. – Sou eu, o informante que ajudou teu grupo a localizar aquele homem nas estradas de Rouen.

– Sim, claro – respondeu Homero, dando pouca importância.

– Quem és, por que me manténs neste presídio? Dize-me o que sabes.

– Ora, meu caro, achas que vou te falar do teu infortúnio? Cala-te e fica quieto, senão chamarei os outros carcereiros.

Pelo visto, Charles não fez bom agrado, mas depois de um tempo, em um turno da noite, eis que a porta do cárcere se abre e com pequena tocha na mão, aparece Homero e outro companheiro alto, que Charles identificou como o chefe dos soldados daquele dia já distante. Passaram-se seis meses de isolamento quando Charles foi inquirido:

– Não sabes do que te acusam?

Charles apenas diz que sabe que viu um templo de julgamentos macabros, uma seita.

– Pois bem, tens razão, trata-se de uma seita em expansão por aqui e sobre ela deverás guardar segredo, pois disto depende a tua sorte de sair daqui. Tens o mérito de nos ter acompanhado e não poderia deixá-lo aqui jogado, neste infortúnio.

Então, Charles suplicou com todas as suas forças que lhe restavam, implorando clemência e lealdade àquele novo amo. Assim que ele se livrou dos cantos escuros e fétidos da masmorra, com trajes rasgados e aspecto de mendigo malcheiroso, foi levado à uma pequena casa nos arredores de Paris, onde recebeu

um pouco de comida e vestes novas. A partir daí seria um novo Charles, um outro homem, mais protegido, mais cobrado por seus novos donos.

Eis que surge um novo dia e Charles desperta com uma ponta de faca em seu pescoço. Eram seus companheiros algozes, informando que a partir daquele momento passaria a se chamar Ileneve ou Ilesol, como quisesse. Seu passado seria destruído, seus amores, esquecidos, pois esta nova identidade mudaria a sua vida para sempre. Era necessário torná-lo um novo homem, para novas missões. E o pequeno Il se tornaria um escravo de si e de outros. Passaram-se dois anos, corria o ano de 1435 e Charles aprendera a se defender e atacar com espadas e outros tipos de armas, como a bola com espinhos, a catraca com lâminas, os punhais e objetos pequenos de tortura e ataque.

Era considerado habilidoso com lanças de longas profundidades e as flechas eram certeiras em suas mãos. Mas... Como esquecer Sarah? Sua dócil pequena que ficou para trás num gesto de desespero para salvar a própria vida. A vida sem ela não era uma vida aprazível. Tornara-se um matador, um réptil, a serviço de pessoas poderosas e que esperavam o fiel cumprimento do dever. Charles não tinha mais sua mãe para orientá-lo, nem Sarah para aconselhá-lo, somente seus companheiros de caça – caça humana.

Após mais seis meses, partiu o pequeno Charles junto ao grupo para longínquas terras da Escócia, após tormentosa travessia de barco que quase ceifou sua vida. Nada diria ao seu chefe que o tratava friamente, mas com respeito, pois o treinara em momentos de extrema dificuldade e sabia do potencial de Charles. Tinham como missão sequestrar um lorde destas terras escocesas e trazê-lo até perto de Paris, para legitimar um castigo imposto pelo senhores feudais das terras holandesas, oriundo de um pacto entre nobres das duas nações. Dizia-se que este trabalho inicial renderia a Charles reconhecimento e talvez agradecimento pela coragem e desenvoltura.

Entraram em um castelo fortemente armado e conseguiram derrubar suas defesas e sequestrar o tal lorde, que mais parecia um homem desprezível pela sua atitude e arrogância. Foram perdidos alguns homens nesta empreitada, mas Charles conseguiu sobreviver com ajuda dos céus, pois pequenos arranhões o atingiram e flechas o feriram de raspão. Nove noites de lutas e depois o silêncio.

O castelo caiu e Charles recuperou seu crédito de homem de fé e glória para seus superiores. Nisto, ninguém duvidou da sua bravura e foi com este conceito que nosso pequeno herói subiu ao posto de comandante do grupo de atiradores de elite do exército francês. Novas missões vieram e novos triunfos foram feitos, à custa de muita luta e suor; poucas lágrimas ele derramou. Poucos amigos ele

tinha, somente suas lembranças o atormentavam. E assim, partiu para outras guerras.

O destino de Sarah

Depois de dez horas de caminhada em direção ao norte, Sarah chega a um sítio onde encontra parentes de sua mãe que a acolheram com surpresa e delicadeza, pois não sabiam que tinha perdido seu companheiro de desventura. Perguntaram a ela os fatos ocorridos e se surpreenderam com seus relatos tão deprimentes. Foi quando seu tio Jack teve a ideia de procurá-lo na guarda do território francês, talvez lá tivessem notícias do jovem desaparecido. Um certo major Froirás prometeu ajuda para procurar em presídios e quartéis, mas sem levantar suspeitas. Retornou com outras notícias que aquela família gostaria de ter, visto que, pelos relatos, existia a possibilidade do tal Charles já ter sido executado em algum terreno e dado como desaparecido. Foram-se embora com a promessa de notícias breves. Charles foi procurado por um enviado do major nas penitenciárias próximas a Paris e encontrado de acordo com as características relatadas, mas aquele major recebeu ordens de não revelar o verdadeiro destino do pobre Charles, pois ele já havia morrido para o mundo e renascido em outra oportunidade de vida. Foi assim que o major Froirás relatou à família de Sarah que Charles desapareceu misteriosamente, sem dar vestígios de seu paradeiro. O caso foi encerrado.

Sarah se desesperou por completo e quase perdeu sua vida em depressão contínua que quebrou seu ânimo e a sentenciou para uma vida sem prazeres ou sentido. Após dois anos, Sarah se despede da família de seu tio e vai à procura de emprego em salões de família, na cidade de Paris, sem suspeitar que um dia iria rever Charles em uma outra posição, outra vida. Sarah se emprega na casa do Duque de Amberville e passa a cuidar da vida de seus patrões com dedicação e ternura.

Os Amberville tinham ambições das mais variadas, das artes até o interesse por armas, passando pela música e pintura, o que tornou sua casa centro de peregrinação de amantes da cultura vigente na época. Sarah encontra um amigo de infância, Pierre, que a ajuda em seus deveres e ganha confiança dela para juntos tentarem uma nova vida, apesar de não esquecer Charles.

Certa manhã, próximo à residência dos Amberville, Sarah fala com uma cigana que lê a sua mão e prevê que seu verdadeiro amor estaria vivo, em terras longínquas, e que um dia retornaria para seus braços. Sarah sorriu com desdém e

saiu correndo sem rumo, muito abalada com as previsões daquela cigana. Correu por algumas léguas, mas voltou para seu posto de trabalho, envergonhada por acreditar naquela feiticeira de rua. Sarah não desconfiava que aquela posição dada pela cigana, nada mais era do que uma leitura dos seus pensamentos, mas que, coincidentemente, se transformaria em uma verdade parcial dada pelo destino a ser cumprido. Sarah ainda amava Charles, mesmo com uma distância inimaginável. Foi assim que ela suportou durante muitos anos a ausência do amado.

Os dissabores da guerra

A queda de Charles

Charles, sem rumo ou destino, prosseguia em seus combates junto com o exército francês, chegando a participar de várias batalhas importantes para a época. Ficou conhecido como Ligeirinho das Antúrias, ou somente *o Ligeiro*. Fazia corridas nos campos e surpreendia os companheiros com sua sagacidade e coragem nas situações de perigo. Gostava de pilhar os lugares por onde passava e foi assim que ele amealhou vários objetos dos vencidos.

Pobre Charles, sem rumo e sem espírito de benevolência, prosseguia no seu caminho, sem destino certo, à procura de amor e riqueza. Foi quando conheceu o bispo de uma cidade atacada pelo seu exército que julgou ser um simples padre e passou a receber conselhos como compaixão com seus inimigos, indulgência e caridade para com os pobres. Apesar de Charles não entender bem o significado, passava a se lembrar da sua doce Sarah. Estaria perdida em algum lugar próximo a Paris? Ou já teria constituído família longe dali? Não resistiu e caiu num choro compulsivo ao se lembrar de sua amada.

Após as dez horas da manhã, um último toque de corneta avisa que inimigos estavam próximos e Charles preparava mais uma vez sua baioneta, encaixando-a no rifle que iria utilizar por mais uma centena de vezes. Esperou por mais quinze minutos e, ao ouvir os primeiros tiros de canhão e espingarda, passou a mirar e escolher os inimigos que se aproximavam. Atingiu vários soldados no *front*, mas foi ferido com tiro de bala de canhão que caiu próximo a ele e os estilhaços atravessaram a parte superior da sua perna direita, provocando sangramento imediato, paralisando-o com uma dor lancinante. Caiu e chorou.

O tempo passou e Charles ficou inconsciente pelo resto da manhã até que seus inimigos o avistaram gemendo e resolveram resgatá-lo para suas linhas. Fora preso novamente, agora sem tribunal de apelação. Era março do ano de 1436, ainda chovia e o frio se abatia naqueles campos inglórios. Nada de bom se via naquele cenário inóspito.

Foi quando Charles pediu misericórdia a seus algozes, que preferiram deixá-lo ferido para morrer por ele mesmo, longe de seus companheiros, de fome e frio. Após três dias de completa solidão, eis que passa no local próximo onde Charles fora abandonado, um pequeno grupo de viajantes que, fugindo da guerra da

região, se dirigiam para o norte da Europa em fuga dos seus principais algozes: a fome e a miséria.

Era um grupo formado de cinco homens e quatro mulheres, além de cinco crianças em idade de dez e onze anos. Tratava-se da família Jhonson, imigrantes de terras inglesas à procura de bom pasto para o rebanho, além de caça abundante. Avistaram um homem gemendo, quase imóvel, que se identificou como Il, soldado graduado do exército francês, ferido em sua dignidade e honra. Doente, pediu ajuda e proteção, pois logo seria caçado por animais famintos. E foi assim que, mais uma vez, Charles foi socorrido pelos céus e na terra pelos homens de boa vontade, já que se identificaram como devotos de Cristo.

Charles relata sua breve história da última batalha e pede ajuda, já que tinha fome, sede e delirava, quase desfalecendo. Levaram-no na carroça que acompanhava o pequeno cortejo em fuga.

A noite caía quando Charles foi levado para uma pequena tenda armada de improviso e, deitado no chão, iniciaram os curativos do ferimento quase apodrecido, com lama sulfúrica e medicamentos à base de álcool e ervas medicinais cicatrizantes. Doía muito, mas Charles aguentava com bravura aqueles momentos de extrema necessidade.

Foi alimentado com sopa rala e resto de pão; era só isso que o grupo dispunha para sua jornada, além de algumas frutas secas colhidas no verão e armazenadas para o inverno. Deitaram e pegaram no sono. Charles ardia de febre e frio. Nada o consolava, somente a saudade da infância vinha à sua mente atordoada. Começou a gemer e a gritar, acordou o grupo e foi medicado com planta medicinal em forma de chá para diminuir a febre e a alucinação. Estava entre a vida e a morte, ninguém mais para socorrê-lo, nada mais a fazer.

Foi quando um pequeno anjo sem asa, uma luz de cores brilhantes, chamou atenção de Charles inconsciente, mas perceptível ao meio. Veio até ele e disse:

– Meu amigo, encontra-te em situação delicada, mas hei de ajudá-lo. Tens melhora lenta de teu sofrimento, mas tens oportunidade única de te levantar e prosseguir com fé em Cristo, que te deu este momento de vida. Nada tens feito de bom para ressarcir teus débitos com o Mestre. Ama teus inimigos e segue para libertar-te; os anjos da redenção te guiarão, te ajudarão no teu intento, não saias da estrada e pensa que teu óbolo será a glória para os céus. Teus anjos te guiarão para o bem e para a glória do Senhor.

Charles acorda sem dor e com nova disposição para trabalhar.

Os pedidos de Charles

Trajando vestes esfarrapadas em decorrência do seu ferimento, Charles continua em situação delicada perante o grupo caridoso que o socorreu, visto que os mesmos também fugiam de perseguições e guerras, e sobretudo lutavam pela sobrevivência. Foi aí que um dos integrantes, Monsieur Bunou, pediu para que Charles reanimasse seus relatos e informasse ao grupo o melhor caminho a tomar e fugir daquela região conturbada. A seu ver, o norte era mais propício para a fuga e a busca de nova vida.

Charles indica o sul, visto que em península próxima ao mar seria mais conveniente para a intenção do grupo. E após uma conversa com os familiares, o grupo decidiu voltar para a região ao sul da Europa, onde poderiam fixar nova residência. Não tardaram e tomaram caminho em direção à região ibérica, mais precisamente para Espanha e Portugal, onde teriam um clima mais seco no verão. E, assim, a pequena caravana de colonizadores partiu levando o pequeno Charles, a contragosto, porque ele ainda não reunia condições de locomover-se por conta própria.

Cruzaram regiões ásperas e agressivas, levando mais de quarenta dias na demanda até chegarem a um povoado de língua espanhola. Foram surpreendidos pela recepção calorosa dos locais que os instruíram a procurar o pároco da cidade e se informar a respeito de glebas disponíveis para aquisição e assentamento daquela pequena família. O senhor Leandro, um ativista local, recrutado pelos poderosos da região, alertou que as terras próximas ao lago, junto à cidade, já tinham donos e portanto não deveriam invadi-las para caça ou pesca, com pena de retaliação física.

Muito se chorou de emoção ao se depararem com área bem grande e com possibilidades de plantação. Estavam ao norte da Espanha onde o bom vinho e o cultivo da terra era o suficiente para que as famílias sobrevivessem.

Tornaram-se amigos dos locais e não tardou para que outros agricultores se juntassem àqueles estrangeiros na construção do alojamento, demarcação de terras e preparação para a lavoura de frutas e hortaliças. Ficaram bem impressionados com o cultivo da uva e outros derivados das parreiras. Sentiram-se felizes, menos o pequeno Charles, que não podia andar, apesar de terem se passado seis meses desde a chegada dos Jhonson em terras espanholas.

Tarde da noite, em reunião da família, eis que Charles comparece para dialogar com o grupo e informar que tão logo possa, demandaria viagem de volta à França e, quem sabe, à sua velha Paris, mas sabendo que lá poderia ser acusado de desertor da pátria.

Pela manhã, Charles avista um manuseio de peças do arado e constrói uma pequena cerca para animais de abate que serviriam para subsistência daquela família. O verão forte chegou e ele, já com suas provisões e um bom cavalo, começou a viagem de retorno a sua pátria.

Mal tinha iniciado a demanda de dois dias de cavalgada, cai nas mãos de bandidos da estrada que lhe roubam as vestes e o cavalo, colocando-o a pé. Pede ajuda nas cercanias, onde tinha uma cabana meio abandonada e descobre um tesouro de relíquias de alguém que colecionava quadros e painéis. Ficou fascinado com o que viu e não perdeu tempo, foi à procura de outros objetos de valor como joias e utensílios de troca. Pegou uma pequena charrete dos proprietários da cabana e fugiu em direção à estrada sombria com muitas mercadorias que encontrou neste lugar isolado. Não sabia que se tratava de pertences de um senhor de terra poderoso e passou a ser procurado nas imediações por capangas e malfeitores pagos para perseguirem inimigos do senhor da terra. Logo Charles foi alcançado e teve que novamente se esconder nas imediações. Outra lareira o atraiu e ele se refugiou na casa da família Salvrés, alegando perda de seu cavalo, após a queda que o machucou e o desnorteou. Pobre Charles – sem rumo, sem vida, sem amparo.

Pela manhã, ele seguiu caminho novamente, desta vez escoltado pelo senhor Salvrés, homem ríspido e correto, que o levou para o centro de um povoado já próximo à fronteira francesa. E, assim, Charles retornou ao seu país, sem traços que o identificassem como o homem de outrora. Sentou próximo de uma pedra e sua consciência o lembrou daquela noite em que, desfalecido e ferido, quase morto, sonhou com um homem que lhe dizia que seu caminho deveria ser pautado pela confiança em Cristo. Mas quem é este Cristo que até agora não o tinha ajudado em nada nas suas demandas? Praguejou sua sorte e rogou para que os céus o ajudassem a reconstruir sua vida e trazer de volta o seu amor inesquecível, Sarah. Neste momento, apareceu um homem viajante que o acudiu e ofereceu ajuda para tirá-lo daquelas paragens. Chamava-se Pedro.

A luz no caminho

Naquela época, em que os homens amavam suas terras mais que qualquer coisa, Charles foi convidado pelo venerando amigo Pedro a conhecer o outro lado da vida, a vida dedicada aos rudes pobres do auxílio aos outros seres humanos, através do trabalho em prol da humanidade mais justa e igualitária. Mostrou-lhe o quanto se fez necessário aos homens de boa vontade a dedicação aos pobres e desamparados pela sorte da vida. E foi assim que Pedro convenceu o futuro auxiliador dos necessitados a se comprometer em ajudar a Ordem à qual Pedro pertencia, para o progresso da humanidade. Esta Ordem vinha desde o início da Idade Média e sua dedicação aos pobres era notória e seu marco principal, o estandarte que Cristo colocou nas mãos destes dedicados seres para alavancar a caridade nestas terras vis, sem remorsos e sem piedade. Era a Ordem dos Jesuítas, da Companhia de Jesus, que tanto procurou se estabelecer em terras longínquas para levar a palavra daquele que se sacrificou no madeiro em salvação dos pecados desta humanidade repleta de necessidades espirituais.

Foi assim que Charles adotou um novo nome, recém batizado pelos componentes desta irmandade como João de Deus. Ele passou, assim, a adotar este nome em seus estudos e peregrinações em companhia de seus novos amigos: descobriu um novo mundo, com novas e brilhantes ideias a respeito do bem-estar do próximo.

João dormia ao relento, alimentava-se pouco, mas tinha uma resistência física que impressionava até seus companheiros. Aprendeu a orar e a se concentrar no Criador, Deus, como sendo o pai de todos e do universo. Esse era o novo Charles, que com sua perseverança e atitude adquiriu a confiança dos seus companheiros de crença.

Certa vez, em seu retiro espiritual de costume, próximo a um riacho, estava João de Deus a contemplar as estrelas do firmamento recém-aparecidas, quando um vulto apareceu próximo à beira do lago e começou a se tornar um interlocutor:

– João, não temas. Estou aqui em paz para saudá-lo em sua decisão.

João cai para trás e, em um impulso, pensa em correr daquela aparição. Tratava-se de bela visão, um homem de seus 1,70m, trajando vestimentas claras, brancas, com pequena barba em seu queixo, cabelos aloirados; mas Charles,

pego de surpresa e aterrorizado, permanece imóvel ouvindo aquela voz doce e apaziguadora:

– Doravante ajudarás os filhos de Deus, as pessoas carentes e sem rumo. Pensarás em abandonar o ofício que, com cenas repugnantes o deixará aflito, mas perseverarás, pois o Altíssimo o convocou para ajudá-lo na sua obra e abraçarás com ternura a sua missão. Não olhes para trás, somente ouça as palavras do Mestre que tocarão teu coração: o filho estava perdido e foi salvo!

E, com estas palavras, o vulto do homem desapareceu e o aterrorizado João de Deus permaneceu em atitude perplexa por alguns minutos. Debruçou seus ombros em pequena pedra e começou a chorar e pedir perdão por todas as faltas que tinha cometido até então, mas o que Charles não sabia era que seus pecados já tinham sido perdoados e que, a partir daquele momento, iniciaria uma caminhada de encontro ao mais sublime ideal da vida terrestre, que é o amor ao próximo, a dádiva de Deus. E, assim, Charles volta para seus amigos e relata o ocorrido, sendo acreditado por alguns e desacreditado por muitos. Aí começa a verdadeira prova para João de Deus, o início de sua peregrinação em busca de um ideal, uma caminhada.

Rapidamente todos os seus companheiros passaram a seguir suas ideias a respeito da doutrina do Mestre; suas anotações e receios também eram compartilhados. Charles não queria mais perder tempo, deveria iniciar logo um trabalho de catequese e apoio aos necessitados. Andou pelas regiões dos Alpes franceses e depois partiu para Borgonha. Seus companheiros de caminhada o admiravam pela sua tenacidade e dedicação aos mais necessitados.

Charles sentia seu coração cada vez mais livre dos preconceitos, sentia-se bem com toda sua nova atitude. Eis que se deparou com o grupo de idosos doentes que haviam se juntado em pequena comunidade carente e foi aí que Charles teve a ideia de iniciar um trabalho de amparo e mendicância em prol daqueles seres já em fim de vida. Tomou a cruz de Cristo e foi pedir ajuda em ruas e becos das cidades próximas. Mendigou por vários dias até chegar ao ponto da exaustão e conseguiu um punhado de pães e algumas hortaliças para o grupo de doentes. Teve a ideia de fundar uma congregação de amparo aos pobres e necessitados que se chamou a *Ordem dos Frades Menores* em apoio aos idosos sem rumo. Começou, então, a fazer campanhas constantes de doação e aceitação por parte dos incrédulos habitantes daquelas paragens. E o amor do Cristo uniu os homens de boa vontade.

A peregrinação de Charles

Em seus novos afazeres, Charles discutia com seus companheiros a respeito dos rumos a tomar naquela nova fase de sua vida dedicada ao Nosso Senhor Jesus Cristo, visto que sentia a necessidade de praticar a caridade a todo mundo. Só que para isso seria necessário achar pessoas dispostas a fazer doações importantes para seus projetos de ajuda aos pobres e desamparados, já em idade avançada.

Ninguém do grupo estava com disposição intelectual ou moral de manobrar esta nova entidade que ele planejava durante os últimos três anos. Como, então, João de Deus poderia colocar seus projetos em andamento? Pensou e decidiu buscar recursos generosos nos arraiais da velha Paris, sim, na cidade que tanto almejou constituir família e morar até o fim de seus dias. Não dava para contar com os seus companheiros, pois sua anunciada congregação ainda não tinha bases teológicas suficientes para ser instalada ou reconhecida pelo Papa Emérito que tomava conta dos negócios da Santa Igreja.

Colocou-se a caminho da velha Paris com pequeno grupo de três frades franciscanos que tinham simpatia com a causa do venerável irmão e levaram cerca de dez dias de caminhada sob o sol escaldante do verão de 1439.

Chegaram exaustos e foram acolhidos em velho monastério pertencente à ordem franciscana. O nosso pequeno Charles, agora João de Deus, interlocutor dos pobres, chega aos arraiais da bela cidade, empolgado com os novos rumos que almejava conseguir para a sua causa.

Bastaram três dias de insistentes pedidos para a realeza e a nobreza parisiense fazer o pequeno pedinte sentir necessidade de pedir ajuda para alguém influente junto àqueles nobres insensíveis. Solicitou a ajuda do Monsieur Platini, homem de nobre estirpe que conhecera ao redor da pequena cidade, próximo ao rio Reno e que, simpático à causa, aceitou dialogar com certos nobres que conhecia para pôr João de Deus em contato com a nobreza parisiense, visto que os nobres só queriam ser incomodados com justa causa autorizada pelo bispo local. Dez dias de andanças e nada. Seria mais difícil do que João de Deus pensava. Aguardar dias melhores era sua esperança.

Diante de tamanho desencontro, Sarah e seu par Pierre já estavam juntos há cinco primaveras. Tiveram dois filhos que, pela graça de Deus, nasceram sob o

amparo da casa dos Bourbon, família com riqueza suficiente para comprar várias vilas de casas e terras para plantio.

Tudo transcorria na santa paz de Deus até que, em bela manhã, Sarah presencia um jovem plebeu anunciar a visita de um grupo de religiosos a procurar o dono das terras próximas de seu patrão, na esperança de conseguir doações para uma certa causa religiosa. Foi aí que Sarah vislumbrou a fisionomia do seu antigo amado Charles, agora diferenciado pela idade e por vestimentas diferentes daquelas que costumava usar: estava barbado, com cabelos precocemente grisalhos e andava de forma um pouco oscilante. Deveria ser Charles ou alguém muito próximo de seu antigo amante. Fitou a cena de longe, mas não se atreveu a perseguir o grupo, visto que a diferença de ambiente e a surpresa do momento a deixaram sem perspectiva de uma abordagem segura. E se realmente fosse seu antigo amante, como poderia superar tal acontecimento?

O desertor da pátria

Eram oito horas da manhã, João de Deus preparava-se junto ao grupo de frades para percorrer as ruas e palácios de Paris à procura da tão sonhada doação que pudesse levar seus planos de benevolência adiante. Eis que, à porta do pequeno prédio, formou-se uma guarda de polícia do exército francês à procura de Charles, o desertor das batalhas de Ville August, ao norte de Paris, no ano de 1435. Fora reconhecido por um antigo companheiro seu, em cujo pelotão os parceiros haviam servido e que Charles abandonara por ferimento grave, e não uma deserção pura e simples. E, nas andanças de mendicância, o ex-companheiro o reconheceu e o denunciou em troca de poucas moedas de prata. Charles surpreendera-se e tentou fugir, mas foi alcançado pelos homens que corriam mais do que ele. Sim, já não era o mesmo ligeiro e astuto Charles, deixara-se abater pela idade e pelos momentos de sacrifícios já vividos. Após dois dias de interrogatório, ele foi preso sob alegação de traição à pátria e devia ser julgado nos próximos dias para ficar no calabouço por, no mínimo, trinta anos, tempo suficiente para aquele desertor deixar seus pensamentos de arrependimento tomarem conta do seu ser. Por esta, ele não esperava. Tinha receio, mas confiava na providência divina para guiá-lo por aquelas terras onde antes sonhava em ser acolhido para se tornar, quem sabe, um homem de projeção.

Ledo engano. Aquela cidade fervia prostituição e avareza, além do que, a nobreza massacrava mais a classe dos pobres e desvalidos, exigindo o recolhimento de mais impostos para financiar o luxo e as guerras. Charles novamente encontrava-se sem rumo, sem destino, sem amor e sem paz no seu coração.

Após dez dias de reclusão, Charles é procurado por um rapaz de seus trinta e cinco anos, cujo nome era Monsieur Patrese, tido como um brilhante advogado que aceitou a causa para defender aquele suposto traidor da pátria corrompida. Pediu para Charles desvendar toda sua verdade, em detalhes, para que pudesse articular sua defesa, mas assegurou que o caminho não seria fácil, pois a Corte era sempre rígida nos julgamentos, principalmente com respeito a deserções. Quem estaria ao lado do pobre Charles então? Esperariam alguns dias pela resposta.

Em uma bela casa, na rua das Antures, morava a família Bourbon e sua criadagem, que se constituía de arrumadeira, copeira, cozinheiro, mordomo e os vigilantes. Era uma família abastada que possuía muitos bens e tinha bom relacionamento com a Corte. Eis que a serviçal Sarah detinha ótimo relacionamento com os patrões que, muito exigentes, gostavam dos trabalhos executados por ela, cujo esposo, Pierre, trabalhava nas cercanias, no cultivo e venda de flores silvestres para os apaixonados de Paris. Moravam próximo ao palácio real e não tinham o menor traquejo com as pessoas menos favorecidas pela Corte.

Eram alegres, mas avarentos no que diz respeito a partilhar o pão, apesar de sempre frequentarem as missas obrigatórias do calendário cristão para a época, pois eram tementes a Deus e achavam que seu destino como família seria povoar a França, com os mais robustos descendentes da nobreza real. O senhor Bourbon tinha um título de nobre, Duque de Amberville, às custas de serviços prestados ao rei e que nada mais eram do que uma paga por serviços obscuros, na época em que Bourbon era exímio esgrimista.

Foi então que a desventurada Sarah descobriu que seu antigo amor do passado havia sido preso pela guarda real, pois aquele religioso era um traidor da pátria. Ficou sabendo através de um pequeno andante que sempre trazia notícias das prisões da cidade. Como visitá-lo, se trabalhava diariamente em seus afazeres? Como ajudá-lo? Ela não tinha as mínimas condições de ajudar seu antigo amante. Sarah ainda sentia um frescor ao se lembrar de Charles, apesar de gostar de Pierre. Não poderia deixá-lo abandonado naquelas masmorras infectas, era injusto. Sarah reuniu forças e falou para a senhora Catarina de Bourbon a respeito do antigo amor e que ia averiguar os fatos de que o acusaram.

A senhora Catarina, penalizada por aquela situação, se dispôs a comentar com seu esposo e tomou uma atitude no sentido de ajudar o antigo tropeiro. Momentos de silêncio tomaram conta de Charles. Não sabia que tal sorte o teria levado àquelas masmorras. Sem Charles perceber, um grupo de espíritos desencarnados, encabeçados por uma mulher de nome Beatriz surge dentro da cela e ri bastante de Charles.

– Não falei que nós iríamos te pegar, seu tropeiro de araque?

Várias palavras de baixo calão foram proferidas contra Charles. Eram espíritos baixos, vingativos que acompanhavam sua trajetória desde o início de sua jornada na terra e faziam de tudo para o pequeno tropeiro cair em desgraça.

– Tu me deves muito – disse o outro espírito com ar de revolta.

– Não serás o mesmo que nos enganou – gritou o outro.

Como podem ver, meus amigos, Charles sempre teve na sua caminhada certos inimigos do além que o acompanhavam nos momentos mais dramáticos, só que, pela misericórdia divina, havia também espíritos simpatizantes com Charles, que o ajudavam nas piores situações.

Mas o que ele fizera de tão pecaminoso para encontrar-se com tantas companhias ruins? Veremos o que será de sua vida e sua resignação para com o divino Mestre a ponto de suportar seu destino. Até os infelizes clamam por mais sorte, mas Charles clamava por penitência; seus pecados somam amor e ódio contra ele e até o assassinato do velho, nesta vida, depõe a favor dos seus inimigos. Nada será sem o perdão das existências anteriores.

A libertação de Charles

E assim falou Charles:
“Era noite, fazia frio, meus pensamentos deliravam como o sol em brasa. De repente batem à porta e um olhar feminino através da pequena janela denuncia a presença dela, a minha querida e amada Sarah, que há tanto tempo abandonei para salvar-me dos perseguidores. E agora, novamente preso, nestas quatro paredes de prisão infecta, aquele olhar me denunciou compaixão, pena, provavelmente daquele estado confuso e deprimente em que eu me encontrava. Olhei novamente e vi lágrimas caírem dos olhos enegrecidos e que o tempo deixou passar para longe de mim. A porta abriu-se lentamente e surgiu a figura esbelta e maravilhosa daquela mulher que um dia fora a minha companheira de todas as horas. Sim, Sarah, meu amor de longas datas; mas, eu, assim, não tinha condições de fitá-la, abrir um sorriso ou saudá-la. Eu estava estático, arruinado e febril, pois aquelas masmorras tinham debilitado as minhas forças. Mas como eu ainda a amava, vi em seu brilho, no olhar, momentos gloriosos de recordação daqueles dias majestosos ao seu lado. Ah! Como ainda amo aquela mulher, mas veio ao seu lado aquele defensor que me fez perguntas deploráveis de meu negro passado. Mas como amo Sarah! Só isso me vem à cabeça. Tento me levantar, vagarosamente, e passo a fitar minha antiga amada, seu leve perfume me atordoou, não era mais uma simples mulher; tinha traços finos e agora se vestia melhor. Oh! Deus, como pude abandoná-la? Perdoe-me, Sarah!”, pensei comigo e ela com o olhar entristecido começou a dizer:

– Charles, meu amado, como viestes parar aqui, neste local tão horrível? Estou chocada ao ver-te neste estado, barbado, maltrapilho, feições magras, como foi que me abandonaste? Amava-te intensamente, quase enlouqueci quando me deixaste naquele sítio, fiquei perdida e nada pude fazer para encontrar-te.

Os dois se abraçaram, como dois velhos conhecidos, lágrimas caíram das faces de ambos e Charles começou a falar como criança:

– Perdoe-me, meu amor, prometo te contar tudo o que ocorreu, como quase morri para manter-me vivo, mas tive que sacrificar nossa existência juntos. Só agora sei que de nada adiantou, olhe como me encontro, largado aqui nesta prisão fétida. Salva-me e te reconhecerei gratidão para o resto da minha vida.

E os dois continuaram a se abraçar, agora com a ausência do advogado

inoportuno que, percebendo a intimidade do casal, os deixou a trocar confidências.

– Amo-te muito, Charles, mas agora tenho família e amo Pierre também, homem que me respeitou e me deu casa e dois filhos. Respeito ele e tudo o que tem feito por mim, mas agora vim para ajudar-te a sair dessa situação. Confessa-me os teus delitos e pedirei a quem eu puder para soltar-te deste calabouço.

E assim Charles passou a discorrer sobre sua tragédia. A cinco quilômetros dali ficava a casa do senhor Bourbon e com ele, sua família aguardava ansiosamente notícias de Sarah e de seu advogado. Pensaram em ir até a prisão, mas deveres importantes impediram o senhor Bourbon de prosseguir com seu intento.

As horas passavam e Sarah não retornava com as notícias e então Pierre apareceu na casa e pediu para falar com Sarah. Seus patrões intervieram e disseram que ela tinha se ausentado em busca de deveres para com os patrões. Pierre foi embora. Já eram nove horas da noite quando Sarah retornou em prantos e relatou todos os fatos que levaram seu amado ao infortúnio do calabouço. O senhor Bourbon prometeu tomar providências no dia seguinte, em favor do pequeno Charles.

Passavam das dez horas da manhã e um juiz, amigo do senhor Bourbon, pediu para que o prisioneiro fosse apresentado à Corte para receber seu veredito, visto que as acusações dos autos eram suficientes para incriminá-lo. Mas, com a chegada de novos e elucidativos fatos, o juiz decidiu libertar Charles, sob a condição de se apresentar novamente ao exército e reunir forças para novas batalhas.

Assim o pequeno Charles ganhou liberdade, graças à sua amada de sempre, Sarah, atual senhora Pierre.

E o pequeno Charles partiu cabisbaixo pelas ruas de Paris a procurar abrigo e, posteriormente, se apresentar ao exército para novas aventuras.

Sarah não o esqueceu e o procurou em uma pequena pensão na rua Lafayette, no centro da cidade, levando provisões e consolo para aquele homem, em fim de campanha pela liberdade.

– Não temas, Charles, estou aqui para te ajudar, não posso ver-te assim. Meu esposo não sabe da tua existência, mas aceita o que te trago, pão e um pouco de vinho para derramar nas tuas feridas, é só o que tenho. Ainda não consigo esquecer-te daqueles velhos tempos, mas agora as coisas mudaram para mim.

Os dois se abraçaram como um casal apaixonado, mas Charles sabia de seus deveres e entregou à Sarah seu amor e seu respeito àquela nova situação, pedindo que ela não se esquecesse daquele moribundo que um dia a amou com

todas as forças do seu coração.

– Amo-te, Sarah, mas sei dos meus deveres para comigo e com a pátria e, tão logo possa me livrar do exército, continuarei te esperando para que um dia, quem sabe, terminar a vida em teus braços.

– Cala-te, Charles, não é o momento para a troca de confidências. Vai e lembra-te que tens uma irmã a te esperar e a zelar por ti. Amo-te, mas não posso mais me entregar a ti, já sou casada e isto não pode ser levado adiante.

Charles compreende, pede desculpas à Sarah e os dois voltam a se abraçar, mas fraternalmente. Uma carruagem espera Sarah do lado de fora e ela sai constrangida com aquela situação. Dois homens, dois amores e uma saudade.

Enquanto isso, no mundo espiritual, velhos companheiros de caminhada pedem para que Charles atenda seus compromissos para com a pátria e não resolva fugir de seus ideais. Influenciaram para que ele entrasse em sono profundo e começaram um diálogo com Charles, ou Eliseu, e os antigos companheiros de jornada espiritual.

– Eliseu, estamos preocupados com tua direção, mantiveste distância de tua amada, mas agora que teu coração despertou novamente, pensas em desviar do teu caminho. Ore para Deus para persistir com teus pensamentos nos pobres e necessitados, ama teu país mas não te esqueces que, sem o perdão verdadeiro das ofensas do passado, não conseguirás te libertar do ódio dos teus obsessores, aqueles a quem deves amar e ter compaixão pelas faltas do passado. Te seguiremos, mas o teu destino está em tuas mãos. Ajuda-te e nós te ajudaremos nesta tua caminhada. Os teus irmãos rogam pela tua decisão.

E Charles acordou do seu sono noturno.

Nova vida, nova chance

“Naquelas épocas de fome e frio passei a usar novamente as roupas do exército francês, para também sobreviver à barbárie das matanças indiscriminadas. As guerras por territórios produziam baixas enormes nas fileiras de qualquer exército. Fui novamente mandado para o *front*, na antiga Alemanha setentrional, quando tive oportunidade de conhecer nova moça que se chamava Franz, bela, com olhos claros e cabelos loiros. Encantei-me por ela e passei a relatar os meus pensamentos àquela bela jovem de vinte e oito anos. Foi uma decepção muito grande quando me mandaram para outro *front*, pois já estava acostumado com aquela região que me transmitia muita paz e equilíbrio de espírito. Pensava ainda em minha trajetória, em meu amor por Sarah ainda fervilhante, porém mais esquecido dos seus abraços e olhar penetrante. Passaram-se dois anos desde a última conversa com Sarah e a saudade já ia diminuindo meus sentimentos mais confusos. De fato, sentia-me mais seguro em meus compromissos para com a pátria, meu país por orgulho e lembrava-me de meu ideal cristão de benevolência e amor ao próximo. Certa manhã, perto do lago Heinz, senti a presença de minha nova amada Franz que trazia certas verduras para mim e passou a discorrer seus pensamentos.”

– Il, como sabes, tento te falar há algum tempo. Meus pais acham que devemos nos unir oficialmente, mas acho precoce, gostaria de conhecer-te melhor. Teu passado me confunde, mas sinto um imenso amor por ti. Peço que penses a respeito e tua decisão para mim será uma ordem, pois sabes que gostaria de ficar contigo pelo resto da minha vida. Ademais, sinto que precisas de uma família. Fica com estes alimentos e vai hoje à noite falar com meus pais.

Franz se despede com um beijo e sai à procura da estrada. Charles, apesar de gostar de Franz, ainda não conseguiu esquecer completamente Sarah, mas terá que tomar uma decisão em breve. Longas noites de solidão fizeram com que ele relembrasse seus compromissos e o fato de ainda não ter uma família o incomodava.

Veio a noite, ele compareceu à casa de Franz, fez o pedido esperado por seus familiares e pediu também para que todos abençoassem aquela união.

E, assim, o pequeno Charles desposou Franz e o casal seguiu para uma região menos agressiva, montando residência. Ele deixou Franz e seguiu novamente

para a região dos Bálcãs para guarnecer fronteiras. Tudo ia muito bem até o dia em que foi mandado para fazer uma patrulha, floresta adentro e se defrontou com inimigos poderosos e cruéis. Foi abatido com golpes de espada, tornando-se ferido e prisioneiro de agentes locais que não aceitavam a intervenção francesa. Mais uma vez rogou a Deus para que sua vida fosse poupada, pois sentia que longa jornada ainda o esperava. Foi trocado por prisioneiros e finalmente fora liberado do serviço do exército, ganhando liberdade para retornar à sua vida civil e dedicar-se à atividade que lhe renderia vida modesta e segurança em seu seio familiar.

De sua vida com Franz, nasceram dois rebentos: Joseph e Cristal, dois belos jovens que foram a alegria da família e com eles começaria uma nova etapa de sua vida.

Já era o ano de 1444. Agora, já um senhor de meia idade, João de Deus ressurge com uma vida próspera através da venda de pequenas armas de caça, fabricadas pelo próprio que, após servir ao exército, transforma-se em pequeno comerciante de produtos para camponeses que necessitavam de meios para sobreviver à fome e à peste que assolavam o continente europeu. As pequenas armas e armadilhas ajudavam seus vizinhos a se defenderem de ataques de animais agressores e a fome foi mais aplacada com os resultados das caças.

Iam bem na comunidade, Charles e sua família até a chegada de nova comitiva religiosa emanada do bispo auxiliar determinando que todos os moradores pudessem contribuir com nova igreja para comunidade.

Todos atenderam aos apelos destas autoridades. Só que, à medida que a igreja subia, novas pessoas apareciam para morar próximo à cidade, transformando o aspecto do pequeno vilarejo. Muitos forasteiros vieram morar ali, inclusive pessoas ruins que passaram a atrair maus costumes para a época. Violências se iniciaram no povoado e Charles fora convocado para ajudar a expulsar os forasteiros.

A batalha

“Eram cinco da manhã, fazia frio e eu e meus companheiros passamos a cavalgar em direção ao grupo de supostos baderneiros que empesteavam o nosso vilarejo à procura de casas abandonadas e comida que não servissem mais a ninguém. Um grupo de maltrapilhos, mas que trouxeram a insegurança para a nossa pequena vila. Ramon, companheiro de armas do exército, me orientou para ir com um grupo de dez colonos para o norte e ele com vinte homens, entraria no acampamento pelo sul, o que causaria surpresa no ataque e facilitaria a expulsão daqueles indesejados visitantes. Às seis e trinta da manhã iniciamos o ataque àquela comunidade, com gritos e cavalgadas começamos a atirar e fazer barulho como podíamos. Em poucos minutos estávamos com o grupo de miseráveis encurralados e prontos para um desfecho final. Conseguimos expulsar aqueles invasores e bagunceiros, mas havia crianças que choravam desesperadamente, pelo susto ou pela fome. Tirei alguns minutos de pensamento e concluí que aquilo não poderia ser feito com aqueles pobres e miseráveis. Corri atordoado e pedi para Ramon suspender aquele ataque e pelo contrário, oferecer ajuda fraternal àqueles pobres e sem teto. Ramon me encheu de insultos e partiu para expulsar definitivamente os invasores e coloquei-me à frente daquele grupo”.

– Só por cima de mim, mas com estes nada poderás fazer.

Ramon enfurecido respondeu:

– O que há contigo? Não vês que eles roubam o nosso gado e destroem nossos pastos? Sai agora, senão passo por cima de ti.

E os dois se atracaram, para a surpresa de todos que presenciavam aquela cena. Dois homens do grupo de Charles saíram a seu favor e partiram para cima de Ramon até separá-los. Cheio de impropérios, Ramon saiu dizendo que Charles enlouquecera e que não iria ficar daquela forma. Ramon foi-se embora com seu grupo de agitadores, praguejando aquela situação. Charles olhou para aquele grupo de pobres e desvalidos e saiu em silêncio, como se algo abatesse seu coração atordoado. Não teve mais palavras para com seu grupo.

Franz aguardava seu amado, aflita, pois soubera dos acontecimentos e, ao ver Charles retornar desolado em seu cavalo, pergunta:

– Amor, o que te aconteceu? Por que não expulsaste aqueles intrusos?

– Não sei, amor, só sei que minha consciência me falou para ter compaixão

daquelas pessoas. Tudo o que quis foi ajudá-los naquele momento.

Charles entrou desolado em sua casa, de certa forma sem rumo, sem eira nem beira, mas nascia um novo e verdadeiro Charles. Livre de injustiças e resignado com sua situação de simples camponês.

Ao anoitecer, toda a comunidade não parava de relatar o que tinha se sucedido pela manhã: a derrota de Charles e os impropérios de Ramon. Formaram-se dois grupos, um contra e outro a favor, o que foi motivo até de disputas entre os dois pequenos grupos e aí tomou-se uma decisão: pedir ajuda ao Arcebispo da região para deliberar a respeito do caso, visto que as autoridades eclesiásticas da época tinham o poder de decisão.

No mundo espiritual, a coisa transcorria diferente, com satisfação pelo êxito do pequeno Charles em não mais agredir seus irmãos em lutas terrenas. Abigail, irmã espiritual de Charles, comparece ao cenário e roga a Jesus, nosso Senhor, para interceder por ele, para reerguer suas forças e prosseguir nesta centelha de humanidade em favor do irmão em luta, nas plagas terrestres.

– Senhor, olhai por nós, por nosso irmão, para que ele não fraqueje nesta jornada e consiga cumprir suas promessas antes da reencarnação. O amor a Deus nos faz crer na absolvição de nossas faltas passadas e o perdão aos irmãos delituosos nos traz garantias de um porvir melhor. Sustenta-nos agora, meu Deus, para que possamos, a partir do vindouro tempo, arregaçar as mangas e marchar em direção à vitória. Obrigado, Deus, por ter-nos mantido na fé do dever cumprido!

Com este agradecimento Abigail e Carlos se aproximam do irmão e o enchem de luz nas cores citrino balsamizante para suas feridas na alma, para que pudessem sintonizá-lo e o manter animado nas lutas que iriam começar. Foi aí que Charles sentiu um perfume energizante de flores naturais acalmar seu ser e seus pensamentos ficaram mais claros a respeito do que poderia fazer por aquela comunidade de relegados da sorte os quais não tinham nem alimentos para os sustentarem.

Charles, ainda choroso com aquela situação, se acalmou e passou a ouvir seu coração ilustre.

“Sustenta-me nesta hora difícil de decisão, sem teu amparo não sou nada, sem a tua luz não vejo caminho a seguir; penso nestes irmãos em sofrimento e a ti rogo luz para iluminar meus anseios”.

E, assim, Charles encosta a cabeça no travesseiro e se entrega ao sono merecido do mensageiro da paz, sem trégua para a sorte que o esperava. Dormiu durante dez horas. Ao despertar deu de encontro com um grupo de moradores da

cidade que trouxeram uma decisão do Arcebispo a respeito do caso do dia anterior: queriam que Charles se reunisse aos baderneiros e fosse embora das terras, pois não era digno de permanecer naquela comunidade. E assim, Charles e sua família deixaram seu antigo grupo e seguiram em direção a um novo amanhecer, agora mais forte pelo galardão do amor ao próximo.

O ouro

“Andamos por vários dias e atravessamos vários povoados até chegarmos próximo à costa francesa, onde já se podia ouvir as ondas do mar, o que para nós era significado de que uma nova vida estava por vir. Franz e os filhos vieram numa carroça próximo a mim e a outros maltrapilhos daquela comunidade que defendi. Diziam que, a partir de agora, eu era um dos chefes deles. Até fiquei simpatizado com aquela deferência, mas sabia que todos esperavam melhores dias de convivência. Desci do cavalo e observei a área que era quase perfeita para nosso intento de trazer paz para aquela gente sem rumo. Falei com Felix, o cocheiro amigo, que a partir daquele momento iríamos iniciar a construção das casas usando a madeira de floresta próxima. E foi assim que fundamos a colônia d’Azur que ficava a nordeste de uma grande cidade, em uma encosta próxima. Tínhamos bastante alimento que a natureza nos proporcionava, como peixes e aves. Dormíamos em pequenas cabanas e nos ajudávamos mutuamente. No início da formação do grupo de trabalho fora difícil para todos, pois a maioria nada sabia fazer, apenas ajudar a carregar material de construção.

Durante uma tempestade que durou cerca de cinco horas, surgiu, entre raios e trovões, material suficiente para iniciarmos uma escavação no leito do rio próximo, pois aparentemente se tratava de algumas pepitas de ouro. Todos desistiram de construir casas e partimos à procura de uma provável mina do metal precioso. Sim, havia ouro e todos festejamos aquela dádiva encontrada após a chuva. Noite e dia passamos a escavar aquelas terras e, de repente, já possuíamos o bastante para comprar alimentos suficientes para vários meses. Esta comunidade, agora, passou a ser chamada de d’Or, em homenagem àquela região e não parávamos de ter alegria.

Em uma manhã fui contatado pelo senhor Jabour para que comparecêssemos à cidade vizinha e começássemos um diálogo com aquela comunidade, visto que o referido riacho, teoricamente, pertencia ao município vizinho. Após várias discussões a respeito, chegou-se à conclusão de que aquele ouro pertencia mesmo a nós, os descobridores, e que não íamos repartir com ninguém da cidade vizinha.”

***

Carlos, o guia espiritual, se preocupou com aquela situação: a riqueza sempre

despertava cobiça e ódio por parte de seus defensores e opositores e pediu para que Abigail o ajudasse a livrar Charles de outra enrascada.

– Mas como, Carlos? Nosso companheiro em busca de fortuna não pensa em dividir esta riqueza dada por Deus com seus semelhantes. Acho que temos que agir o quanto antes e pedir ajuda aos superiores, para que Charles não seja condenado por seus pares e tenha que retroceder em seus objetivos.

Charles passou a ser monitorado mais de perto pela espiritualidade amiga. Ele não pensava mais em outra coisa a não ser cavar mais e achar mais ouro. Já contava com 46 anos, não era mais um jovenzinho, mas cavava arduamente desde as primeiras horas da manhã até de noite.

Franz, sua companheira, apesar de gostar do achado, dizia que Charles estava cego pela descoberta e não reconhecia as atitudes do marido. Foi aí que apareceu um grupo de forasteiros armados com pistolas e rifles ameaçando todos da comunidade para que deixassem aquelas terras e nunca mais voltassem para aquela região. Todos se revoltaram e passaram a armar- se com facões, lanças e todos os objetos encontrados para uma verdadeira batalha campal. Charles só pensava em lutar e ganhar o direito por aquelas ricas terras.

Após duas semanas de lutas diárias, inclusive corpo a corpo com aqueles intrusos, Charles resolveu abandonar a comunidade e seguir caminho com sua família, agora em direção ao noroeste, para mais próximo da costa e, assim, encontrar condições de se deslocar para portos mais distantes daquele centro de fome e pobreza.

Chegaram a um porto de navios em que se observava a constante saída e entrada de veículos carregados de iguarias; eram cargas para outros países que ficavam próximos ou distantes da costa francesa.Charles pensou e chegou à conclusão de que para eles seria mais interessante partir da França e procurar posição melhor em terras distantes, pois continuavam à procura de melhor local para viver. Conseguiram com um resto de ouro comprar passagem em um pequeno barco que atracaria em poucos dias e depois partiriam para terras holandesas. Talvez fosse um destino melhor do que ficar nas terras francesas e passar por momentos difíceis. Era o final do ano de 1446 quando Charles e sua família partiram em direção à pequena Holanda e não foram mais vistos em terras francesas, uma despedida melancólica de quem sempre amou e respeitou seu país.

Após alguns dias de navegação, desembarcaram em novas terras à procura de trabalho e dignidade, e foram recebidos pelo senhor Housefausen, taberneiro de rua próxima ao porto, que alojou aquela família. Tinham algumas moedas para

um pequeno aluguel e foram chamados para ajudar nos afazeres daquele estabelecimento, mas Charles pensava em produzir suas armas de caça e vendê-las para iniciar nova vida em terras estrangeiras. Nunca se sentira tão desprotegido como agora, pois não tinha amigos, somente uma família que o amava e o respeitava.

Passaram-se algumas semanas, até que Charles iniciou um novo trabalho na tipografia de um amigo do senhor Housefausen, Cristhofen, um homem digno, mas duro. Ele recusou que Charles lhe desse referências para conseguir o trabalho, logo iniciando as novas atividades.

– Como o senhor sabe, eu não tenho experiência nesse tipo de negócio, mas prometo logo aprender e iniciarei estudos a respeito de como funciona todo este negócio – arrematou Charles.

Sr. Cristhofen agradeceu o empenho e disse:

– Muito bem, Charles, gosto de ver entusiasmo em suas ações e direi com todo o meu senso de responsabilidade que você e sua família são bem-vindos ao nosso trabalho.

Charles inicia uma nova vida, com mais tranquilidade e novos afazeres. Dois anos se passaram e seus filhos cresciam felizes em sua nova moradia e diziam que finalmente tinham encontrado um novo lar.

A alguns passos da casa de Charles, habitava uma família de irlandeses que ouvira falar de uma nova religião diferente da do Cristo, e que se baseava no encontro de almas já desaparecidas da Terra. Isto ativou a curiosidade de Charles que, numa bela noite, foi ao encontro dos irlandeses para ouvir melhor sobre aquelas novas religiões surgidas. Passaram-se duas horas e Charles não entendia como as pessoas já mortas pudessem se comunicar com os vivos. Para ele, era muito estranha aquela situação, mas não acreditou e saiu correndo de volta em direção à sua casa.

Comentou com Franz sobre o assunto e foi dormir pensando na nova vida a ser seguida. Eram duas horas da manhã quando Charles despertou agoniado e chamou por Franz, dizendo que recebera informações em seu sonho de que seus pais já não mais viviam e que seria necessário continuar o trabalho abandonado como João de Deus, para que aqueles pecados de sua vida fossem perdoados. E, assim, Charles traçou planos para continuar o trabalho de caridade com os pobres e amor aos irmãos menos favorecidos.

Novo ofício

“Era um domingo de manhã, estávamos à porta da casa, próximos à tipografia, quando fomos abordados por um certo senhor Duvivier que trazia notícias da minha querida Paris e relatou que nossa cidade tinha sido atacada por um grupo de malfeitores, a mando do rei inglês, para desestabilizar a monarquia vigente. Disse que muitos compatriotas foram presos acusados de traição ao rei e isto me deixou pensativo e triste, pois não tinha mais intenção de retornar àquela cidade, a não ser para rever Sarah, minha antiga paixão. Tive uma ideia para retornar à pátria, mas teria que administrar muitas tarefas para não divulgar minhas verdadeiras intenções. Enquanto isso, o senhor Cristhofen continuava a me ensinar o seu ofício e confesso que cada vez gostava mais e fiquei mais habilidoso. Por onde andava Sarah?, eu pensava. Muitas léguas de distância me deixavam atônito.

Certa manhã, acordei com pensamentos sobre realizar reuniões em família para fazer grupos de caridade que pudessem trazer alento aos mais necessitados. Convoquei Franz e um grupo de vizinhos para darmos início a um projeto de benfeitorias para alguns desabrigados, pois o último inverno fora rigoroso e seria uma oportunidade de realizarmos algo no verão. Pedi permissão ao senhor Cristhofen para realizar um serviço de tipografia que mostrasse a necessidade de doação para os mais pobres. Comecei a estudar a arte do desenho e informação com base em ideias desenhadas. Fiz um curso especial para desenvolver mais esta habilidade e o senhor Cristhofen permitiu que eu publicasse meus desenhos apelativos, em uma missa de domingo.

Tivemos retorno quase que imediato: muitas doações começaram a surgir e tive a oportunidade de anunciar a um pequeno grupo de necessitados que, a partir de agora, teríamos condições de ajudá-los em suas necessidades mais básicas, como um colchão, água, comida e um pequeno abrigo. Alugamos o galpão de um antigo depósito de medicamentos e pusemos três desabrigados que perambulavam pelas ruas da antiga Amsterdam. Procuramos um ajudante para tomar conta deste abrigo improvisado.

Era o ano de 1448 e já não me sentia jovem. Comecei a ter dores nas articulações dos pés, mas isto não impedia de me tornar um dos maiores cartunistas da região que conseguia fazer charges de políticos, sem comprometer

o bom humor e a lealdade aos traços do que tinha que ser retratado. Fiz muitos inimigos, como pessoas que não aceitavam meus desenhos, mas alguns amigos me protegiam de algumas ciladas.

Certa noite, fui pego desprevenido em uma pequena rua de Amsterdam, quando retornava do trabalho. Fui atacado por dois homens encapuzados que me deram duas estocadas no pescoço e desfaleci no meio da rua, como um aviso pelas más práticas à sociedade local. Nada disso me intimidou, continuei a fazer meus desenhos e a publicá-los para o deleite dos locais e me sentia realizado por, finalmente, ter encontrado uma profissão digna para trabalhar.

Olhei as horas, eram nove da noite e corria um pouco de sangue do meu rosto depois daquele ataque. Cheguei em casa e Franz, atordoada, me deu uma toalha úmida para enxugar minhas lágrimas e o suor do rosto. Sentia dor, mas feliz de ter cumprido meu dever para com a verdade dos fatos, através daqueles desenhos. O verdadeiro Charles surgia com mais força para poder amparar aqueles que precisavam.

Certa noite, saí em direção à rua Danterville, a fim de me encontrar com um grupo de religiosos interessados em ofertar donativos para minha casa de abrigo e eles iniciaram uma oração bela que relembrava a minha velha Paris. Foram momentos de extrema emoção que me fizeram pensar novamente em uma maneira de visitar a França e, quem sabe, rever meu antigo amor. Como estaria Sarah?, pensei.

Mas aqueles momentos eram de muita importância para recuperar credibilidade junto àqueles religiosos que ajudariam no sustento de alguns meses no albergue improvisado, criado para aqueles necessitados. Como agradeci a quantia que me fora dada! Corri e falei para Franz do sucesso da minha empreitada. O abrigo já contava com cinco indigentes e três colaboradores que se alternavam em serviços junto conosco.”

Sarah permanecia em Paris, seu esposo Pierre já não existia mais, não resistiu a uma crise de asma e sucumbiu, logo após a partida de Charles. Ela ficou viúva cedo com dois filhos para criar. Sentia saudade do pequeno Charles, é certo, mas tinha que continuar a trabalhar para se sustentar. Pensou em partir para o interior, mas desistiu ao ter notícias de que a fome assolava as regiões para onde queria ir.

Sarah tinha uma beleza e inteligência privilegiadas, aprendeu o ofício da costura com uma rapidez impressionante e passou a costurar nas horas vagas para as madames da cidade, que sempre lhe pediam modelos ousados para conquistar seus amantes, coisa muito comum naquela época de depravação de Paris. Ficou conhecida como madame Bonsoir, a madame das gentilezas; nunca

uma cliente deixou de elogiar seu magnífico trabalho e sempre a recompensava pelos seus modelos.

Certa manhã, após a missa dominical, Sarah encontrou Ramon, antigo amigo de forças de Charles e pediu notícias de seu amado. Ele relatou as desventuras de Charles, que ele e sua esposa tinham sido expulsos da cidade para nunca mais voltarem. Sarah ficou atordoada com a notícia, mas não desistiu de um dia reencontrar seu antigo amor: mil anos para esperar, era o que ela pensava.

Os últimos dias de Charles

“Naquela época, quando todos costumavam se reunir para comentar os acontecimentos do dia, minha família começou a relatar o que havia ocorrido na noite anterior em que alguns mendigos haviam sido assassinados, nas ruas desertas de Amsterdam. Logo iniciei um debate com autoridades locais, exigindo providências no sentido de dar um rumo à vida daquelas pessoas abandonadas, visto que somente com a minha ajuda e do abrigo não iríamos conseguir realizar feitos maiores. Pensei em solicitar à monarquia um salvo conduto para que pudesse circular livremente entre os países próximos e solicitar donativos para aquelas pessoas pobres. Primeiramente, pensei em retornar a Paris e assim decidi retornar à pátria querida com o intuito de recolher, entre a nobreza, donativos para os desabrigados da antiga Amsterdam. Seria uma espécie de embaixador à procura de doações aos mais necessitados. Recebi do príncipe herdeiro a tarefa de procurar meios para me deslocar junto às fronteiras próximas e, posteriormente, quem sabe, procurar portos mais distantes.

Este trabalho me rendeu dois anos de idas e vindas por países do continente e nem sempre era bem recebido pelos nobres a quem me dirigia. Comecei a planejar minha ida até Paris, já não aguentava tanta espera, meus interesses eram muito grandes, mas – para minha surpresa, e que desagradável surpresa – fui impedido de retornar à minha amada pátria, pois já corriam notícias das minhas intenções e logo fui avisado de que não seria bem-vindo em terras francesas. Desesperei-me, não pude deixar de enlouquecer com aquela notícia, pus-me a questionar aquela decisão, mas nada mudou. Havia um pacto de boa vizinhança com países locais, então decidi ir por conta própria, sem aquele salvo conduto, pois nada me impediria de retornar à pátria amada.

Em uma manhã do ano 1458, deixei Amsterdam em direção à península francesa, em barco arrendado, sem financiamento de qualquer natureza. Cheguei após dez dias de navegação e peguei uma carruagem em direção a Paris, somente eu e meus pensamentos. Já contava com certa idade e não podia mais esperar para rever minha amada pátria.

Quando desci, senti uma sensação de alegria indescritível e ao mesmo tempo um certo ódio de não ter retornado há mais tempo. Comecei a visitar o centro da cidade e casas de antigos amigos que, ou já não se encontravam mais, ou tinham

partido desta terra para o céu. Senti pena de vários idosos prostrados nas ruas e ninguém ajudando aquelas pessoas. Uma dor de lágrimas saiu do peito, quando me deparei com uma jovem senhora, com cinco filhos próximos a ela, pedindo esmola a todos que passavam pela sua frente. Não hesitei e depositei algumas moedas para aplacar a fome daquela pequena família.

Procurei a residência dos Bourbon, onde teria notícias da minha querida amada Sarah e, para minha surpresa e decepção, fiquei sabendo que Sarah havia partido dali há alguns anos para rumo ignorado. Depois de sua viuvez, deixou a casa dos Bourbon e passou a dirigir um negócio próprio, mas a família não sabia precisar sua localização.

Viagem perdida, meus sentimentos se confundiam com aquela situação. Amava Sarah e também Franz, que me suportava em todas as situações. Deixei Paris já tarde da noite em direção à Normandia, no intuito de rever meus antigos familiares. Foram três dias de viagem por estradas soturnas e mal cuidadas e, ao chegar à região, não encontrei sequer a cidade em que nasci, pois houve uma mudança daquelas paragens. Que decepção, nem a casa de onde parti para ganhar o mundo. Retornei a Paris, totalmente decepcionado, sem notícias de meus parentes.

Era tarde da noite, quando alcancei o porto que no outro dia me levaria de volta a Amsterdam. Foi aí que recebi a notícia de que batalhas campais se realizavam em fronteiras próximas e resolvi me deslocar até lá para ver do que se tratava.

Durante duas horas, só ouvia tiros de canhão e gritos de homens enfrentando a morte. Não suportava mais aquilo. Retornei ao porto e peguei o barco de volta a Amsterdam, onde pelo menos tinha uma casa e uma família para me ajudar e consolar. Lutei contra uma doença pulmonar por vários anos e acabei sucumbindo por esta moléstia que sugou minhas forças. Retornei à pátria espiritual com sessenta e cinco anos e passei a conhecer os fatos que levaram a me separar de minha antiga amada. Agora, rogo a Deus para que me permita resgatar meus débitos – que não são poucos – e me dê uma chance de reencarnar com parentes próximos. Nada disso seria necessário se houvesse uma maior vigilância minha, evitando a busca de fortuna fácil, sem trabalho, e não respeitando o amor de pessoas próximas.

Oh! meu Deus, como me arrependo daqueles dias mal vividos em que até ódio e rancor me fizeram perder a chance de melhorar meu relacionamento com meus desafetos.

Diz-se que perde-se um homem, mas ganha-se um mártir, este era meu lema. Mas aqui deste lado estas máximas não valem, apenas o amor ao próximo e a

Deus são documentos necessários para iniciar uma nova vida. Enquanto isto, espero uma decisão dos amigos superiores que intercedem por mim, para que eu retorne em posição necessária para resgatar minhas dívidas. Oh! Deus, misericórdia de mim!

Meus amigos, esta pequena história foi necessária para relatar as verdadeiras razões que indicam a necessidade do meu retorno em nova condição para, enfim, resgatar meus débitos adquiridos neste período em que mais valia um homem com uma espada do que um homem repleto de amor no coração.”

Parte II

O povo em Israel

Em 500 anos antes de Cristo, Joshua e sua família atravessaram o deserto do Sinai em direção a Jerusalém – terra prometida que todos de sua família queriam conhecer –, em caravana composta de doze camelos com cargas e cinco para transporte da família. Em noite de lua, gostavam de conduzir a caravana por mais algumas horas antes de parar para dormir. Geralmente, buscavam água em pequenos poços que se formavam na região. Não tinham destino certo, pois eram nômades em busca de felicidade através de novas conquistas. Toda a família era constituída de trinta pessoas, incluindo seus dezesseis filhos e cinco mulheres, além de duas senhoras da família, três serviçais e os demais eram guias e protetores do grupo. Andavam de dia e armavam suas tendas à noite, permanecendo próximos a algumas cidades maiores para intercâmbio e comércio de especiarias e artigos de linho, muito comuns na região.

Sentiam-se felizes e costumavam passar o ano já em terras próximas da região em que o mel e o leite seriam abundantes. Joshua não acreditava em um só Deus, mas aceitava o fato de que algo conduzia suas vidas. Trazia consigo cabras e alimentos suficientes para longas jornadas e nada os detinha quando o assunto era atravessar terras em conflito. Amavam as pastagens ao norte de Jerusalém e, sempre que podiam, retornavam para se refrescarem e reverem amigos que ali deixavam.

Numa dessas incursões, foram abordados pela guarda armada de filisteus que habitavam a região e sempre que passavam as caravanas para troca de alimentos ou objetos, nada queriam comprar, só realizar trocas. E foi nestas paragens que Joshua conheceu sua sexta mulher que se chamava Abigail, menina de seus quatorze anos e meio, com olhos profundos e tez morena clara. Vinha com seus familiares, que a trocaram por um pouco de carne fresca, cinco ovelhas e duas cabras. Foi conta certa e todos saíram satisfeitos com o negócio, a não ser Abigail, que não queria ser trocada, muito menos fazer parte de um pequeno harém. Mas não teve jeito e todos foram embora deixando a menina para compor sua nova família, partindo em direção a Jerusalém. Chegando nesta terra prometida, foram recebidos por Aarão, varão de família tradicional judaica, que os levou para região próxima, onde se encontrava pequena fazenda de caprinos. Tinha mulher e filhos e vivia de acordo com sua lei. Todos se conheciam e se

respeitavam mutuamente, não tinham disputas religiosas e Aarão sentia-se bem como anfitrião daquela família.

Armaram as tendas nestas terras e passaram a compartilhar alguns dias de convivência mútua. Eram pequenos mercadores e assim passaram a vender suas mercadorias em volta da região. Tudo era bom e o lucro fazia com que Joshua adquirisse mais camelos e outros artigos para satisfazer as necessidades da família. Em uma reunião com Aarão, ficou acertado que lhe pagaria bem por aquele apoio de tê-lo deixado ocupar aquelas terras.

Passaram-se quinze dias e foi alertado que um grupo de atiradores – com homens fortemente armados – se aproximava da região com intuito de restabelecer suas terras, que tinham sido retiradas de seus ancestrais havia alguns anos. Aarão estava no meio desta controvérsia, visto que parte das terras reclamadas eram do sítio dele. Chegou-se a fazer uma barricada em volta das terras e Aarão pediu ajuda a outros colonos para defender suas terras, mas de nada adiantou, pois o grande número de agressores fizeram com que Aarão e sua família fossem expulsos, retornando a ocupar com violência aquelas paragens. Foi quando Aarão pediu que Joshua os ajudasse a ir para outro local, para que pudesse se estabelecer próximo ao rio Jordão.

Nunca, em épocas anteriores, foi tão complicado permanecer naquelas terras repletas de disputas e armações. Joshua e sua família retornaram ao deserto e continuaram sua caminhada para outras cidades próximas.

A fé e a fama de guerreiros daquele povo judeu eram conhecidas pelos quatro cantos e seria melhor tê-los como amigos do que inimigos. E foi assim que Joshua e Aarão estreitaram mais ainda seus laços de amizade, sendo que Aarão permaneceu nesta área e Joshua, após alguns meses, retornou às regiões desérticas para continuar sua jornada de viajante.

Em bela manhã, Joshua recebeu a visita de um enviado de Aarão, relatando que precisava de sua ajuda, pois estava novamente sendo perseguido, agora por homens que se diziam seguidores de seita desconhecida de todos, fazendo oferendas com animais já mortos e bebendo sangue ao invés de ofertá-lo. Tudo era diferente e Aarão sentiu-se intimidado por aquelas pessoas.

Joshua reuniu então um pequeno exército à base de moedas de prata e partiu com seus trinta e cinco homens em direção à região para socorrer o amigo.

Foram três dias de marcha até atingir o Jordão e mais dois dias de caminhada às margens do rio para chegar ao seu objetivo. Aarão agradeceu muito e todos partiram em direção às terras altas para reaver aquelas pastagens.

Houve conflito entre os nômades e os invasores. Mataram os homens e

aprisionaram as mulheres e crianças, escravizando-os. Mais adiante foram vendidos em mercado humano para servirem a reis e príncipes da região. Joshua costumava fazer isso e não tinha vergonha de se intitular o maior comerciante de que se podia ter notícia. Deitava-se com suas mulheres dependendo do seu gosto e as mais novas tinham sua preferência. Foi assim que Abigail conquistou o coração daquele guerreiro, pois sua simplicidade e bom coração fizeram com que ele em pouco tempo a quisesse com frequência e deixasse as outras esposas em segundo plano.

Houve ciúme e consternação naquele harém, mas nada mudou nas determinações do chefe da família. Logo Abigail engravidou e deu à luz um herdeiro de nome Josafá, que passou a crescer naquele ambiente inóspito.

Passaram-se os anos e Josafá crescia alegre e feliz até que um dia a família de Joshua entrou em conflito com outra família de nômades em disputa de territórios a serem cobrados para comércio. Deu-se um conflito extenso de vários dias e Joshua tombou ferido mortalmente.

Josafá contava com doze anos e já estava sendo preparado para tornar-se um guerreiro. E foi assim que, após algumas disputas internas, ele saiu vitorioso – não pela sua pouca idade ou compleição física, mas por sua inteligência, perspicácia e muita astúcia que assombraram seus irmãos mais velhos, pois parecia uma pessoa madura que emitia opiniões firmes a respeito do grupo, da família e dos destinos a serem tomados por estes nômades.

Ele aconselhou que deveriam continuar em suas atividades de comércio, mas em vez de brigas, se uniriam com a outra família de nômades para em seguida armar uma cilada e depois derrotá-los, vingando a morte de seu patriarca. Assim se sucedeu, uniram-se oferecendo algumas esposas aparentando começar a vida compartilhando os ideais do chefe do grupo rival de nome Al Hassum, de procedência árabe. Ele não gostava de ser contestado, era cruel em seus afazeres e costumava tratar mal suas mulheres e os homens que haviam sido vencidos.

Passaram-se cinco meses e eis que, já próximo da vivenda de Aarão, armou-se uma emboscada e ceifaram a vida de Al Hassum e de metade da sua tribo, restando algumas mulheres e muitos artigos para negociar.

A tribo de Josafá duplicou sua fortuna e passaram a adquirir terras próximas para se estabelecerem como um povo, uma pequena aldeia, sem deixarem de fazer negócios com mercadores e continuando como viajantes para negociar sua produção.

Eram nômades, mas com terras fixas. Josafá transformou aquela pequena família em um grupo maior controlando vários alqueires de terra. Foi aí que

Josafá decidiu que seus irmãos mais velhos deveriam aprisionar mais gente para ajudar na lavoura e no cultivo de grãos. Partiram para escravizar mais pessoas.

Abigail preocupada com o destino do filho, pediu que Josafá parasse com aqueles conflitos.

– Oh! Minha mãe, não vê que somos os dominadores? Não iremos vencer sem a ajuda desses escravos.

– Pare, Josafá! Ou encontrarás muitos inimigos em teu caminho, principalmente estes judeus que não gostam de perder suas terras e seus escravos. E Josafá recuou por um tempo.

O casamento de Josafá

A formação da tribo se deu com o passar dos anos, utilizando técnicas de guerra para manter a sobrevivência, tendo que contratar até uma milícia para ajudar na proteção das fazendas.

Depois de dez anos, Josafá, já um adulto, resolveu percorrer terras mais distantes à procura de pastos mais verdes com o objetivo de prosseguir com a criação de ovinos e caprinos. Desde séculos anteriores estas culturas eram apropriadas para aquela região. Não obstante os avisos de seus irmãos mais velhos, reuniu um pequeno grupo de soldados armados e partiu em direção ao norte, fronteira com o povo dos assírios que tinham fama de habilidosos guerreiros.

Mas Josafá não tinha receio dessas inconveniências e acreditava na sua inteligência para conseguir o que queria. Após dez dias de cavalgada, atingiram a foz do rio Eufrates, que dividia a região entre assírios e macabeus e sua disputa por terras se apartavam por vários séculos. Josafá queria um pedaço daquelas terras, que diziam ser ideais para plantação de tâmaras e frutas daquela região. Sentia falta de uma companheira e foi assim que Josafá desposou Marsânia, de uma tribo nômade próxima a eles e que entendia dos costumes do grupo. Mas, não satisfeito, Josafá correu atrás de outras mulheres para compor seu harém. Em uma dessas incursões a tribos próximas, descobriu que na área dos macabeus havia mulheres dóceis que davam boas esposas e foi assim que Josafá – ou o futuro Charles – se preparou para encontrar outra esposa em prol de satisfazer seus desejos de conquista e glória, principalmente no campo feminino.

Deu-se o primeiro confronto entre os macabeus e o grupo de Josafá. Eles saíram vitoriosos, confiscando seus pertences e criações, mas Josafá não encontrou nenhuma esposa para satisfazê-lo. Em um terceiro conflito, vislumbrou uma jovem de cabelos cor de mel e olhos amendoados, que fazia gestos estranhos, mas tinha um olhar penetrante, de nome Antibes. Logo Josafá se interessou por esta moça, que foi afastada do grupo de prisioneiros. Os homens foram executados e deixados para trás, para serem comidos por aves e animais.

Antibes não falava uma palavra, visto que tinha dificuldades em entender aquela linguagem dos nômades e sua cultura; não se permitia fixar olhares em

qualquer homem, com exceção de seu patriarca e seu futuro esposo.

Antibes – ou, futuramente, Sarah – tinha a impressão de que o homem de porte atlético e que seria o chefe daquele bando, não parava de fitar-lhe a presença. Foi quando, após duas noites, foi levada ao encontro de Josafá, que lhe dirigiu palavras meio agressivas, pois não estava sendo correspondido.

Na cultura dos macabeus, os homens tinham que cortejar a família da pretendente e ofertar ouro e óleos para iniciar um relacionamento mais sério com as mulheres. Séculos antes, seus dogmas foram sacramentados por juízes e divindades que orientavam a sociedade e a conduta daquele povo crente em uma vida após a morte e que o respeito às suas divindades e leis eram necessárias para uma convivência com as autoridades das tribos.

Josafá, sem tolerar aqueles costumes, mandou aprisionar Antibes em uma tenda especial para que ela pudesse repensar o que tinha sido dito. Ela, que contava com dezesseis anos e não tinha pais – já mortos pelas forças de Josafá – passou a chorar copiosamente, pois sentia-se como uma prisioneira daqueles homens sem moral e sem coração, pois destruíram seu povoado, sequestraram as mulheres e mataram seus animais.

Nada restava para Antibes senão tentar o suicídio pois, na sua religião, em momentos como este, morrer com honra era o que restava para este povo já sem fé em um futuro promissor. Aplicar a ponta de uma lança ou um punhal contra seu ventre seria a saída mais feliz para ela. Foi então que Josafá chamou-a novamente em sua tenda e a cobriu de joias, pedindo que ela ficasse ao seu lado.

Antibes, assustada perante aquele homem, rejeitou as oferendas e pediu para se retirar. Isto só aumentou a ira de Josafá que, desta vez, amarrou-a junto à tenda e pediu para que seus homens deixassem a prisioneira sem água ou comida por três dias e três noites. Ao final, quase desfalecida, ela pediu perdão para o homem que seria seu amo, seu executor e seu algoz.

Passaram-se trinta dias e Josafá deixa alguns homens montados para guarnecer as terras recém conquistadas e partiu em direção à sua tribo levando consigo os troféus da glória. Ao chegar, foi saudado por todos como grande guerreiro e deixou os seus triunfos para que todos vissem sua vitória.

Abigail pediu então ao filho compaixão para com os vencidos, principalmente com as mulheres já maltratadas pelos longos dias de cativeiro e viagem, dando como por encerrada a sessão de maus tratos. Abigail tinha muita influência sobre Josafá e queria que o filho parasse de se arriscar em empreitadas como estas, porque todos passavam a depender de suas habilidades para se relacionar com os vizinhos e os grupos rivais.

Em noite próxima, Josafá apresentou Antibes à sua mãe, revelando que estava apaixonado por aquela beleza singular. Ela seria seu maior troféu, mas Antibes se negou a dormir com Josafá, porque seus costumes não permitiam que fosse feito daquela forma.

Apesar de ser cativa, relutava com todas as suas forças às investidas de Josafá, chegando a chutá-lo várias vezes por tentativas frustradas. Josafá então perdeu a paciência e mandou executar Antibes que, na última hora, suplicou perdão ao seu amo. Assim, Josafá – Charles – possuiu fisicamente aquela menina-mulher e, com muito choro após o ato, Antibes prometeu, com toda sua força, que não respeitaria aquele homem bruto e grosseiro.

Passaram-se meses e, aos poucos, Antibes foi tolerando Josafá, que se demonstrava cada vez mais amável com aquela mulher que não conseguia dar um filho a ele. Ele tinha mais duas mulheres, cada uma já gerara dois rebentos para aumentar o tamanho da tribo, mas Antibes ainda não tinha gerado nenhum. Foi levada a um curandeiro para serem preparadas poções que aumentassem sua fertilidade e a fizessem gerar o tão esperado filho de Josafá.

Mais três anos se passaram e finalmente Antibes engravidou e gerou um menino que nasceu para a alegria de todos, principalmente a de Josafá que já a considerava sua primeira esposa.

Passaram-se mais cinco anos e todavia, o menino não resistiu a um surto de cólera e morreu, deixando todos constrangidos e desesperados. Abigail levou o corpo do menino a um curandeiro e ambos o ofereceram aos deuses, após ser queimado em ritual próprio dos nômades. Antibes chorou por vários meses até ser agraciada com nova gestação, agora sem necessidade de nenhum tipo de tratamento ou estimulante. Foi abençoada pelo mundo espiritual que, vendo o sofrimento daquela mulher que tanto amou a criança, decidiu que, mesmo sem nova programação, mandaria um espírito conciliador para acalentar aquela família.

Assim nasceu o espírito de Carlos, que fora chamado Orivando, em homenagem a um deus pagão que lembrava a fertilidade e a guerra. Momentos de alegria tomaram conta daquela tribo perdida naquela região e foi comemorado o nascimento do novo rebento com muita bebida e um carneiro sacrificado. Todos ficaram felizes com o novo herdeiro de Josafá. Momentos de angústia geraram desconfiança ao verem Orivando ficar roxo, com problemas respiratórios, alguns dias após o nascimento. Porém, logo o recém-nascido tomou forma e começou a crescer saudavelmente.

Pareciam felizes, mas Antibes ainda não esquecera da brutalidade a que fora

submetida no início de sua vida com Josafá, mas, resignada, aceitava seu esposo e já tinha certa compaixão para com ele.

Passaram-se vários anos e Josafá e sua tribo voltaram para a região dos macabeus, agora à procura de mais pastos, visto que a seca que se abateu sobre a região da sua fazenda resultou em vários meses de fome.

Todos se deslocaram para outras áreas, inclusive o grupo de Josafá que já contava com uma população de cento e vinte pessoas, incluindo os escravos e sua família, que havia crescido exponencialmente. Tinha que arrumar comida e afazeres para continuarem crescendo e serem respeitados. Nada os detinha, a não ser o destino que os esperava naquelas terras inóspitas que, no passado, pertenceram aos ancestrais de sua melhor esposa, Antibes.

Novas terras

– Mulher, traga minha espada – ordenou Josafá à sua primeira esposa Antibes. – E não esqueça que meu escudo apresentou falhas na última batalha. Quero surpreender esses macabeus, que mandaram recado que nos atacariam em breve.

Antibes chorava ao falar com Josafá:

– Não cansas destas guerras? Queres que nosso filho cresça vendo este derramamento de sangue? Não sabes que descendo deles? Falas afrontando meu povo, que tanto tem lutado para se manter nestas terras. Ora, Josafá, os deuses estão olhando todos estes sacrifícios. Deixa este povo em paz e verás que nosso progresso será perpetuado. Assim disse Ísis, no passado, para os egípcios.

– Deixe disso, mulher! Me traga mantimentos e a sacola com água, pois esta batalha será longa e próxima do deserto. Não teremos tempo de nos reabastecer, nossa vitória será contundente e estes teus antepassados já não estão mais aqui para te reconhecer. Ama teu amo e teu futuro está garantido, assim falam nossos deuses Amok e Korous. Não tenhas medo, pois no raiar do sol retornarei para nossa glória.

E assim Josafá partiu para mais um dia de guerra. Seu objetivo principal era derrotar aquele pequeno grupo de macabeus que ainda persistia em conflitos por terras, junto com o povo assírio. Passavam das onze horas da manhã quando o grupo de Josafá caiu em uma emboscada e todos seus soldados caíram dos cavalos para iniciar combates corporais. Poucos conseguiram fugir, mas Josafá e seu grupo mudaram de rumo e estratégia, e passaram a vencer aqueles poucos soldados macabeus. Derramou-se muito sangue e os campos ficaram repletos de corpos espalhados pelo chão. Josafá – ou Charles – saiu-se vitorioso daquele combate, restando poucos macabeus aprisionados para o deleite do grupo de nômades.

Conflitos deste gênero eram comuns naquela época, onde a lei do mais forte sempre prevalecia nas decisões das contendas e não fora diferente naquele momento.

Josafá ordenou fazer uma grande fogueira, queimar os mortos e recolher o que restara de seus pertences – esta era a lei. Os prisioneiros foram amarrados aos alforjes dos cavalos e passaram a caminhar em direção ao sítio de Josafá. Estavam à espera Abigail e toda a família que, apreensivos, aguardavam por

notícias daquela batalha.

Ao chegarem, foram saudados como guerreiros vitoriosos. Entre os prisioneiros achava-se um jovem de nome Ramasé que tinha os traços semelhantes à Antibes. Seria um irmão de sangue de sua esposa e, portanto, um parente nunca visto por ela. Josafá, percebendo a semelhança, mandou executar o jovem, porque não queria pessoas ligadas ao passado de Antibes. Assim fora feito. Antibes, ao saber do assassinato, foi tomar satisfações com o esposo e o inquiriu:

– Por que me odeias desta maneira? Visto que matas um irmão de sangue, não sabes que também tenho ancestrais? Cada vez que te olho, acho que estou me dando com um animal sem coração.

– Olha, mulher, ponhas-te no meu lugar! Este homem tentou me matar ainda cedo e ainda defendes este crápula?

– Não fales assim. Ele era apenas uma criança e veja o que fez contra ti, apenas estava defendendo o seu território e você o manda matar com a mais pura crueldade. Como eu não te suporto, Josafá! – e saiu em prantos e choro compulsivo. Foi alcançada por Abigail que, entendendo o que se passava, pediu para que Antibes relevasse aquele fato, visto que seu filho também estava defendendo seu grupo.

Assim a noite caiu, em completo silêncio da escuridão. Josafá, arrependido do que fez, pediu a presença de Antibes em sua tenda e se postou aos pés de sua amada, implorando perdão pelo seu ato impensado e prometendo para a esposa que não iria mais acontecer daquela forma.

Para Josafá era muito duro se atirar aos pés da mulher, pois este gesto demonstrava fraqueza de seus atos, mas uma centelha de amor se exteriorizou daquele coração árduo e duro. Antibes chorou e resolveu perdoar o marido, pois já sentia um certo amor por aquele homem que passou a admirar em gestos e atos.

A noite passou em silêncio e todos resolveram despertar mais cedo para oferecer aos deuses pequenos animais em sacrifício pelo êxito da batalha do dia anterior. Vários coelhos e uma cabra foram mortos e uma dança com oferenda de objetos também foi ensaiada no ritual.

Passaram-se vários meses de crescimento da tribo de Josafá, com abundância de alimentos e bebidas. O excedente era levado para vender em povoado próximo; aqueles ex-nômades já sentiam que aquelas terras lhes traziam prosperidade. Josafá ficou feliz em saber que Antibes esperaria novo rebento e que nos próximos meses suas colheitas seriam bem aproveitadas.

Entretanto, turbulências de ventos anunciavam tempestade próxima e foi assim que as plantações foram perdidas. Culparam os mortos de batalhas anteriores como sendo os culpados por aquela desgraça, mas Josafá insistia que aquele contratempo nada mais era do que um prenúncio de novos tempos.

Ledo engano. Após alguns dias, sua tribo fora cercada por mais inimigos, o que forçou Josafá a recuar em retaguarda para as planícies próximas, sem deixar totalmente suas terras. Abriu-se novo conflito e a tirania de Josafá foi decisiva para manter o moral do seu pequeno exército e trazer seus inimigos para um ataque frustrante. Deu-se a batalha final e Josafá foi vitorioso com seu pequeno exército. Novamente sacrificou macabeus em terras abertas para que todos vissem e não mais quisessem desafiar aquele homem, que tinha astúcia e pouca generosidade.

Atribui-se a Josafá o título de guerreiro invencível, pelo menos para seu povo, que não entendia o porquê de tanta agressividade para com os macabeus, pois um dos prazeres de Josafá era ver seus inimigos agonizarem até a morte, sem piedade, longe dos olhos de Abigail e Antibes.

Nunca se ouvira falar tanto de homens com coragem extrema como a de Josafá. Certa noite, após o jantar, Josafá traçou planos para aumentar seu território. Convocou seus auxiliares e pediu que alguns deles mandassem espiões em terras próximas para observar fraquezas dos inimigos e preparar ataques sem resistência.

A ganância de Josafá não parava de o atiçar e ele não pretendia parar de amealhar mais fortuna. Matou várias pessoas em nome de seus deuses e não ouvia mais ninguém. Tornou-se um líder sem controle, sem piedade, já não reconhecia seus irmãos, achava que todos eram seus inimigos. Mandou matar sua irmã de quinze anos por achar que ela respondera mal ao seu pedido de ir buscar água. Todos ficaram horrorizados com a crueldade, mas nada mais eram do que espíritos obsessores atuando junto a Josafá que se comprazia com a dor e a desgraça das pessoas. Ninguém passou a gostar mais dele.

Antibes já o temia, achava que os deuses maus o haviam possuído e a única maneira de expulsá-los seria praticar um ritual extremo de expulsão, mas Josafá teria que estar inconsciente e imóvel para se proceder ao ritual. Colocaram uma poção de ervas soníferas, preparadas por um aldeão próximo a eles e o deram misturadas a bebida forte. Josafá iniciou um sono profundo e eis que um espírito veio falar através da boca de Josafá.

– Não me querem aqui? Mas eu trouxe a glória para este povo. Não acham que foi o suficiente? Pois fiquem sabendo que sem nossa ajuda vocês já teriam

perdido todas as suas batalhas. Nós comandamos este hipócrita e não adianta que não sairemos do seu lado. Ahoha! – gritava Josafá e todos com medo daquela entidade correram para longe, com exceção de Abigail, o pequeno Orivando e Antibes que exclamaram:

– Calma, Josafá! Estamos do teu lado e queremos teu bem, ama a nossa família e verás que estes espíritos vão te abandonar.

Uma longa noite passou-se com gritos e gemidos até o aparecimento do sol.

Josafá despertou sem saber o que tinha ocorrido.

Noites de solidão

O segundo filho de Antibes nasceu em altas horas da noite. Chamou-se Zolué, menor que os demais, cujo nome significava pequeno herdeiro. Todos passaram a admirá-lo pelo sorriso fácil de criança dócil. Em muitos momentos do parto, Josafá pediu para sua mãe orar para que aquela criança nascesse saudável. Isto foi inédito, pois há muitos meses Josafá não pedia algo parecido para sua genitora.

Com o nascer do sol, todos da tribo prepararam um ritual para anunciar a chegada do novo membro, desta vez da família do seu chefe. No início da tarde, chamaram um curandeiro para avaliar os movimentos de Zolué e foi constatado que o pequeno não tinha os movimentos dos braços sincronizados, o que gerou certa preocupação, mas a alegria tomou conta daquela tribo e passaram dias em festa para glorificar a chegada do novo membro.

Após dez meses do nascimento de Zolué, Antibes já se preparava para cuidar do seu rebento e iniciar o sono quando foi alertada que parentes distantes seus, da tribo dos macabeus estavam próximos e desejosos de falar com Josafá, pois estavam cansados de conflitos e queriam um armistício, um tratado de boa vizinhança.

Josafá, com seu temperamento forte, ordenou que seus soldados expulsassem os macabeus, o que gerou intriga com Antibes.

– Não vês que eles querem a paz? Como podes mandar expulsar essa gente?

– Ora, mulher, estes homens são espertos, querem a paz para depois promover a guerra, não tolero estas vizinhanças...

– Não digas isso, Josafá, é um povo guerreiro, sim, mas também precisam se organizar e trabalhar no campo para sobreviver.

Josafá ouviu a ponderação de Antibes e pediu para que seus soldados trouxessem à sua presença os representantes dos macabeus. Eurotis, um jovem com aspecto de guerreiro, foi logo ao ponto:

– Vocês trazem muitas guerras, e queremos paz. Para demonstrar nossa boa vontade trouxemos estes três carneiros para sua tribo. O que me diz?

Josafá pensou e aceitou o presente, com a condição de permitir que seu povo utilizasse o lado norte dos pastos, já próximo do rio Eufrates, para coleta de água e alimentos que por lá nasciam. Os termos foram aceitos e acertado aquele frágil

tratado de boa vontade, para a alegria de Antibes.

Assim se passaram mais três anos de relativa tranquilidade, quando chegou à região um grupo de forasteiros com a intenção de se instalarem naquelas terras. Novos conflitos surgiram. Provinham da região da Macedônia e traziam muitos animais de criação; logo os macabeus e Josafá se rebelaram contra este povo, iniciando novos conflitos.

Após alguns meses, a vitória do grupo de Josafá fez com que os macedônios se retirassem para terras mais longínquas. Enquanto isso, o grupo de Josafá crescia e sua influência também. Conhecido como guerreiro destemido, impunha respeito a todos, e todos o temiam.

Antibes passava a admirar mais o esposo, mas tinha reservas quanto ao seu gênio que o fazia, impulsivamente, agredir pessoas sem motivo aparente.

Tudo transcorria normalmente até o sumiço de Zolué. Formou-se um escândalo na tribo e todos passaram a procurar o menor que fora encontrado sem vida, em um riacho próximo, vítima de punhaladas cruéis. Houve muito choro na tribo e Josafá, não perdoando, partiu para a terra dos macabeus pedindo satisfação por aquele infanticídio. Deram-se muitas explicações e chegou-se à conclusão de que aquele povo nada tinha a ver com o crime.

Foi quando acharam pegadas firmes de pessoa de meia-idade, próximo ao local do assassinato, mas não foi possível descobrir a sua origem. Foram momentos de pranto e revolta e Josafá cumpriu o ritual de sete dias de adoração aos deuses para depois tentar descobrir o verdadeiro culpado. Vários espiões da tribo foram instruídos a relatar qualquer comentário a respeito, até o dia em que se chegou à conclusão que o infanticídio tinha sido cometido por uma pessoa próxima a Josafá.

A culpa recaiu sobre uma sobrinha de nome Adilses, que, com pouco mais de vinte anos, sentia forte repúdio pela família de Josafá. Dizia que ele tinha roubado o lugar de seu irmão mais velho, pai de Adilses, no controle da tribo e foi o suficiente para Josafá prendê-la e iniciar um ritual de morte prematura, para vingar o desaparecimento de Zolué.

E assim se procedeu: ela foi amarrada em uma cama feita de madeira e exposta ao sol por três dias sem água ou comida e, paulatinamente, suas forças foram se extinguindo até o suspiro final e seu corpo foi oferecido aos animais da região que buscavam carniça. Assim foi o final de Adilses, espírito rebelde que odiava Josafá e seus métodos, morrendo e prometendo vingança até o fim de seus dias.

Como ela, outras pessoas sofreram perseguições e abusos, muitas das vezes sem o conhecimento de sua primeira esposa Antibes, mas de conhecimento dos

deuses e dos espíritos que tentavam harmonizar.

Uma febre muito forte atingiu Josafá e o prostrou por cinco dias e o levou para o mundo dos espíritos, onde foi alertado por seus ancestrais já desencarnados que seria necessária uma mudança de atitude, pois seu tempo já estava se esgotando na Terra e nada do que ele tinha feito, até aquele momento, trouxera paz e justiça ao seu povo. Pelo contrário, todos o temiam e seu jeito arrogante e violento deixava as pessoas com mais medo dele.

Os espíritos oraram e orientaram Josafá a abandonar a política "olho por olho, dente por dente", que só trazia discórdia entre as pessoas. Ele precisava de mais compaixão em suas atitudes. Ao recobrar a saúde, Josafá não aceitou sua condição de humano e piorou suas relações com seu povo e família a ponto de expulsar alguns membros, culpando-os de tentar envenená-lo e destruir sua família. Retornou do mundo dos espíritos sem compreender sua verdadeira missão, que era trazer paz e prosperidade para todos. O que realizou foi prosperidade à base de muita opressão e descontentamento geral. Logo veria que aquela prosperidade nada mais era do que temor ao seu autoritarismo.

Josafá já contava com trinta e cinco anos e suas pegadas já não eram tão firmes, pois o desgaste do deserto e de inúmeras batalhas, associadas a doenças da região já o faziam perder o vigor físico do passado. Antibes já o amava secretamente, mas havia momentos em que o rejeitava pelo seu excesso de arrogância. No final, ele se achava um semideus nas suas alucinações mentais de poder; era um tirano e com ele muitos inimigos ainda o iriam enfrentar.

Passaram-se mais alguns anos até que sua tribo teve que enfrentar novamente o grupo de nômades que ele havia expulsado alguns anos antes, agora mais fortes e mais organizados, cujo chefe era um descendente de fariseus, uma estirpe nobre para aquelas paragens.

Houve várias contendas, mas a tribo de Josafá, acostumada com a região e os tipos de conflitos, mais uma vez saiu vitoriosa. Vários membros da tribo retornaram ao mundo espiritual, seja pela velhice, pelas guerras ou pelas doenças que assolavam a região.

Um belo dia, a tribo foi visitada por um profeta que se chamava Eliezer, trazendo previsões de um futuro melhor para a humanidade, dizendo que um dia o amor apareceria e traria esperanças para um mundo sem conflitos ou desavenças. Este profeta ficou três dias hospedado, segundo os costumes da região, pois era considerado emissário dos deuses e, ao partir, deixou uma mensagem de amor, que iria repercutir nos pensamentos de Josafá e seu povo, tornando-os com um pouco mais de esperança em um futuro melhor. Foi embora

para nunca mais ser visto naquela região. Dizia-se um pastor de almas e um homem de bem. E, assim, Josafá passou o resto de sua vida tentando ser menos agressivo, tentando ter mais compaixão para com o próximo, coisa muito difícil para ele.

Certa noite, olhando para as estrelas do céu, seu pensamento foi longe e a saudade de um povo distante penetrou-lhe os pensamentos até adormecer e sentir que seus dias já estavam se esgotando. Nunca um homem tão rude pôde, com poucas palavras, resumir seu estado de espírito:

“Amadureci, cresci, mas não aprendi”.

Estas palavras refletiam o pensamento que ele iria carregar por muitos anos, até o fim dos seus dias.

A batalha

“Naquela noite estrelada, observo a luminosidade do céu e me ponho a pensar naqueles anos passados, mas vejo uma estrela caindo para depois do horizonte, como um presságio de uma nova vida, um novo momento. Eu, Josafá, vou determinar que toda a minha fortuna seja finalmente utilizada para a construção de um memorial ao meu pai, junto com os deuses que nos protegem: este é o meu desejo.”

Todos do grupo, então, começaram a construção do memorial, com representação de estátuas de animais, grandes homens da mitologia grega e helênica e, no meio, o pai de Josafá, que foi elevado à categoria de semideus. É importante frisar este fato, visto que naquela época já se comparavam homens simples a deuses, coisa que – nos tempos atuais – os homens com seu orgulho elevado também fazem. Nunca naquelas terras se soube que tão grandes divindades eram apreciadas pelos seminômades, grupo que pouco acreditava em deuses, mas que passaram a respeitar e adorar tais imagens tipificadas por seres de outras dimensões.

Enquanto isso, Josafá se distraía com afazeres diários de um chefe de tribo como julgar pendências, decidir sobre a vida dos outros, ou delimitar afazeres múltiplos a todos que se encontravam sob seu domínio. Certa tarde, surgiu um emissário do antigo amigo judeu Aarão, pedindo que Josafá fosse ao seu encontro com o máximo de soldados que pudesse trazer, para poderem arregimentar um grande exército e combater os inimigos filisteus, que se apoderaram da cidade sagrada de Hebron, ao norte de Jerusalém – sagrada para os judeus, mas não para Josafá.

O emissário enviou resposta urgente, porque os combates não tardariam a começar. Josafá reuniu sua família e após breve diálogo, decidiu seguir o emissário, reunindo um pequeno grupo de trinta e cinco cavaleiros que, fortemente armados, passariam a compor a guarda dos judeus.

Foram três dias de caminhada sob um calor intenso, até a localidade de Hanós, próximo a Hebron, local de encontro com o exército judeu.

Aarão felicitou o antigo amigo e explicou a situação: estavam acampados há três meses próximo a Hebron e já tinham tentado um ataque final por três vezes, sem sucesso. Necessitavam de toda ajuda possível para realizar uma intervenção

definitiva e resgatar a cidade das mãos daqueles filisteus, povo guerreiro, mas sem crença em um Deus único, que comandava o céu e a terra. Por isso, deveriam ser dominados e transformados em escravos. Josafá e Aarão confabulavam:

– Irmão, te chamei porque confio em ti. Nossa longa amizade me fez lembrar que em todas as situações fomos amigos e peço-te que te engajes nesta luta ao nosso lado. Prometo que não te arrependerás, pois a cidade encerra tesouros suficientes para pagar qualquer dívida na terra e parte desta riqueza será distribuída para os nossos amigos que lutaram ao nosso lado. Ademais, tens meu eterno agradecimento e de meu povo, cujo comandante Arnon será nosso guia e o nosso Deus nos levará à vitória sobre este povo pagão e infame.

Josafá ouviu atentamente Aarão e respondeu:

– Sabes que não podia deixar de atender ao teu pedido, pois sempre me apoiaste em situações delicadas. Trouxe um pequeno exército, experiente e adestrado, serviremos ao teu propósito como a um irmão de sangue que pede ajuda em dificuldade. Hoje precisas de mim, amanhã talvez seja eu o necessitado.

Então os dois se abraçaram e Aarão levou Josafá para conhecer os chefes do exército judeu e apresentou-o aos guerreiros como sendo o chefe de mais um grupo a apoiar as pretensões judaicas. Após uma semana, todos já conheciam suas posições e o modo de como iriam desenrolar a batalha. O grupo dos filisteus ia ser surpreendido com dois ataques simultâneos, com vários grupos de combatentes. Uns viriam pelo norte e outros atacariam as muralhas do sul e se uniriam contra as fortes defesas do inimigo. Na véspera do ataque, vários sacrifícios de animais e orações fizeram parte dos preparativos, choros e gritos acompanharam aqueles momentos e o grupo de Josafá só observava aqueles rituais que precediam o ataque.

Com o amanhecer, todos os homens fizeram um rápido desjejum e insistiram em rever suas posições e preparar suas lanças, flechas e machados, todos prontos para iniciar o combate. Seguiu-se que cerca de mil e quinhentos homens judeus iriam avançar sobre os dois mil e quinhentos filisteus fortemente armados e protegidos por uma muralha de fortificação.

Deu-se o sinal de ataque e todos partiram, em formação de combate, em direção às muralhas. Aarão e seu grupo de comando acompanhavam o desenrolar da marcha a uma distância de poucas léguas. Gritos e barulhos se ouviam atrás das linhas dos filisteus, que estavam preparados para enfrentar aqueles judeus.

Começaram os arqueiros a lançar suas flechas em direção à muralha e bolas de fogo foram arremessadas em direção à cidade. Todos começaram a correr e a jogar suas lanças por cima dos muros, com o intuito de atingir o inimigo enquanto outro grupo preparava uma tora de madeira para tentar atingir um dos portões da cidade. Foi quando um grupo de combatentes filisteus iniciou um contra-ataque, lançando suas flechas certeiras, com os toques de trombetas anunciando o início do revide. Foram lançadas flechas incendiárias e pedras de todos os tipos, que atingiram mortalmente vários soldados judeus. Estes revides e ataques persistiram por quase toda a manhã, sem que as muralhas da cidade sofressem qualquer tipo de dano sério.

Aarão e seu exército recuaram ao final do dia com poucas baixas, mas muitos armamentos perdidos. Os arqueiros passaram a noite confeccionando novas flechas e armas de pequeno porte, os judeus se reorganizaram e propuseram um novo ataque na manhã seguinte, desta vez utilizando flechas incendiárias que, ao tocar em qualquer posição inflamável, iriam produzir além de fogo, forte explosão local, devido à composição da bucha – feita com arbustos ressecados de planta que emitia pequenas explosões quando secas, formando grave incidente de susto aos que não conheciam esta artimanha.

Depois viria a cavalaria que lançaria seu ataque com lanças cujas pontas eram embebidas em substâncias venenosas, ao mesmo tempo em que os portões seriam atacados por grupos de terra protegidos por armaduras e escudos resistentes. Entre esses grupos, estava Josafá e seu pequeno exército. E foi assim, utilizando este estratagema que, após vários dias de ataque, finalmente os portões foram quebrados e deu-se o ataque final de exército contra exército, sendo que os filisteus, mais enfraquecidos – apesar do maior número – foram vencidos pela fome e sede que assolavam a área do conflito. Elevou-se o número de mortos e feridos para mil e oitocentos homens dos dois lados e o pequeno exército de Josafá foi reduzido a dezessete homens – para a glória de todos, visto que os combates foram fortes e violentos, não sobrando casa que não tivesse sido saqueada.

Este era o troféu dos vitoriosos, sendo que, para os perdedores, sobrava a morte por execução ou a declaração de que preferiam se tornar escravos a adotar a religião judaica como seu novo guia. Assim, os judeus cantaram vitória ao derrotar os filisteus, temporariamente, pois ainda teriam muitos inimigos pela frente.

Josafá e seu grupo foram recompensados com uma pequena fortuna de pedras preciosas, tapetes persas, ouro e muitas moedas de prata. Cantaram e deitaram

com as mulheres dos filisteus, enquanto os judeus não aceitavam aquela mistura de raças, pois achavam impuros os vencidos. Depois de mais de trinta dias da última batalha, Aarão se despede de Josafá, prometendo eterna gratidão para aquele amigo que não recusou lutar ao lado do povo judeu. Despediram-se e foram embora em direção ao seu grupo, próximo às terras do rio Eufrates. Ao chegarem, foram saudados com alegria e recebidos como heróis.

Abigail, já com muita idade, apenas observou a chegada do filho que retornava à sua terra com um ar vitorioso, mas não aprovava aquelas atitudes, porque não tolerava mais guerras ou conflitos entre os irmãos. E assim ela partiu desse mundo, dando seu último suspiro ao lado da primeira esposa de Josafá. Fizeram longo cortejo de funeral até a pira onde ela iria ser queimada.

Todos ficaram tristes com a partida daquela mulher que soube trazer alento para aquele grupo de nômades que nunca tiveram uma paz verdadeira em suas vidas. Suas palavras de consolo seriam lembradas por todos. Por sete dias houve luto entre os presentes, até Josafá chorou e seu coração duro foi quebrado por aqueles momentos. Abigail foi recebida por um cortejo de espíritos da mais alta corte, em regozijo àquela irmã que retornara à pátria espiritual com sua nobre missão cumprida. Findou-se assim a história de Abigail na terra antiga.

Os últimos dias de Josafá

“Pela manhã, às cinco horas, estava já no início do despertar, quando observei um cavalo em desesperada carreira trazendo até nós o corpo de um homem ferido no abdômen. Perdia muito sangue e o reconheci como sendo um discípulo de nossos inimigos macedônicos que resolveram se afastar muitas léguas do nosso acampamento.

Ele não falava nada, o retiramos do cavalo e o levamos para o interior de nossa tenda. Dizia ser Arock, bravo guerreiro macedônico que fora ferido em um duelo por uma jovem da sua tribo. Conseguiu fugir a galope e foi perseguido pelo grupo que dizia ter este trapaceado no combate, levando à morte seu opositor. Disse poucas palavras e caiu em sono profundo. Isto me preocupou, pois logo o grupo macedônico estaria rondando nossas terras e assim ordenei reforçar a guarda e levar Antibes e as crianças para local mais seguro, porque algum conflito poderia surgir. Algumas braçadas de tempo e surgiram três cavaleiros macedônicos à procura do homem ferido, dizendo que ele roubara joias e objetos valiosos do grupo e merecia ser preso e levado a julgamento.

Por instinto, disse que não tinha visto nenhum cavaleiro macedônico, a não ser eles, que já deveriam partir de nossas terras. Para meu engano, surgia um grupo muito maior atrás das pequenas montanhas e nos pegaram despreparados. Resolvi correr para me abrigar em local mais seguro, já que o número de soldados era maior que da nossa tribo. Deixamos o local às pressas e nos abrigamos em uma montanha próxima, a fim de nos organizarmos e traçar um plano para repelir aqueles macedônios.

Reuni todos os homens disponíveis e fizemos uma fileira com armas e reforço, mesmo assim estávamos em desvantagem. Pensei em pedir ajuda a Aarão, mas estavam há vários dias de viagem, não seria fácil encontrá-lo e trazê-lo para nos ajudar naquele combate.

Resolvi aguardar a noite chegar e tentar realizar um ataque surpresa usando a escuridão, que ajudaria a nos encobrir. Deixei meus pertences pessoais com as mulheres e partimos para cima do acampamento macedônio com cinquenta e oito homens, número suficiente para imprimir-lhes uma derrota, pelo menos enquanto eles estivessem dormindo.

E assim se sucedeu: entramos sem fazer barulho e decapitamos vários soldados

até atingir a tenda central. Para nossa surpresa não havia ninguém lá dentro – era um truque, caímos em uma armadilha, aquele macedônio ferido nos denunciou, através de espiões que nos seguiam de perto. Logo iniciamos um combate feroz, corpo a corpo, onde nossas espadas não resistiram àquele ataque covarde. Muitos de nós sucumbiram logo no primeiro contato e outros saíram correndo em várias direções, protegidos pela noite. Eu tive melhor sorte, consegui me esgueirar por trás do acampamento até atingir a planície na qual havíamos deixado nossos cavalos. Cavalguei em direção à nossa tribo, mas já era tarde, pois nossos homens restantes, mulheres e crianças haviam sido levados pelo grupo de macedônios. Nada mais me restava fazer a não ser ir pedir abrigo e ajuda aos nossos quase inimigos, o povo dos macabeus, que detinha conosco uma certa amizade de tolerância.

Recebi um não bem grande de seus chefes que não queriam entrar em conflitos com os macedônios. Persisti e falei que um membro da minha família, Antibes, tinha sangue macabeu e, portanto, apelei para seu código de honra. Mesmo assim recebi o não como resposta. Alegaram que Antibes, há anos, não cultuava mais seus deuses e, portanto, não pertencia mais àquela tribo.

Saí em desespero e fui seguindo a trilha dos macedônios até atingir o Vale do Aurab, terra prometida de riquezas, mas que agora nas mãos de macedônios, não progredia. Deixei meu cavalo a algumas léguas e percorri a distância a pé para não ser visto e presenciei a execução de vários membros da minha família, inclusive de Antibes, friamente executada com um golpe de espada em seu abdômen.

Mantiveram algumas mulheres e todas as crianças que seriam entregues a mercadores para serem vendidas como escravas. Não aguentei aquela cena e passei a correr contra aquele grupo gritando e, com minha espada na mão, pus-me a dar vários golpes contra aquele povo, atingindo e matando soldados até que, por fim, senti a lâmina de uma espada cruzar minhas costas e atravessar meu abdômen. Estava, finalmente, morto.

Assim me despedi desse mundo em direção a regiões espirituais consideradas de recuperação para espíritos conturbados, como era o meu caso, ficando isolado por muitos anos em possessões mentais demoníacas, em que sentia aquela lâmina me transpassar milhares de vezes. Desfalecia e acordava e via várias cenas de pessoas mortas combatendo e me xingando com as mesmas palavras pejorativas; vi o rosto de vários soldados mortos por mim e, infelizmente, senti a ira e o ódio daquela mulher que destruiu a vida de meu segundo filho com Antibes. Todos me odiavam.

Fiquei neste estado por vários séculos, sentindo o ardor do meu corpo e a desventura daquele lugar que, de tantos gritos ouvidos, eu perdia a consciência e retornava com grande frequência. Até que surgiu um espírito luminoso e me retirou daquele local, levando-me com um grupo de espíritos do mesmo naipe do meu para uma pequena colônia de resgate e retificação.

Passei a me sentir acolhido, mas faltava muito para eu entender toda aquela situação. Não acreditava que estivesse morto, pois com toda aquela dor ainda sentia um fio de vida correndo pelas minhas veias. Cheguei a exigir a presença do chefe daquela tribo, mas nada me disseram.

Adormeci e quando acordei me defrontei com a figura única de um ser alto, homem com cabelos longos e brancos e barba bastante grande. Seu nome: Patrício, um ser de alta estirpe e que, com o olhar complacente e calmo, me explicou que eu não pertencia ao mundo dos vivos, como eu entendia, mas dos vivos que necessitavam continuar sua caminhada para um mundo mais fraterno e humano. Este personagem me acompanhou por vários anos, sempre me visitando e perguntando como estava minha recuperação. Era o chefe da área, com muitos subordinados, pois todos realizavam tarefas sob seu comando. Muitas pessoas vieram me visitar após alguns anos de solidão, entre elas Abigail, Carlos e a senhora Dorothea, outro espírito de luz que se dizia matriarca daquele grupo em resgate e trabalho.

Deixei o tempo correr e, após muitas falas e visitas, veio a revelação: haveria a necessidade de novas reencarnações para resgatar débitos contraídos na minha última existência. E assim se foi até chegar a vez de voltar. Voltei como um mendigo que andava pela Galileia à procura de abrigo, comida e bebidas. Passei momentos de muita fome e logo desencarnei para novas forças reerguerem minha condição, até o dia em que fui convocado para ser testemunha de um momento importante na Terra.

Nasci como leproso e persisti nesta condição por mais de trinta anos até ser alcançado por um judeu de barbas rasas que se chamava Jesus de Nazaré que, com um toque com água, me tornou curado daquela doença. Tive que retornar ao mundo espiritual, agora mais forte e me sentindo mais abençoado para outras tarefas e, em uma terceira reencarnação, vim na condição de rico proprietário de terras lusas e novamente falhei ao atribuir à riqueza o primeiro lugar. Depois a minha velha mania de ódio, associada ao poder, fez com que eu me retraísse a uma condição inferior, até chegar a uma nova oportunidade como Charles de Naterville, pronto para resgatar seu amor próprio, mas que novamente pedia por uma oportunidade de se tornar uma alma em resgate de suas faltas.”

Parte III

O passado recrudesce

“Em agosto de 1941, junto com minha família, tentávamos fugir das divisões de tanques alemães Panzer; nuvens no céu de fumaça denunciavam intenso bombardeio aéreo, com danos em nossas casas, fazendas e cidades muito povoadas.

Fizeram-nos prisioneiros em nossas casas, maltrataram a todos nós, era o início da Segunda Guerra Mundial e nós no meio deste conflito bélico. Minha mãe se separou do resto de nossa família e meu pai veio a falecer em decorrência de um súbito tiroteio pelas ruas de Varsóvia. Estávamos sós, eu e meus dois irmãos, não sabia o que iria fazer sem meus pais, contava com trinta anos e, moça solteira, dediquei-me ao ensino em bairros pobres da cidade. Nunca pensei que iríamos ser atingidos pela Grande Guerra, nós no meio daquele palco.

Subitamente surgiu, próximo ao nosso abrigo, um comboio de soldados nazistas fortemente armados que, com suas couraças, nos arrastaram para o meio da rua, iniciando-se um interrogatório intenso. Estavam atrás de um grupo de rebeldes chefiados por um senhor de nome Pierre, da resistência iugoslava. Não sabíamos de nada, mal tínhamos o que comer. Eu e meus irmãos entramos em desespero com toda aquela situação até que nos deixaram e fomos acolhidos por uma pequena família de descendentes italianos que veio para a Europa oriental em busca de melhores dias, visto que Mussolini não deixava em paz quem tinha descendência de hebreus – dizia que o sangue não era puro – quanta ingenuidade.

Recebemos pão e abrigo, mas agora tínhamos que encontrar solução mais rápida para sobrevivência. Os normandos estavam em fuga, pois dizia-se que a Normandia seria invadida por Hitler e suas tropas, mas o alvo inicial era a nossa pátria, que foi dizimada em poucos dias.

Chamo-me Catrina e na época de Mussolini não podíamos encontrar amigos provenientes de qualquer parte da Itália, pois alguns diziam-se em fuga do regime, outros aprovavam completamente suas ideias e seus ideais. Meus irmãos, Gustav e Holand, também não suportavam a ideia de ficarem sozinhos e, sempre que podia, eu os confortava.

Depois de vários meses escondidos com esta família maravilhosa, fomos finalmente enviados para um campo de concentração na própria Iugoslávia, onde

pudemos entrar em contato com várias pessoas que passaram por situações idênticas à nossa. As noites eram longas e frias e os dias cansativos por trabalhos forçados em pedreiras próximas que nos levavam à exaustão.

Gustav contava com quatorze anos e Holand com dezoito anos. Eram crianças que mal saíram da infância e já tinham que se deparar com afazeres mais grosseiros, principalmente Holand, cujos músculos o ajudavam, apesar de ser franzino e com o arcabouço do seu tórax mal acabado.

Dormíamos em colchões velhos e sujos e a nossa alimentação, apesar de precária, ajudava a manter nossas forças. As mãos calejadas das enxadas faziam com que as noites fossem cheias de angústia e dor na alma, não suportávamos aquela situação.

Certo dia, apareceu um oficial nazista que se dizia Von Haume, jovem de seus trinta e poucos anos, cabelos loiros e olhos claros que logo me chamou atenção, tanto por sua aparência bem cuidada, como por seu sotaque arrastado tentando se comunicar em iugoslavo. Achávamos até engraçadas aquelas cenas hilárias daquele jovem alemão que mal sabia pronunciar seu próprio nome.

Von Haume era daqueles homens cheio de graça e eu não imaginaria o que ele estaria fazendo naquela posição. Dizia-se médico e conhecedor das artes, fiquei surpresa com suas atitudes menos beligerantes, tanto que, em certa ocasião, chegou até a me cumprimentar nos campos de trabalho.

Ah!, quanta recordação daquele momento mágico, senti uma certa atração por aquele jovem, mas era uma coisa impossível, pois estávamos do lado errado. Ele com o poder e eu com os derrotados, nada seria possível para fazê-lo me notar.

As manhãs de verão eram muito quentes e o sol abrasador fazia com que nossas forças se esgotassem antes do meio-dia. Meus irmãos já estavam em pele e osso aparentes e minhas mãos calejadas e trêmulas faziam com que nossa esperança de liberdade ficasse muito distante do nosso pensamento.

Eu não tolerava aqueles alemães, somente nutria uma afeição pelo senhor Von Haume que tratava as mulheres delicadamente, apesar da distância que mantinha de todas nós. Momentos de tristeza e pavor tomavam conta de mim ao saber que alguma companheira ou companheiro de cativeiro havia morrido em decorrência dos trabalhos exaustivos. Tudo o que nós não podíamos deixar de fazer era rogar a Deus, todo-poderoso, que tivesse piedade de nós e aliviasse as nossas misérias, mas parecia que havia um impedimento d'Ele em nos atender, talvez porque fôssemos uns desgarrados de qualquer religião formal ou por não saber nem de nossa existência, pois como pode um ser humano encarcerar outro e humilhá-lo tão intensamente como a nossa raça?

Sem respostas, continuávamos a epopeia diária. Quanta dor e opressão! Não sabíamos o que dizer quando nos pegavam sentados, descansando as pernas dormentes de tantas horas de trabalhos em pé. Tínhamos meio dia de folga durante a semana, pois o senhor Aluerte, o comandante do campo, dedicava aquele meio dia para deixar-nos pensar na vida e, quem sabe, desistir mais rápido dela, em preparar uma fuga frustrada ou tentar suicídio, o caminho mais rápido para a fuga da vida.

Chamava-me Catrina, pois meus pais queriam homenagear Santa Catarina de Siena, encurtaram o nome e o relacionaram o mais próximo possível dos nomes iugoslavos. Nunca me chamaram corretamente antes pelo nome pois, para aqueles nazistas, o meu nome dava uma dificuldade em sua dicção. Ou me chamavam por Camina ou Carlina ou simplesmente *número 1569*, pois era assim que éramos identificados, por números ou siglas, ou por mistura alfanumérica. Meus irmãos, por serem homens, iniciavam a identificação por números pares e nós mulheres por números ímpares e os outros, velhos e deficientes, por dois traços seguidos de uma letra, talvez o primeiro nome do alfabeto. Aquelas cabanas, que diziam alojamento, contavam com pequenas latrinas do lado de fora e tínhamos que mantê-las o mínimo limpas, pois sabiam que as doenças eram facilmente transmitidas. Conseguíamos umas pastilhas de formalina para misturar com um pouco de água e fazíamos como se fosse um detergente e, assim, mantínhamos aqueles alojamentos com certa higiene. Apesar do esforço, era lotado por uma população muito maior do que podia comportar.

Algumas mulheres tinham muita dificuldade de usar suas mãos para trabalhos mais pesados e preferiam até se insinuar para certos guardas na esperança de ter regalias, tudo por favores sexuais; não tinham pudor em confessar suas atitudes, mas só um Deus compassivo para ter pena daquelas mulheres que, ao final do dia, eram usadas para os deleites prazerosos da cama.

É certo que detinham certas vantagens, como proteção na alimentação, que eram mais fartas, e obtenção de passes acompanhadas e deixavam o campo por algumas horas para levar mensagens a lugarejos próximos, tudo sob a vigilância dos nossos algozes.

Numa dessas idas, a pobre Ingrid tentou fugir e foi sumariamente fuzilada por soldados que acompanhavam o pequeno grupo, pois elas ajudavam a escolher e a carregar as poucas rações de alimentos. Quero relatar também a hora em que os homens nazistas gostavam de se embebedar: sempre passavam nos alojamentos femininos e buscavam mulheres para as longas noites de prazer e, desta vez, com a cumplicidade total do chefe do campo.

Passamos vários anos em trabalhos forçados, jogando fora toda a nossa formosura, se é que um dia pude usufruir da minha beleza singular. Minhas companheiras comparavam-me a uma pequena *lady* do norte europeu. Disseram que o jovem Von Haume havia perguntado o meu nome, mas somente isto foi solicitado. Aquele médico não fazia ideia do quanto eu o olhava, parecia que algo me atraía, mas não entendia meus sentimentos. Ali jogada no fundo do poço, ainda encontrava momentos para pensar num possível sentimento para com aquele oficial alemão. Nada justificava meu sentimento, já que estávamos tão distantes um do outro, eu mal cuidada, mal cheirosa, mal alimentada, sem ninguém para me socorrer, somente eu com minhas forças minadas a me sustentar".

Catrina, sem noção do que estava acontecendo com ela, pôs-se a analisar seu comportamento e sua atração por aquele homem de posição tão diferente da sua. Não acreditava em paixão, muito menos em amor, pois aquela situação não permitiria uma aproximação racional que pudesse elucidar seus sentimentos.

Pobre Catrina, vítima de uma guerra que não era sua. Passa, depois de vários séculos em área espiritual, a conviver com um antigo amado seu, agora mais perto do que nunca, pois só a força do amor pode superar as barreiras mais árduas.

Neste momento, os nossos personagens iniciam uma caminhada paralela que, preparada pela espiritualidade maior, dá chance para que os resgates de vidas passadas possam contribuir para a evolução dessas almas que clamam por conseguir um sentimento que todos procuram: o amor que resgata, que cura o passado e que perdoa as piores faltas das nossas vidas, o velho e bom amor.

Haume, o poeta

Antes da Segunda Guerra, Alexander Von Haume estudava em escolas particulares em sua cidade, próxima à fronteira da Alemanha com outros países de origem escandinava e sabia-se que teve uma educação primorosa. Gostava de artes, ouvia piano com a delicadeza dos grandes mestres e dava opinião sobre assuntos ligados à política e à evolução do Terceiro Reich. Não tinha escrúpulos em opinar a respeito de não ser adepto de conflitos armados de qualquer natureza, visto que vinha se dedicando à benevolência através de trabalhos de doação em prol de pessoas de pouca condição sócio-financeira. Dizia que um dos problemas da evolução humana estava muito ligado à evolução espiritual, sendo a necessidade material mais importante e a de que todos precisavam para viver.

Adorava a filosofia e sempre que podia reverenciava os ideais de grandes filósofos como Platão, Nietzsche e Simone de Beauvoir. Não gostava de conflitos e era tido como indivíduo da alta estirpe de pensamentos e atitudes baseadas em Jesus Cristo. Um misto de bom jovem, poeta e sensitivo para as artes e os bons costumes. Descendia de família nobre e sempre que podia frequentava os salões da alta sociedade berlinense. Era admirado por muitas moças, mas nenhuma tinha despertado o real interesse por parte de Von Haume. Dizia-se ateu não convicto e que, em passado recente, teve experiências com pessoas que passaram por momentos de quase morte.

Cursou a Universidade de Berlim e sentia-se com capacidade de realizar pequenas e médias cirurgias, além de efetuar tratamentos nas mais diversas áreas do corpo humano, sempre se destacando como um dos melhores alunos. Tinha a fama de ser um homem atraente e bem educado, o que o elevava à categoria de um dos partidos mais cobiçados no anti-guerra.

Seu apelido nas rodas sociais era Dom, por lhe acharem semelhante a um homem com dons, um nobre, uma figura que Deus colocou na Terra para encantar a todos os que tivessem contato com sua figura, mas Von Haume tinha em si pensamentos de altruísmo e queria fazer caridade na melhor das formas. Chegava a obter um disfarce de simples camponês e percorria as periferias da grande cidade à procura de necessitados de ajuda financeira. Não queria ser reconhecido, achava que a verdadeira caridade não necessitava de uma face.

Dizia-se um bom filho e que tinha o objetivo de diminuir o sofrimento do próximo, mas tinha a carência de um grande amor, alguma pessoa com quem compartilhasse sua felicidade, seus enganos, seus sucessos, pois era humano e sentia necessidade de ter ao seu lado uma companheira que entendesse suas posições e compartilhasse com seus êxitos e derrotas.

Sem dúvida, era um espírito mais evoluído que passara a habitar a Terra naqueles momentos em que a humanidade seria vítima de um conflito dos mais cruéis e que marcaria a vida de todos que estavam nesta caminhada evolutiva.

Cinco anos se passaram e iniciou-se a guerra. Haume, já com sua carreira de médico solidificada, foi chamado pelo Führer a fazer parte da campanha nazista de agressão aos seus vizinhos. Não teve alternativa, pois também amava sua pátria e este seria um momento especial para provar a sua determinação de bom filho. Fez suas malas e apresentou-se ao exército alemão como grande colaborador da campanha de Hitler. Sua missão era atuar em campos de concentração com o objetivo de deixar os prisioneiros e o pessoal da guarda em mínimas condições de sobrevivência, já que Hitler não tinha interesse em manter por muito tempo aquelas almas aprisionadas em cativeiro, sem muita saúde, pois precisava de pessoas capazes de participar de trabalhos a serviço da nação alemã. Queria que seus servos tivessem pelo menos condições físicas de fazer trabalhos em prol da campanha nazista, como carregar pedras de contenção de tiros ou em atividades de manutenção de armamentos, dentre outros, como costura e sapataria.

Hitler queria elevar o povo alemão à mais alta das raças, destruindo ou esmagando aqueles que se opusessem ao regime autoritário. Foi assim que nosso personagem Von Haume acabou por servir no campo de concentração onde a pequena Catrina estava presa. Ao chegar, observou a miséria daquele lugar e comprometeu-se a tentar trazer um pouco de alento para aquelas pessoas cujos destinos levaram-nas à condição de presos de guerra, uma das piores condições que um ser humano pode experimentar, principalmente aqueles miseráveis que não tinham nenhuma chance de sobreviver naquela situação por muito tempo.

Mas aquele oficial faria a diferença em seus destinos, pois tinha intenção de ajudar o máximo possível, sem prejudicar sua pátria mãe. Era um oficial competente e ordeiro, não tolerando cenas injustas a que muitos prisioneiros eram submetidos, mas em muitos casos não podendo intervir para não haver quebra de hierarquia. Disto o povo alemão sempre foi muito observador: ordem e eficiência no que faziam eram os pilares do sucesso dos seus empreendimentos. Sempre procuravam a perfeição e seus erros faziam com que

aumentassem o interesse de suplantar as dificuldades. Consideravam-se uma raça superior ariana, descendentes de deuses dominadores da antiguidade e, sob o fascínio de um líder autoritário, tinham certa convicção deste poder.

Numa noite, já no campo, Haume pensa exaustivamente em como poderia ajudar aquela população encarcerada sem ser reconhecido como o oficial que ajudava os presos. Teria que arranjar um jeito de ajudá-los em suas necessidades mais básicas. Teve a ideia de trazer ao comandante do campo a proposta de formar um grupo de socorristas entre os próprios presos.

Selecionaria quinze pessoas, sendo dez homens e cinco mulheres para compor aquele primeiro grupo, visto que eles falavam a língua local e seria mais fácil detectar alguma intenção de fuga. Levou o projeto ao comandante que achou esplêndido e logo Haume passou a selecionar os felizardos.

Observou aquela moça de traços finos, olhos azuis e pele muito branca, mas maltratada, e perguntou a uma companheira de turno de trabalho o seu nome: Catrina. Então ele faz uma pré-seleção e colocou Catrina em sua lista. Entrevistou mais de oitenta presos, selecionou os quinze e Catrina foi uma das que iriam participar do grupo de socorristas do campo. Haume se impressionou com a inteligência e finos tratos da moça, achou que havia algo nela que o intuía a algum passado distante, não sabia que seus laços fraternais remontavam de tempos antigos e que aquela situação os levaria a descobrir uma verdadeira afeição mútua que só as estrelas do firmamento são capazes de testemunhar.

Haume iniciou o treinamento dos socorristas com aulas de primeiros socorros, manipulação de alguns medicamentos básicos curativos, como fazer respiração e massagem cardíaca e verificar os sinais vitais dos doentes. Verdadeira aula de humanidade e consolo para aquelas pessoas que não tinham mais esperanças de serem libertadas.

Após dez dias de aulas práticas e teóricas, os quinze selecionados receberam do comandante do campo a prerrogativa de atuarem junto aos doentes. Com isso, ganharam o direito de uma melhor alimentação e banhos higiênicos, quando fossem necessários – afinal o aspecto daquele grupo deveria transmitir o melhor grau de higiene perante os outros presos que trabalhavam na pesada rotina do campo.

Destacaram-se dos demais e Catrina passou a atuar, além de socorrista, como pessoa mais próxima de Haume, visto que, pelas suas habilidades pedagógicas, ajudaria os doentes a entender sobre como proceder curativos e a necessidade de higiene básica, já que muitos presos não tinham noção sobre estes assuntos.

Haume e Catrina formaram logo um vínculo profissional, mas começaram a

perceber que algo a mais os atraía, como um ímã, um calor ardente os tomava quando um falava com outro, já não tinham mais segredos em seus olhares.

Catrina não acreditava que estes sentimentos haviam tomado conta de seu eu, pois o convívio com Haume havia aberto uma porta que, praticamente, estava fechada para sempre. Aquela oportunidade de estar mais próxima a ele fez com que seu coração começasse a se apaixonar. Não tardou para que Haume percebesse o mesmo sentimento. Achava que aquela situação não poderia acontecer, pois como iria explicar uma paixão por uma prisioneira? Seu comandante o transferiria para outro posto sem piedade, já que a ordem do campo não poderia ser quebrada por estas situações.

Haume e Catrina ainda não tinham coragem de se declarar, mas ficava claro que isto não tardaria, pois eles tinham sido feitos um para o outro, assim como o pão é formado pelo trigo. Não havia chance de esconder aquela situação por muito tempo. Seus gestos, olhares e conversações eram observados pelos outros prisioneiros, que passaram a desconfiar de uma afeição mútua entre o médico e a prisioneira – ou o monstro e a vítima.

Quem era Haume? Não havia resposta para a paixão de um oficial do exército mais poderoso do planeta por uma prisioneira sem chance de sobreviver por muito tempo. Os momentos que ambos iriam passar se revelava como daqueles em que não há uma explicação lógica e somente aqueles que acreditam em um passado de convivência mútua poderiam achar que talvez em vidas passadas tivessem alguma ligação.

E foi assim que ele se apaixonou por aquela mulher que encantava seus olhos e sua alma. Haume, o médico poeta, sensível e elegante, apaixonado pela presidiária que mal conhecia.

Haume passou a conversar com Catrina mais frequentemente e a esboçar trocas de sorrisos e cumprimentos mais afetivos a que Catrina correspondeu, pois seu coração já denunciava que aquele homem a atraía, mas receava pelas consequências.

O que poderia fazer? Declarava-se para seu algoz ou manteria segredo de seus sentimentos? Esta decisão não poderia partir de sua mente, mas do seu coração. Bendito seja Deus por estes momentos.

O casamento de Catrina

A guerra tinha se estendido para outros continentes. Havia notícias de que os Estados Unidos haviam entrado no conflito bélico e que um ataque covarde dos japoneses havia aberto feridas profundas no povo americano. Logo o conflito se tornou global, envolvendo o mundo todo. A humanidade estava sob uma prova muito difícil e só o amor e o entendimento entre as raças tornaria possível atingir a paz.

Enquanto isso, naquele campo de concentração, nossos personagens continuavam a manter aquela rotina escravagista, com muitas perdas humanas e outros que chegavam presos para iniciar seu cativeiro.

Von Haume continuava a pensar em Catrina e logo a interrogou:

– Como você tem habilidades com os doentes, porventura já teve alguma experiência neste campo assistencial?

– Não, senhor – retrucou Catrina. – Apenas desejo que estes doentes se restabeleçam logo e com isso dedico todos os meus esforços para resgatar sua dignidade.

– Não vejo falta de dignidade – rebate Haume. – Vejo sim obrigação em trabalhos duros a que um prisioneiro de guerra é submetido. Alguns excessos são compensados com melhoras nas acomodações e alimentações mais condizentes, mas nada muito difícil.

– Não me fale assim, doutor. Sabe que sofremos muito, estes trabalhos esgotam nossas forças. Vejo que é um deles, impiedoso, agressivo.

– Como te enganas, não percebes que arrumei o grupo de socorristas para melhor atendê-los? Isto faço por convicção e em justiça para com minha consciência e vejo que tens bom coração e desejas o melhor para os teus semelhantes. Catrina ficou a pensar e a olhar aquele homem com mais respeito. Veio a necessidade de dar atendimento a outros prisioneiros e logo se voluntariou para dar prosseguimento ao jovem judeu que se encontrava em transe mental, debatendo-se e necessitando de tranquilizante. Von Haume prescreveu a medicação e mandou executar suas ordens para com o preso.

Todas as noites, a pretexto de fazer a contabilidade das medicações e curativos realizados, ficavam Catrina e Von Haume na enfermaria até às vinte horas e tinham a oportunidade de dialogar com mais frequência, longe dos olhares dos

outros. Iniciaram-se diálogos construtivos e até orações eram recitadas por Catrina, sob as vistas de Haume, que passou a ter cada vez mais afeição por aquela prisioneira.

Certa noite, já no final da contabilidade, o casal sentou-se um próximo ao outro e em atitude não pensada, Von Haume beijou apaixonadamente Catrina, que correspondeu ardentemente àquele gesto, fazendo trocas de carinhos e declarações de amor. Definitivamente estavam apaixonados, com as bênçãos dos céus.

– Como posso beijá-lo? – Catrina arguiu. – Não posso ficar com você, sou uma prisioneira, não sei como pude corresponder.

Haume percebendo o momento, sussurra apaixonadamente:

– Não temas, meu amor, o que sinto por ti é profundo e verdadeiro. Há muitos dias venho perdendo sono só em imaginar em tê-la em meus braços, não consigo mais pensar em outra coisa, somente em tê-la aqui ao meu lado. Espero as horas passarem para ficar perto de ti neste horário. Peço-te desculpas se a incomodei. Se não sou correspondido, não farei mais nada, mas espero que compreendas que minha afeição por ti é profunda, desde que a vi pela primeira vez. Quando cheguei ao campo, notei em ti algo de especial e depois de muito analisar percebo que meus sentimentos são muito intensos por ti. Me dê uma chance de mostrar o quanto a respeito e a quero.

Catrina ainda em seus braços e com o rosto encostado no tórax de Haume começou a chorar e a suplicar ao seu amado para que ele não a iludisse, que não enganasse seus sentimentos, pois também, desde a primeira vez que o vira, sentiu um arrepio em seu ser, uma alegria no coração, uma esperança de um dia poder tocá-lo e amá-lo intensamente. Abraçaram-se mais intensamente e trocaram muitas juras de amor.

***

É, meus amigos, o destino traz situações inusitadas em nossas vidas e Haume e Catrina, por força de suas limitações, encontraram um no outro afeições há muito latentes, em que os céus não poderiam esperar para uni-los nesta vida.

Transcorreram alguns meses, com esses encontros a se desenrolarem quase que diariamente sem a suspeita do comandante da guarda, até que, por um acidente, houve a necessidade de intervenção médica em um soldado que se feriu com a própria baioneta e necessitou de atendimento médico de urgência.

Foram à procura de Von Haume e não o acharam. Deram um alerta maior e não foi encontrado, dando-se falta também da prisioneira Catrina, que não se encontrava em seu alojamento. Os dois estavam em ambiente isolado, na capela

do campo, traçando planos para quando tudo aquilo terminasse, mas foram flagrados por guardas que procuravam intensamente por Von Haume.

Não tardou para que o comandante do campo inquirisse o jovem capitão médico, que deu a desculpa de ter ido orientar a prisioneira quanto aos cultos a Deus para fortalecer a sua fé e com isso tratar melhor espiritualmente aqueles doentes necessitados, visto que raramente ia algum capelão àquelas paragens, dificilmente tendo um culto.

Mas o velho comandante abriu suspeitas com aquele relacionamento e a partir de agora atuaria com vigilância mais severa com aquela prisioneira. Passaram-se algumas horas e após Von Haume tê-lo tirado do risco de morte, o pobre soldado foi novamente conversar com o oficial superior.

– Desculpe-me, comandante, mas vim à sua presença reportar que a prisioneira Catrina nada teve de culpa com o encontro que pedi para realizar na capela. Estas questões religiosas devem ser empregadas com os prisioneiros para que tenham esperanças de um dia saírem libertos deste campo e com isto terem vontade de viver e trabalhar.

Sob este ponto de vista, até que o comandante concordou, mas proibiu Von Haume (Charles) de se encontrar novamente em hora inoportuna com Catrina (Sarah), pois isto era contra a ordem do campo. Von Haume aquiesceu e prometeu que aquele episódio não mais se repetiria.

Momentos depois, Catrina fora interrogada por outro oficial que confirmou a versão de Von Haume e todos se deram por satisfeitos com aquele episódio. Fora necessário um pouco de destreza para relatar a versão de ensino religioso para que a paixão de Von Haume por Catrina não sofresse nenhum abalo. Ficaram afastados por algumas semanas, mas não aguentavam ficar longe um do outro e voltaram a fazer encontros rápidos, agora em local mais insuspeito possível: a adega particular do comandante, que ficava próximo à sala de refeitório dos oficiais.

Com a ajuda de um armeiro da tropa, ele fez uma cópia da chave, alegando necessidade que tinha de traçar planos de estudo em ambiente mais amplo e calmo do que seu alojamento. Os demais oficiais costumavam se recolher logo após as vinte e uma horas e ele só dormiria após as vinte e duas horas, já com seus projetos firmados quanto ao atendimento médico do campo, tanto para a guarnição, como para os prisioneiros. Foram muitos encontros e tudo sob a luz dos espíritos amigos que favoreciam o pensamento dos envolvidos para que tudo transcorresse dentro da normalidade.

Era fim do ano de 1942 e tudo fazia crer que aquela guerra duraria muitos

anos. Começaram a aparecer presos de várias raças e etnias, até índios foram condenados à prisão naqueles campos gélidos. Von Haume se desdobrava no atendimento àquelas criaturas sem esperança, até que um dia resolveu chamar Catrina para um encontro na adega.

O comandante havia feito pequena viagem de inspeção em cidade próxima e iria retornar somente no dia seguinte. Von Haume pediu para Catrina entrar e sentar-se na poltrona do oficial superior. Após breves juras de amor e carinho, beijou os lábios de Catrina e pediu para que ela se casasse com ele, um casamento secreto, somente os dois, naquele momento, tendo como testemunha somente Deus.

E assim Von Haume jurou, de joelhos, amor eterno na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separasse e deu como garantia de suas palavras o pequeno galão que tinha no uniforme, que representava um objeto de metal, sua insígnia de Capitão, para que ela guardasse para o resto de sua vida.

Von Haume e Catrina casaram-se sob os olhos de espíritos amigos, como Abigail, que não parava de acompanhá-los e formou-se uma legião de anjos nos céus que cantaram glórias ao Senhor e trouxeram bênçãos em aspecto de luzes e pequenas chuvas de estrelas que caíam sobre o casal, sob forma de amor. Von Haume e Catrina iniciavam uma nova vida, apesar de estarem, conjuntamente, em cativeiro. Ele, o algoz – ela, a prisioneira. Mas o amor nunca aprisiona ninguém e sim liberta as almas de seus grilhões. E, assim, a vida continuou nos próximos meses até a chegada do verão de 1943.

O encontro

Em outubro de 1943, as batalhas da Segunda Guerra transcorriam com uma ferocidade enorme. Milhares de pessoas sucumbiram durante os enfrentamentos dos exércitos cada vez mais adestrados, os horrores da guerra se espalhavam para os quatro continentes e algumas pessoas clamavam a paz sem serem ouvidas. Nossos personagens ainda permaneciam enclausurados no campo de concentração, agora com mais prisioneiros do que nunca, com falta de comida e utilitários básicos.

Von Haume se preocupava diariamente com a saúde do povo que ali se encontrava e Catrina não media esforços para dar um pouco de consolo aos doentes já terminais. Não sobrava quase tempo para que o casal trocasse carícias ou confidências, tudo transcorria com uma rapidez no tempo, que eles mal tinham momentos a sós.

Certa noite de outubro, reuniram-se os soldados com o comandante do campo, vendo as possibilidades para diminuir a superlotação do local e chegaram à conclusão de que seria mais fácil transferir certos presos para outras unidades prisionais e com isto a quantidade de relegados da sorte diminuiria.

O comandante informara que pediria uma audiência com o Führer para expor sua preocupação de que aquele quadro de excesso de presos poria sua unidade mais desguarnecida, favorecendo fugas e motins.

Von Haume se voluntaria para ir com o comandante. Seria uma oportunidade de esclarecer as dificuldades que tinham em manter toda aquela gente em condições de executar os trabalhos propostos para o Terceiro Reich. Na noite seguinte, partiram em pequena comitiva rumo à Alemanha para tentar convencer Hitler da necessidade de aumentar as instalações do campo ou retirar os prisioneiros excedentes.

Levaram dois dias de viagem em pequeno comboio até Berlim. Fazia tempo que Von Haume não visitava sua terra natal e prometera à Catrina levar uma lembrança do local. Deslocaram-se direto para o bunker de Hitler e foram, primeiramente, recebidos por um oficial superior de nome Heuser.

“Nunca o tinha visto, mas falava com autoridade e pediu que todos nós, em número de cinco, sentássemos próximo à sala de reuniões do Führer, pois o mesmo se encontrava em importante discussão sobre como iria destruir para

sempre o império britânico. Aguardamos por duas horas, o que foi suficiente para que nós trocássemos de planos por, no mínimo, três vezes, de como seria a melhor maneira de expor o caso a Hitler e ao seu grupo. Meu comandante tinha sido treinado por contemporâneos de Hitler e usaria sua influência do passado para ter boa aceitação por parte de Hitler.

Abriu-se a porta e vislumbramos um grande salão com muitas mesas e quadros com miniaturas de exércitos, navios e aviões. Dava para perceber que se tratava de um centro de controle de guerra, cujas ordens de operações eram controladas vinte e quatro horas por dia.

Atravessamos esse grande salão e penetramos no outro gabinete bem menor, mas fortemente guarnecidos, e postado em pé, próximo a uma lareira, ali estava o grande estadista alemão a quem só pude ver através de jornais e, muito longinquamente, durante uma simulação de treinamento tático no centro para oficiais do exército alemão. Entramos e fomos convidados a sentar em um grande sofá próximo à mesa onde o Führer despachava. Fomos apresentados e todos nós o cumprimentamos com a famosa saudação para com nosso líder *Heil Hitler*, dito em bom e alto tom. Após os cumprimentos de praxe, fomos convidados a nos sentar e iniciar a conversa.

– O que os traz aqui? – pergunta Hitler.

– Somos do campo de concentração Borain, próximo a Varsóvia e viemos ao nosso Führer com o intuito de apresentar nossas dificuldades locais e uma solução para que o campo seja adequado o suficiente para receber os prisioneiros de guerra.

Nosso comandante passou a informar a nossa estrutura, quantitativo, reserva, número de soldados, munição e tudo mais que um comandante de unidade pudesse expor. Foi quando Hitler, de sua média estatura, olhos penetrantes e voz certeiramente autoritária, interrompeu a explanação e disse que a solução mais viável seria exterminar uma parte daquela população, começando pelos mais velhos e depois pelos que não pudessem realizar trabalhos ali praticados.

Ficamos a nos entreolhar, pois esperávamos tudo, até um simples não, menos aquela ideia de exterminar prisioneiros deliberadamente, visto que apesar do dever que todos tínhamos com a pátria, não imaginávamos reduzir aqueles prisioneiros usando tal artifício. Nosso comandante, usando uma voz baixa e acachapante perguntou ao nosso Führer, como poderíamos fazer tal proeza e ele relatou simplesmente:

– Pare de dar comida para eles, aumente sua carga de trabalho e em poucos dias terão sobrando acomodações e alimentação suficiente para nutrir outros

presos com mais condições.

Senti-me revoltado com aquela resposta, parte do meu mundo e ideais ruíram durante aquela reunião e percebi que aquela guerra não era feita para pessoas como eu, que tinha um ideal baseado em atender as pessoas necessitadas, e sim feitas para pessoas sem escrúpulos de como vencer uma guerra, nem que fosse necessário destruir vidas de pessoas que já não tinham mais vida, pois já estavam enclausuradas em um ambiente aterrorizante.

Ficamos mais quinze minutos e nos despedimos de Hitler com a costumeira saudação e fomos embora decepcionados, com muitas dúvidas na cabeça. Aquelas ordens não poderiam ser cumpridas em sua totalidade, pois nenhum dos cinco que participaram da reunião tinham a intenção de deflagrar um morticínio por conta própria, isto era muito duro para todos nós.

Rumamos de volta para a destruída Iugoslávia e penetramos no campo por volta das quinze horas, com vários oficiais e soldados nos aguardando para receberem as ordens do alto comando nazista. Nosso comandante iniciou a explanação afirmando:

– Minha tropa! Hoje como nunca, teremos que nos concentrar em fazer o melhor de nós. Trouxemos ordens de eliminar os piores prisioneiros, mas temos a obrigação de ao menos dar-lhes uma chance. Não lhes daremos comida, mas daremos consolo para que seus arrependimentos façam com que nossa causa seja por eles reconhecida e com isto jurar lealdade ao Terceiro Reich. Se aceitarem, serão tidos como um dos nossos e serão tratados com a mais alta dignidade. Se negarem, serão executados por fuzilamento, porque serão traidores da nossa causa.

Dadas as ordens, separaram os mais velhos e os menos capazes e iniciou-se a explanação dos fatos. Ninguém aceitou a proposta.”

O fim do Reich

Novembro de 1943. Durante reunião com seus oficiais, o comandante do campo resolveu dar um ultimato de alerta para que os presos mais velhos e debilitados se tornassem voluntários para aderir ao hitlerismo, só que Von Haume e os outros oficiais discordavam desta posição e deram outra sugestão, que tais presos fossem utilizados de maneira mais produtiva. Colocariam inspetores nos campos exteriores para realizar trabalhos de inspeção a serviço do Reich, sem eles propriamente saberem que estariam contribuindo com os alemães.

"Para os oficiais, seria uma saída temporária, que não resolveria o problema de superlotação do campo, mas aliviaria o peso de sermos acusados de assassinos em série e de nos comprometermos perante tribunais de julgamentos futuros.

E assim foi feito, os mais velhos e os doentes que tinham condições saíam bem cedo, pela manhã. Só retornavam à tarde com a condição de relatarem a presença de pessoas estranhas no local, que eram predominantemente camponeses que, na primavera-verão, aderiam ao ritual da colheita da plantação, e no inverno faziam seus lares mais aquecidos. Ademais, esses poucos colonos foram previamente cadastrados e todos tinham uma origem eslovaca, o que facilitaria o reconhecimento de estranhos, ou seja, os serviços daqueles idosos e dos desvalidos eram apenas para fazer de conta que não quebraram as ordens do nosso comandante.

Passaram-se outros meses e o inverno veio rigoroso, com todos nós sentindo dificuldades na alimentação e em manter o aquecimento do local. Tivemos a ideia de racionar combustível e alimentos com a finalidade de estocar e ir gastando, paulatinamente, nossas reservas.

Durante este inverno, tivemos muitas dificuldades e a luz passou a ser de velas e candeeiros. O frio assolava brutalmente a região e eu e Catrina resolvemos passar o tempo contando nossas peripécias na infância e adolescência.

Fiquei fascinado com seus relatos e não parava de olhá-la e sentir que ela era a mulher da minha vida. Em meus pensamentos, comecei a sonhar com uma casa, filhos, alegria por todo lugar, uma verdadeira família e eu ao lado da nossa lareira a cantar e declamar poesias do mais alto nível para aquela bela mulher. Não me continha e beijava Catrina com mais frequência, apesar de estar longe dos olhos das pessoas, sentia receio em novamente ser descoberto.

Assim passou-se o inverno e iniciou-se a primavera com seu esplêndido sorriso. Cultivamos nossas esperanças de que aquele conflito não tardaria para terminar e logo tivemos notícias do *front* nada animadoras para o Reich, mas que traziam alento para alguns presos que ouviam os boatos da guerra.

Passamos a fazer times de futebol e estimular alguns presos a praticar o esporte, tudo com a supervisão do comando do campo e para que os presos não tivessem ideias de fuga. Já bastavam nossos problemas, como alimentação.

Resolvemos fazer uma pequena horta, para ajudar no combate à fome e logo surgiram alguns legumes para distribuir nos pratos quase vazios daqueles presos. A guerra estava caminhando para o colapso total quando nosso comandante decidiu ele mesmo arrumar um jeito de melhorar nossa alimentação, destacando alguns soldados e mandando-os à procura de caça na região, pequenos animais como coelhos ou então lebres para fazer parte dos nossos pratos. Assim a fome foi-se esmorecendo, mas nada igual aos morangos silvestres que colhíamos em região próxima.

Muitos presos passaram a morrer em decorrência de uma gripe forte que abateu o campo. Nada podíamos fazer, apenas rezar para que aquela situação passasse logo. Eu não tinha convicção em Deus, mas sabia que algo superior a nós era responsável por todo aquele destino.

Catrina não parava de trabalhar, mas em alguns momentos de folga aproveitávamos para nos iludir com nossas alegrias e imaginar nosso futuro longe daquele campo. Surgiu a ideia de uma fuga, mas para onde iria e sem mim? Não suportaria tal ideia. Surgiu então o pensamento de nós dois fugirmos, mas para onde? Seria considerado um desertor e logo morreria fuzilado nas mãos do Führer. O jeito era esperar e imaginar que logo seríamos libertados com o final daquela guerra.

Passaram-se mais alguns meses até a chegada de notícias de que a nossa Alemanha estava perdendo a guerra no *front* e seríamos convocados para irmos para a frente de batalha, visto que vários soldados haviam perdido suas vidas e havia necessidade de utilizar todas as reservas possíveis para conter o inimigo.

Fui convocado para reforçar as defesas na França e assim deixei Catrina e o campo para me dedicar aos doentes e feridos nas frentes de batalha. Deixei meu amor na certeza de que, quando tudo terminasse, voltaríamos a nos ver e ficaríamos juntos para o resto de nossas vidas.”

No outro dia

“Dezembro de 1944. Já estava no *front* com o 44º regimento da cavalaria mecanizada do Reich e tínhamos poucas chances de vitória, já que o inimigo avançava velozmente sobre nossas posições.

O comandante do regimento mandava todos recuarem e se reagruparem para uma última tentativa de romper o bloqueio das linhas inimigas e fazer com que os suprimentos passassem para reabastecer o resto do 35º batalhão, que sofria perdas pesadas nas mãos dos aliados.

Eu acompanhava um pequeno grupo de soldados e tinha à minha disposição dois enfermeiros e um pouco de medicação anestésica e nada mais poderia fazer para salvar meus companheiros. De noite, era um alento para refazer nossas forças, mas tudo indicava que aquela guerra estava próxima do fim. Até Hitler mandou que todos nós retornássemos para a Alemanha, para um grande esquema de defesa da cidade, que já estava quase toda destruída pelos bombardeios dos aliados. Passávamos fome e racionávamos toda a nossa munição.

Apesar de médico, tinha como função vigiar posições dos inimigos e avisar, o mais rápido possível, caso houvesse alguma anormalidade. Fui surpreendido por um grupo de soldados aliados que me fizeram prisioneiro e me mandaram para um campo, na retaguarda já conquistada.

O tempo passava e toda a minha esperança de encontrar Catrina estava indo para bem longe da realidade. Pelo menos, passei a comer melhor, tinham certo respeito pela minha patente de capitão-médico, mas não queriam que eu ajudasse em nenhum tratamento médico. Passava horas ao relento esperando algo a fazer, até que veio a notícia de que Hiroshima havia sido bombardeada com artefatos atômicos, causando extrema destruição do local e, no outro dia, foi a vez de Nagasaki.

A guerra estava próxima de seu fim, nós éramos os últimos da resistência. Os japoneses estavam alquebrados em seu orgulho e nós, os alemães, já não tínhamos esperanças de sair vitoriosos nesta guerra.

Passaram-se mais alguns dias e foi reconhecida a vitória aliada. Nosso Führer foi dado como morto por suicídio e nossa Alemanha foi ocupada e dividida por russos e americanos em partes oriental e ocidental. E minha Catrina perdida naquele campo, sem notícias suas.

Agora eu estava aguardando julgamento do que iriam fazer com aqueles soldados presos e rebaixados na linha do *front*, esperando um último acordo de liberdade. Passaram-se mais alguns meses de espera e finalmente fui libertado e mandado de volta para ajudar a reconstruir a Alemanha, totalmente destruída após o fim daquele conflito.

Procurei meus pais, mas haviam sido mortos em bombardeios e nossa casa já não existia. Vi tudo devastado, somente permanecia meu amor por Catrina. Fui à sua procura, mas não tive a sorte de reencontrá-la. Disseram que ela havia partido sem deixar localização certa de seu destino. Fiquei desesperado, pois aquela mulher a quem jurei amor eterno havia desaparecido. O que fazer naquela situação? Nada mais me restava a não ser retornar para minha cidade e tentar reconstruir minha vida.

Passei longas noites acordado na esperança de reencontrar meu grande amor, mas nada pude fazer para reaver Catrina. Em uma manhã, já com vários meses passados, vejo que surge na minha frente um pequeno carro, estacionando próximo à minha casa em reconstrução e desce uma pequena moça com vestido azul claro, sapatos brancos e um belo sorriso em seus lábios. Era Catrina que, finalmente, havia me encontrado. Saí correndo e agarrei-a em meus braços, beijando-a longamente naquele momento inacreditável de felicidade. Catrina havia me achado.

– Amo-te muito – eu disse.

– Não podia deixar de tê-lo – respondeu ela.”

E os dois se amaram com todas as forças e ficaram felizes por todo aquele dia.

***

É, meus amigos, após muitas emoções, eis que o amor fala mais alto que qualquer momento de desespero. O amor nunca trai e não deixa dois corações que sempre se amaram longe um do outro, mesmo que a eternidade traga lacunas, um dia eles sempre se unem novamente.

A partir daquele momento Von Haume e sua esposa Catrina, finalmente juntos, passam a trabalhar por um mundo melhor. Fundaram uma associação para jovens sem abrigo e idosos desamparados e passam a fazer caridade com as bênçãos dos céus.

Von Haume, antigo ateu, se converte em discípulo de Jesus Cristo, atribuindo a Ele todas as bênçãos que tinha recebido, e com Catrina não poderia ser diferente. Ela passou a frequentar uma igreja próxima à sua casa quase que diariamente e, sem medo de ser feliz, passou a rogar aos céus todos os benefícios que tinham em suas vidas. Com isso, o casal viveu mais trinta e cinco anos, tendo Catrina

desencarnado após uma luta de alguns anos de doença degenerativa e Von Haume deixou a Terra após cinco anos da partida de Catrina. Já com seus 75 anos, sofreu um infarto fulminante. Nas suas memórias, permanecem arquivados o cortejo dos livros semiabertos dos céus. Charles, antes Josafá e depois Von Haume. Um espírito à procura de seu amor, que se intercruzaram em épocas diferentes para se curarem de seus males e evoluírem pela eternidade de seus dias. Que Deus seja louvado eternamente.

Parte IV

O outro lado

“Vejo uma luz brilhante, em forma de esfera, bailando acima de minha cabeça com um fundo escuro, trazendo a mim uma paz intensa, me relaxando. Doces perfumes no ar vieram trazer as lembranças de minhas vidas vividas em passado longínquo, entre risos e preocupações. Tudo seria por mim descortinado como uma viagem no tempo que, em fração de segundos, pude estar breves momentos num passado distante.

Momentos de alegria e tristeza, de dor e de afagos, nada escapou daquelas lembranças do passado antigo; fiquei assim por vários minutos, deliciando-me com aquele filme cheio de emoções, tristezas e ódios. Descortinei quem eu fora, de pobre mascate até dono de circo que, na boca de um leão, encontrou a morte. O silêncio de outrora trouxe-me, finalmente, a paz que tanto almejara.

Subitamente, fui levado – como em um impulso cármico – a regiões sub-infernais, com pássaros luminosos a bailar no céu, pequenos animais a flutuar sobre a grama e doces luzes acalentando toda a região. Estava no paraíso, afinal? Não sabia, achei que me encontrava em uma área reservada para boas pessoas que um dia habitaram aquela velha terra já distante, mas em meus pensamentos, sempre presente.

O ar era divino, melodias emanavam dos quatro cantos. Cânticos celestes faziam meu ser atingir o clímax de tranquilidade e alegria; nada fazia lembrar aquelas rudes lutas travadas na região terrestre, a lustros de distância do agora, com legiões de pessoas a se aproximar, trazendo um sorriso e um abraço para me acalentar. Vieram em grupos para me saudar, entre eles Abigail, Carlos, Joshua, o velho Aarão, numa carruagem sem cavalos, mas com uma brilhante caravana de pessoas a repuxar.

Nunca me senti tão feliz, tão amparado. Fiquei neste estado por algum tempo até ser levado para uma área reservada pelos que deixam a Terra e que necessitam se recompor em sua nova realidade. Levaram-me para uma colônia próxima a Estrasburgo chamada *Os Aleutas*, em homenagem a povos distantes do passado longínquo da Terra.

Sentia-me consolado e feliz, mas uma pessoa ainda não pude ver: era a minha velha companheira de algumas encarnações, Sarah. Disseram-me que não poderia vê-la, pois ainda não reunia condições favoráveis. Outros anteciparam

com informações que ela estava em regiões inferiores, pois não tinha conseguido reparar as suas faltas e com alguns agravantes, sua disciplina moral tinha ido por “água abaixo” em sua última encarnação.

Fiquei preocupado. Havia necessidade, por minha parte, de resgatar meu antigo amor e nada pude fazer para trazê-la de volta à melhor área das esferas celestiais.

Tudo começou então a diminuir os movimentos, comecei a ficar mais tonto, sonolento e perdi a consciência, permanecendo neste estado por um bom período, só recordando pequenas passagens com Sarah. Fiquei demasiadamente em torpor e dizem que não reagia a nenhum estímulo, estava cansado das lutas da minha última existência, com guerras, fome e peste e passei a adotar movimentos sutis para solicitar coisas como alimentos, luz para ver onde estava, livros para leitura, mas tudo isso com grande intervalo de inconsciência.

O tempo passou, até que recebi minha primeira visita. Era meu pai Joshua, que em épocas anteriores já havia sido meu companheiro de armas; disse-me que agora estava bem, mas necessitava de mais repouso, pois minhas lutas tinham sido muito exageradas, mas vitoriosas.

Senti-me confortado. Após algum tempo, eis que surge um anjo da guarda, a minha velha e boa Abigail, trazendo notícias do mundo carnal, que as minhas obras realizadas na última encarnação tinham prosperado e com isto ganhei o mérito de um dia voltar às esferas terrestres para uma visita de observação. Tal cortesia era uma forma de recompensa das energias gastas nas pelejas terrenas.

Sentia-me cada vez mais confortado e, por último, surgiu em minha presença a mãe de todos, Rita de Cássia, acompanhada de um séquito de nobres espíritos, todos ao seu redor como se fossem guardiões. Disse-me que, pela justiça divina, teria uns momentos de alegria inalcançáveis para qualquer um por ter tido a consciência de implantar obras felizes em minha última encarnação.

Rita faz referência a uma unidade de saúde, que posteriormente evoluiu para um pequeno hospital e passou a atender pessoas com diversos tipos de deficiências mentais. Não pude conter o choro, mas fui acalentado por aqueles espíritos que, com toque suave, acalmaram os meus puros sentimentos, transformando-os em máxima alegria.

Voltei a dormir e passei muitas luas neste estado até que comecei a ter condições de me levantar do meu leito, sempre cercado de espíritos, que se faziam às vezes de enfermeiros. Sentia-me melhor e cada vez mais forte. Pensava no meu passado e nas lutas desenvolvidas, achava que poderia ter feito mais, fiquei analisando o meu passado e minha última encarnação. Sem perceber estava sendo observado por um grupo de espíritos com aspecto singelo que

pareciam iguais e disseram que eram estudantes das esferas superiores, que tinham condições para observar a recuperação dos recém-chegados da Terra e esse era o meu caso.

Dormi novamente e já nem lembro de quantas vezes tive a oportunidade de sair daquele lugar, mas logo era impedido por companheiros, sempre em belas preces que falavam de nosso amigo Jesus Cristo – o Redentor, o Salvador – que doou sua vida por todos nós e nos mostrou o caminho da salvação.

'Amai a todos, sem distinção' – dizia, e recordei os tempos da Galileia, onde o pequeno leproso Irineu recebeu a dádiva da cura da lepra. Sim, esta foi uma das vidas do passado a quem o Mestre, através de seu amor infinito, concedeu para esta criatura desvalida a bênção do seu amor divino.

Oh! Divino Mestre, há quanto tempo fui um felizardo, sem dúvida! E agora aqui estou a me recuperar das últimas batalhas. Senti uma forte emoção ao saber, por intermédio dos meus curadores, da presença de espíritos do mais alto orbe, de que haveria necessidade de convocar trabalhadores espirituais para dar continuidade ao programa de elevação da Terra para um planeta de regeneração, e que tais voluntários seriam selecionados dentre os participantes daquela colônia.

Senti-me apto para me engajar nesta tarefa, mas meus orientadores nada disseram a respeito desta minha inspiração. Diziam que era precoce meu retorno e que eu não reunia condições suficientes para o trabalho, visto que algumas pendências em meu ser ainda tinham que ser trabalhadas.

Fui falar com o diretor de aconselhamentos da colônia que me informou da impossibilidade do meu intento. Eu ainda necessitava de mais aprendizado espiritual.

A colônia era grande, possuía vários departamentos com um sistema organizacional simples, mas eficiente e contava com um diretor geral e trinta e dois departamentos. O que mais eu gostava de ir era o da cultura, pois impressionava-me com a quantidade de evoluções culturais que a Terra passou e que seriam necessárias muito mais outras para que o ser humano se tornasse mais fraterno. Eu já circulava por quase toda a colônia e sempre com supervisão próxima de grupos de espíritos amigos, dentre eles Carlos e Abigail. Insistia em receber notícias de minha amada, mas nada podiam me adiantar com precisão.

Foi quando recebi a visita de uma amiga espiritual chamada Helena, com poucas informações sobre Sarah que dizia que se encontrava em regiões baixas, mais precisamente no Umbral, pois purgava momentos de dor, anteriores a sua última existência. Revelou-me que Sarah fora expulsa de casa por haver

maltratado animais domésticos e teria se tornado prostituta das mais bem pagas. Fez de tudo, usou drogas, brincou com pessoas fortes, não tinha muita piedade de ninguém e só foi permitido o seu encontro em minha última existência para que ela se ajustasse. Com muito afinco conseguiu em parte, mas seus algozes do passado exigiam vingança e conseguiram que ela o traísse com outras pessoas.

Aquela revelação me deixou atordoado, mas como Sarah, aquela moça bondosa e carismática, pôde travar meus sonhos de espírito elevado? Fiquei chocado e pedi que Helena me levasse perante o diretor de departamento de vidas passadas para poder rever em que momento estes fatos aconteceram. Não pude mais ficar tranquilo.”

O pecado

“No ano de 1942, ainda quando estava no campo da Iugoslávia, sentia muitas saudades da minha querida família. Apesar de meus dois irmãos ainda fazerem parte da minha vida, tinha muitas inseguranças quanto à minha situação. Foi quando conheci Von Haume, aquele rapaz atlético e belo, reflexo de toda pureza que qualquer mulher sonha para si. Olhei para ele, mas vi a impossibilidade de tê-lo ao meu lado, já que eu era uma simples prisioneira e ele um médico famoso entre as tropas alemãs pelo seu carisma e praticidade nas decisões sobre tratamentos ou cirurgias. Passaram-se alguns meses até eu ser convocada para uma seleção entre prisioneiros com o objetivo de dar suporte de enfermagem, no campo de concentração. Fui escalada e participei do curso de treinamento sob a orientação de Von Haume. Logo me apaixonei por ele, sim, uma paixão mais que secreta, que com o tempo foi amadurecendo e elevando-se a um nível muito alto, por que não dizer amor?

Naquelas circunstâncias nada poderia ser normal no meio daquela guerra, com muitos morrendo, meus irmãos se deteriorando e aquele campo de horrores que mais se traduzia como campo de morte. Sim, foi aí que conheci outro homem e me entreguei a ele para poder sobreviver, submetendo-me a todo tipo de maus tratos. Tratava-se do mecânico chefe do campo que, odiosamente, me seduziu por migalhas de pão, mas que matavam a fome de meus irmãos que mal podiam sobreviver com tanta fome e miséria.

Sentia que Von Haume tinha um apreço por mim e eu por ele, mas aquela situação me envergonhava, pois aquilo que fazia era por uma questão de sobrevivência. Não fazia por compaixão do senhor mecânico, mas fazia por sobrevivência.

Então Von Haume se declarou para mim e passei a evitar todo e qualquer contato com o outro oficial. Já era tarde, pois havia engravidado e decidi, em uma noite fria e escura, pelo aborto, com tentativas até a exaustão de expulsar aquela criança. Sim, fui adúltera e irresponsável, pois aquela pequena criança foi embora com poucas semanas de vida uterina.

Não aguentava ter este segredo comigo. Até o final de meus dias encobri estes fatos de Von Haume, mas agora aqui do outro lado, não tenho mais segredo para com ninguém. Tudo se passou muito rápido, aquelas cenas demoníacas em meu

ser descortinavam momento de ódio e angústia.

Meu despertar do outro lado foi tenebroso, estava em um deserto sem ninguém próximo a mim, mas escutava gritos e sussurros intermitentes, ódio na vida, gargalhada e acusações, me sentia com frio e calor, e ao mesmo tempo, gritavam comigo:

– Adúltera, assassina!

Não entendia o porquê. Fiquei neste estado por vários meses ou anos, não me recordo, mas minha garganta borbulhava gosto de sangue, minha pele se deteriorava gradativamente. Não era mais eu, Catrina, era um resto de ser humano, degradado, odiado, sem o mínimo pudor das minhas atitudes. Aquele lugar era degradante.

Momentos de vento, frio e muito calor se intercalavam, sentia medo do passado, o que significava aquilo? Dediquei boa parte da minha vida para ajudar Von Haume no seu sonho de bom médico e a pessoas carentes e doentes mentais. Pensava que todo aquele passado havia sido esquecido, mas nada adiantou e eu estou aqui junto destes seres, rostos animalescos a me perseguir e a destruir a minha alma.

Já roguei a Deus perdão pelos meus atos levianos, mas até agora não obtive resposta, não tive sossego ou paz, não consigo dormir ou repousar que me vem a lembrança do aborto, a perda do filho amado que viria em uma situação precária, mas viria para acalentar aqueles tempos difíceis. Nada mais valia a pena, a não ser esperar por uma salvação. Perdoe-me Senhor, perdoe-me.”

E assim se passaram vários anos, com Catrina em regiões sub-abismais, purgando seus delitos, enquanto do outro lado da vida, Von Haume, ainda na Terra, continuava com suas obras de caridade e administrando seu pequeno hospital psiquiátrico.

Não tinha mais o vigor de jovem e sua amada Catrina havia partido há três anos. Sonhava com ela pedindo ajuda, mas atribuía a isto a sua saudade imensurável. Passou a viver solitariamente e seus afazeres domésticos se tornaram até uma distração para Von Haume; dizia que o trabalho era como se fosse uma terapia e gostava de ouvir os clássicos de Beethoven e outros compositores modernos. Achava que quando partisse deste mundo iria encontrar a sua doce e meiga Catrina, seu grande amor, sua vida. Sem ela já tinha perdido o entusiasmo para continuar sua caminhada. Já estava sem muito ânimo, mas persistia. Um dia recebeu um telefonema do alto comando do exército alemão, com informações sobre sua atuação no campo de concentração da Iugoslávia. Já haviam se passado muitos anos, mas recebeu a notícia que seria condecorado

pela sua história de vida e bons serviços para a nobre pátria, Alemanha.

Ficou feliz, mas sem sua Catrina não tinha muito o que comemorar. Até que aquele reconhecimento viera a tempo, antes de sua partida para o mundo dos espíritos. Após a cerimônia de congraçamento, Von Haume, no auge de sua alegria por ter seus méritos reconhecidos, parte para a pátria espiritual, sob comoção de todos que haviam trabalhado com ele, deixando um legado construtivo de benevolência e amor a todos os que conviveram com nosso irmão Eliseu, que em outras vidas se chamou Charles, e também Josafá.

E eis aqui você, Von Haume, em nossa pequena capela, revendo suas lembranças e de sua amada que em algumas vidas soube suportar seu forte temperamento e suas indecisões, que não o abandonou em momentos cruciais, mas que, na última encarnação, cometeu o crime de aborto, alegando não poder suportar aquele estado. Perante Deus e a justiça divina trata-se do rompimento de uma lei natural da vida, da sua continuidade, um sacrilégio para as leis de Deus.

– Mas Mestre, como podemos ajudar nossa irmã Catrina? – perguntou Eliseu. – Estamos falando de um ser que amou, respeitou e tentou seguir as leis de Deus em seus mínimos detalhes. Sei que sua consciência ainda está perdida, mas nossa irmã tem direito de um alento, uma reparação.

– Tens razão, Eliseu, ela reparará sua falta, haverá momento para isso. Mas, por agora, não podemos fazer nada, ela se encontra em região umbralina de difícil acesso, em que somente os seres que estão em condições de resgate podem sinalizar o momento para isso e Catrina não está nesta posição. Peço que aguarde mais um tempo, falarei com nosso diretor geral a respeito do seu histórico e vamos rogar para que uma solução seja dada o mais rápido possível; não garanto sucesso, pois o caso é delicado. Mas a justiça divina irá prevalecer, mais cedo ou mais tarde.

Eliseu, ou Charles, sai da conferência com a irmã Helena desolado, visto que seu amor ainda permanecia em regiões sub-abismais, sem luz para sua saída. Retornou ao alojamento e desprendeu forças, com pensamentos deletérios de um amor não correspondido e então dormiu por vários dias, até ser despertado por amigos espirituais.

“Vieram Carlos e Abigail, sim, os incansáveis amigos que acompanharam minha trajetória por longos séculos e agora aqui estão para ajudar a me recuperar. Desfilei breves relatos a respeito de Catrina e o que havia ocorrido em nossa última encarnação e os amigos espirituais, após ouvirem-me, pediram que eu iniciasse uma oração para que os mentores maiores encontrassem uma

solução justa, porque aquele caso de desvio de conduta era considerado ato grave contra as leis do Criador.”

Sabendo disso, passou a orar por Catrina e seus benevolentes amigos para que com isto ajudassem a receber aqueles pequenos impulsos de luz fraterna e assim se sustentar em ambiente espiritual inóspito. Após vários meses de lutas para conseguir a solução, Charles foi autorizado a receber as instruções do que seria feito para resgatar Catrina. Muitos pedidos haviam sido suplicados para resolver o problema e o diretor geral anunciou:

– Meus caros irmãos, viemos aqui explanar sobre os agravantes acontecimentos que ocorreram com nossa irmã Catrina que se encontra purgando em regiões sub-abismais. Nosso Mestre amado, dono da mais pura benevolência e sabedoria, aquiesceu para que ela seja resgatada dessas zonas pelos irmãos de caridade e venha a se alojar em nossa cidade para que, em futuro próximo, após recuperação, seja exposta a ela sua necessidade de reparação, através de breve reencarnação, para acelerar a quitação de seus débitos e volte a crescer em uma humanidade repleta de alegria e felicidade. Tão logo possam os irmãos de caridade, retirarão a irmã Catrina para mais uma etapa no seu progresso espiritual. E assim será feito.

O resgate

Passou-se algum tempo para organizar a equipe socorrista que iria atuar na retirada de Catrina, que consistia em três entidades do grupo de socorro “Irmãos da Luz” e dois integrantes do grupo da cidade espiritual de Von Haume. Todos deveriam seguir para receber instruções no departamento de resgates especiais, que monitora as idas e vindas dos socorristas com intuito de agendar devidas retiradas, no tempo certo.

Formou-se o grupo e ele seguiu para a zona inicial de transbordo. Era constituída de três níveis até a chegada na região sub-abismal. A primeira era uma área com muitos gases tóxicos, selvas e pedras de proporções pequenas, o ar rarefeito e com muitos gritos pela região de pobres seres em desespero pelas suas faltas terrenas. Diz-se ser uma área menos abrasiva e destinada para faltosos de todo sortilégio que agrediram companheiros com calúnias, difamações, tendo consequências desastrosas para as pessoas que sofreram tais blasfêmias. São tidos como habitantes umbralinos iniciais que, dependendo do seu comportamento e aceitação dos fatos, podem ficar nestas regiões por até dois séculos. Mas nada se compara à região seguinte, mais densa, repleta de seres animalescos, que já conseguem formar grupos de agressão submissos de outros, cujos líderes se digladiam para obter o controle das áreas.

Nestas regiões, habitam entidades mais perversas, cheias de ódio e que subjugam os seres mais frágeis que, por um desvio de conduta, tiveram que purgar nestas áreas. Seus líderes, geralmente muito astutos e inteligentes, formam verdadeiras falanges do mal que, tendo oportunidade, vêm influenciar encarnados para atividades ligadas ao mal. São tidos como grupos nefastos, cuja autoridade maior é para o líder dos desvalidos da vida.

São regiões mais pesadas e cheias de pecados, sendo necessária uma densa cortina fluídica nos corpos dos socorristas para não serem importunados e sim confundidos com os habitantes dessas regiões umbralinas médias. Finalmente, para atingir o umbral mais pesado seria necessário um deslocamento mais lento por parte da equipe, já que a área é repleta de gases tóxicos e má formação do solo, tendo áreas mais quentes e com fendas que seria necessário transpor e, por segurança do grupo, o resgate seria feito por redes magnéticas que, após abertas, seriam lançadas sobre a entidade, agarrando-a e servindo como um isolante tanto

térmico como de fluidos deletérios.

E, assim, o grupo liderado pelo irmão Israel iniciou uma jornada que duraria cerca de três dias para atingir a região pretendida, dependendo de contratempos como áreas mais difíceis de acesso ou regiões com menos possibilidades de transpor. Todos estavam preparados e motivados para aquele resgate que, a princípio, seria mais um dia de rotina para aquele grupo experiente, mas não foi bem assim como o esperado. Ao ultrapassar o primeiro nível com facilidade, o grupo esbarrou com entidades sórdidas, cheias de mal, que obrigou o grupo a se reunir e fazer um resgate extra para um irmão extremamente agitado e cheio de rancor em seu estado mental. Agonizava e gritava em demasia, desestabilizando os fluidos locais e levando leve influência aos socorristas. Foi necessário fluidificá-lo com bálsamos calmantes e retirá-lo para área menos turbulenta, para que pudesse se recompor com ajuda de outros enfermeiros espirituais, sem alterar sua natural evolução, visto que seus companheiros já o influenciavam negativamente com muita intensidade, o que provocou séria desestabilização daquele ser, que já rogava complacência de seus atos praticados na Terra. Isto se chama de *resgate por realocamento*, sem interferir com a sua evolução.

“Descemos mais nas áreas umbralinas médias e nos preparamos para iniciar caminhada à procura da região sub-abismal, já sinalizada por companheiros que previamente demarcaram a área. Descemos entre pequenas rochas até atingir a região cheia de gases escuros, chão extremamente quente e ar irrespirável. Todos sentiram o primeiro impacto das rochas incandescentes e cheias de grotescos desenhos das entidades que por lá habitavam. Chegamos à zona delimitada e começamos a procurar por Catrina através de pequenas ondas fluídicas que tinham o poder de identificar o fluido emanado daquele ser em regeneração.”

Acharam-na em lugar próximo ao poço de lama quente, totalmente desacordada e com sinais de degeneração do periespírito muito acentuado, com marcas de agressões por outros moradores do ambiente. Foi lançada à rede fluídica e totalmente encoberta por passes magnéticos aplicados por dois integrantes do grupo. Após mais de cinco dias de jornada, retornaram os socorristas exaustos, mas felizes de terem cumprido aquele resgate misericordioso.

Sobraram alegrias para todos, com Sarah, ou Catrina, sendo encaminhada para as câmaras de retificação e para poder iniciar seu tratamento através de fluidos curadores e intensa vigília do seu estado evolutivo. Tinha findado, portanto, o sofrimento de todos que tanto torceram para a retirada da irmã das regiões sub-abismais. Foram se passando os meses.

Nas contas de Von Haume, aquele estado de Catrina demoraria algum tempo para restituir-lhe as forças e seriam necessários mais do que amor e paciência para tornar sua companheira apta para ressarcir seus débitos. Von Haume aguardaria muito tempo para torná-la sóbria e poder promover o ressarcimento das suas dívidas.

Enquanto isso, Von Haume permaneceria em tratamento para restabelecer suas forças e, com a ajuda de Carlos e Abigail, pôde compreender o que sucedeu em sua vida para que Sarah, ou Catrina, tivesse tido uma queda na sua evolução moral feita através do aborto. Tiveram que retroceder no tempo em que Josafá era o chefe do seu grupo seminômade e que, por vingança, determinou a morte de uma sobrinha Adilses, que havia destruído a vida de seu filho Zolué. Este espírito vinha durante vários séculos evoluindo com ódio em seu coração e, apesar de ter tido várias reencarnações, achava que sua derrocada foi devido a Josafá.

Adilses, espírito menos evoluído, conseguiu reunir um grupo de malfeitores com o intuito de destruir a vida de Josafá, ou Von Haume, e das pessoas que ele amava. Para que a vingança fosse cumprida, este ser das trevas pertencia a uma facção poderosa que agia sempre nas ocasiões de fragilidade humana e que levariam a graves consequências. Foi o que ocorreu com Catrina, vítima de espíritos obsessores que a acompanham há muitos séculos. Retirou tudo o que foi possível das trevas para poder atingir Von Haume.

Aquela revelação fez com que Von Haume pedisse uma audiência ao diretor geral da cidade espiritual para avaliar uma saída para o caso, visto que aquela entidade poderia pôr os planos de reparação de Catrina sem efeito. Foi recebido pelo diretor e deu-se o seguinte diálogo:

– Sabeis, senhor, que Catrina fora vítima de agentes obsessores que a fizeram agir mal em direção ao aborto.

– Sim, sabemos do seu delito e o que a motivou – retrucou o diretor. Mas esqueceste o que chamamos de *livre arbítrio*, dádiva que Deus deu aos homens para que pudessem decidir seu destino, o que é uma ferramenta preciosa na evolução individual de cada um. A cada ano terrestre, milhares de pessoas tomam suas decisões erradamente, por ainda não perceberem que suas atitudes dependem de seus pensamentos que, na maioria das vezes, devido a sua falta de vigilância, trazem verdadeiros ódios em momento que poderiam aproveitar para reconciliação. Todos temos ciência de nossas deficiências, do erro de acharmos que as pessoas devem mudar para nos agradar e não nos mudarmos para evoluir, na paz com os irmãos de caminhada. Portanto, irmão Eliseu, sua amada Sarah,

também chamada Catrina, obteve todos os predicados para decidir por não realizar o aborto, mas o fez, pensando nas consequências materiais que seriam necessárias para o futuro. Esta atitude demonstrou o quanto sua personalidade ainda necessitava de burilamento e os obsessores apenas atuaram no seu subconsciente para reforçar um desejo latente do seu eu e deu-se este ato. Nada podemos fazer no que já foi consumado. Daqui para frente daremos a educação necessária para que ela solidifique em seus pensamentos a importância da vida gerada através do útero feminino e, com isso esperaremos que ela, mesmo sob influência de irmãos menos felizes, tenha a firmeza de preservação da vida dos pequenos que necessitam de reencarnação para quitar seus débitos na evolução divina. Mas, como já lhe disse, a sabedoria infinita do nosso criador sempre nos dará novas oportunidades para o progresso, pois esta é a finalidade da vida. Nos contentemos no momento com o estado de nossa irmã recém-chegada e vamos nos preparar para iniciar a sua reeducação com a finalidade de nova oportunidade na Terra. Quanto à nossa irmã que atuou favorecendo a queda de Catrina, a sabedoria divina saberá esperar o momento certo para também resgatar nossa irmã do ódio por vocês e, assim, trazer o amor e a paz nas vossas evoluções como seres em eterno aprendizado.

E Van Haume retornou aos seus aposentos confiante no futuro próximo.

O retorno

Em 1943, no campo de concentração, Von Haume ainda nutria esperanças que aquela guerra logo terminaria e seria o início de seu retorno para casa e seu lar se tornaria repleto de felicidade ao lado de sua amada Catrina.

Pura ilusão que só se concretizou vários anos depois e para sua infelicidade não tiveram filhos, tendo adotado alguns cães e gatos para preencher a solidão que uma família passa com a falta de crianças. Diz-se que Catrina não poderia ter filhos, por motivos anatômicos de seu útero, mas a verdade é que a espiritualidade não mais concebeu a ideia de oferecer a ela o fascínio da maternidade, pelo menos naquela encarnação, visto que seu passado delituoso também desfavoreceu sua anatomia corporal para uma nova tentativa de gestação.

Von Haume pensava neste assunto quando foi alertado por Abigail que Catrina começava a acordar do seu transe sonâmbulo e que, após várias semanas de tratamento fluídico, seu despertar estava próximo.

Mas não se sabia como ela iria reagir ao contato com as entidades já recuperadas das tramas terrestres. Era uma questão de tempo, mas seria necessária uma paciente espera para avaliar toda aquela circunstância em que Catrina despertaria.

“Cruzamos todo o pátio do albergue que me alojava e fomos direto para as câmaras de retificação, ficando eu e Carlos a esperar notícias da nossa amada, já que não podíamos entrar nos recintos destinados a desintoxicação dos seres que provinham de áreas umbralinas. Não estávamos preparados e podíamos nos contaminar com fluidos ainda deletérios. Abigail e outro enfermeiro trouxeram notícias aliviantes, que Catrina já começava a entender sua situação, apesar de ter muitos momentos alucinantes. Ansiava por vê-la, senti-la e regozijar-me ao seu lado, pois sentia um amor imensurável, aquelas afeições que ninguém explica, somente um sentimento puro e verdadeiro a expressar toda aquela alegria de tê-la por perto.

Fiquei feliz com as notícias positivas e fomos comemorar nos recintos de alegria da colônia, onde vários irmãos dados à arte e à música expressavam momentos de júbilo através daquelas sonoridades calmantes e energizantes, música que lembrava meus áureos tempos em que permanecia na câmara da

música clássica, viajando nas suas notas e acordes, mas que nem se comparava à bela harmonia das notas musicais celestiais ouvidas com todo o prazer.

Ficamos traçando planos para quando Catrina pudesse receber visitas e estivesse pronta para ver todo o nosso entusiasmo com sua presença.”

Esperança

Em 1945, na Terra, nos confins da Alsácia, em pequeno vilarejo nascia Adilses, espírito que influenciara Catrina ao aborto. Nasceu na miséria e com várias dificuldades cardiorrespiratórias. Nosso instrutor espiritual disse que aquele ser deveria ter nova encarnação para mais uma vez tentar o reajuste pela superação de suas dificuldades por sua própria força de vontade e inteligência.

Madeleine era seu nome e descendia da mistura de franceses e alemães, mas com toque esloveno, mistura de genes que daria a ela beleza e inteligência suficiente para pô-la em condições de superar suas dificuldades morais e materiais, afinal, nenhuma das ovelhas do mestre se perderá. Assim, deu-se nova chance para Adilses resgatar seus débitos através do trabalho e boa convivência.

Logo aos oito anos foi assediada por seu padrasto e tornou-se alvo de maledicências. Madeleine foi vítima de pessoas de pouca evolução moral. Era o ano de 1954, pouco depois partiria Catrina ao mundo espiritual.

***

Vejam, leitores, estas idas e vindas dos espíritos envolvidos servem para que estes grupos tão entrelaçados entre si tenham a oportunidade de elevação mais próxima possível de um com outro, mas em épocas diferentes, para que também possam realizar o exercício do livre arbítrio em várias situações, chegando a pontos de convergência que poderão ditar seus destinos para o bem ou para o mal.

Foi em um desses cruzamentos que nossos personagens tiveram muitas vezes a oportunidade de se redimirem, através do amor e do perdão mútuos, mas que na maioria das vezes falharam e foram obrigados pelas leis divinas a ressarcir seus débitos. Assim se encontravam ainda em posição de delinquentes nossa Catrina e Madeleine, figuras de alto apreço da espiritualidade maior, já sendo acompanhadas por muitos séculos.

Madeleine já com bom raciocínio, esperou uma noite propícia e fugiu da casa de sua mãe e padrasto para não mais voltar. Tinha doze anos e não aguentava mais ser destratada por Maurice, seu padrasto.

Ela foi se refugiar na casa de sua madrinha Olga, que morava em vilarejo próximo, e que resolveu adotar Madeleine porque não tinha filhos e, com a permissão de seus pais, começou a arcar com os estudos e a vesti-la com mais

dignidade. Madeleine era a quarta de cinco filhos que o casal criava. Deu-se um bom relacionamento entre a senhora Olga e Madeleine, as duas se identificaram logo e Olga percebia que, nos sonos profundos da jovem, ela relatava fatos desconhecidos, como ambientes e seres inóspitos que sempre a acusavam e a deixavam com desconforto pessoal ao acordar desses sonos ou pesadelos. Certa noite, relatou, durante sono profundo, sobre uma área perigosa e escura que trazia pessoas de aspecto lúgubre e tenebroso e que só queriam fazer o mal.

Olga decidiu levar Madeleine a um mosteiro de frades beneditinos, procurando ajuda psicológica e espiritual para aquela menina de sonhos terríveis. Foi entrevistada pelo frade, teólogo e psicólogo do mosteiro, que chegou à conclusão de que a jovem ansiava por liberdade e que estes sonhos nada mais eram do que formações do seu subconsciente atreladas aos maus tratos que tinha sofrido durante sua infância, pois em uma sessão de regressão relatou tentativas de abuso por parte de seu padrasto e espancamentos feitos por sua mãe que, constantemente, embriagava-se no intuito de esquecer as misérias por que passavam.

Aquele frade estudioso acertou parcialmente o diagnóstico, mas não contou – por falta de crença e para não assustar Madeleine – de que havia influências de ordem espiritual que faziam com que a menina tivesse maus sonhos. Na verdade, eram antigos comparsas seus que, rebeldes às leis divinas, tentavam destruir o mais rápido possível a vida de Madeleine, para que ela pudesse voltar a praticar seus velhos hábitos rebeldes e repugnantes.

Seus desejos eram estranhos para uma menina de doze anos, gostava de brincar com objetos cortantes, chegando a se machucar por diversas vezes, tornando-se um problema para sua madrinha que, seguindo a orientação do frade psicólogo, inscreveu-a em aulas de canto e pintura para desenvolver um lado artístico e, assim, extravasar todo aquele processo agressivo que a acompanhava.

Foi aí que iniciou-se o desenvolvimento de um dom que ela não sabia que tinha: relatar guerras e rudezas da vida através da aquarela e do lápis de cor, fazendo desenhos artísticos nunca esperados para uma jovem adolescente.

Madeleine tinha tudo para prosperar e se tornar uma das artistas mais criativas que a Europa já vira. Seus desenhos e pinturas começaram a encantar críticos de arte e passaram a fazer encomendas para ornar espaços públicos e bares, com o objetivo de evitar o mal como as guerras, latrocínios e infanticídios. Eis aí uma arma que a espiritualidade usa para educar seres que, no seu âmago rebelde, tornam-se pessoas de paz, expulsando suas mazelas e medos interiores através das artes que servem para alertar pessoas e grupos sob sofrimentos sentidos em

vidas do passado.

Este é um dom dado por Deus para que a educação também se complete por este meio. Não que todos os artistas sejam devedores de algo, mas, sim, uma válvula de escape para certos espíritos carentes de meios para sua evolução a Deus, que passam a ver o mundo com outro colorido, outra forma, até mais humana. Este é o objetivo do mestre quando diz: “Ajuda-te e nós te ajudaremos.”

Alguns anos se passaram e Madeleine, já uma moça atenciosa e com muitos predicados, tornou-se artista profissional e passou a ter uma vida mais estável e confortável, aliando sua beleza e seus bons relacionamentos. Agora, aquela jovem passou a reunir condições favoráveis para seu progresso moral e intelectual. No mundo espiritual, também as coisas foram progredindo, Catrina já havia acordado e começava a relembrar de seu passado, ainda chorando muito e sentindo falta de seu antigo amor, Von Haume.

Dizia-se solitária, mas ainda não reunia condições de sair das câmaras retificadoras, apesar de poder receber visitas. Apenas Abigail, sua antiga sogra nas épocas distantes, a ajudava nos afazeres pessoais. Dizia que estavam esperando uma melhora mais consistente para que outros amigos espirituais pudessem vê-la e abraçá-la efusivamente. E, assim, passaram-se os tempos.

As obras de Madeleine

Em novembro de 1945 nascia, em um pequeno vilarejo da Alsácia, Madeleine com olhos profundos e transtorno de saúde. Sua mãe, Agripine, já não tinha mais fôlego de tantas gestações. Era a quarta e já sentia a necessidade de parar de ter filhos, pois suas economias já não eram suficientes para cuidar de novos filhos. Seu pai morreu durante um bombardeio nazista e agora sua mãe contava com ajuda de vizinhos para sobreviver. Foi quando conheceu seu padrasto, que ajudou a manter a família naqueles anos difíceis do pós-guerra. Era um sacrilégio deixar os seus filhos para trás, mas não tinha outra alternativa, já que os soldados alemães deixaram a terra arrasada. Foi durante o processo de reconstrução das cidades que Agripine conheceu o jovem moço de nome Armand e passou a ter um caso conjugal. Ele tornou-se o padrasto de Madeleine. Veio ao mundo o seu quinto filho e Agripine pediu aos céus para não ter mais filhos.

Demoraram alguns anos para Madeleine, finalmente, ser reconhecida como grande pintora e a fazer exposições em vários países vizinhos, onde ganhou fama e dinheiro como artista das telas. Seus traços marcantes chamavam atenção pela sua temática de uma vida de guerra e misérias afins. Era tudo surreal, sua mente não parava de criar e foi distinguida com Honra ao Mérito pela Academia de Artes de Paris. Suas obras passaram a compor exposições com pintores famosos pós-modernistas e ela sendo considerada um dos ícones daquele movimento artístico.

Belas obras foram confeccionadas e uma delas retratava as guerras púnicas, de um passado distante da humanidade. Seu quadro mais famoso custou milhares de libras esterlinas e retratava *A Dama da Morte,* deprimente, mas muito real.

Foi convidada para vários eventos socioculturais e um deles se deu em benefício de uma clínica psiquiátrica, na longínqua Alemanha do pós-guerra. Era o ano de 1963 e Madeleine foi pessoalmente à clínica e se sensibilizou com o trabalho de saúde prestado aos doentes, em fase degenerativa de suas ideias. Conheceu os donos da clínica, o senhor e a senhora Von Haume e sentiu um certo arrepio ao cumprimentá-los. Observou que ambos tinham um jeito parecido de alguém que conhecera no passado, mas não lembrava de onde. Puxou por sua memória até os confins de seu pensamento, mas nada a fez

lembrar.

O senhor Von Haume foi muito solícito e pediu, como cortesia, que ela assinasse o livro de presença de convidados e autoridades que visitavam seu pequeno hospital e, em retribuição, Von Haume dava como lembrança lenços feitos à mão pelos doentes que tinham mais habilidades.

Madeleine se sensibilizou e, em poucos minutos, fez uma aquarela com um rebuscado de um local, onde pessoas doentes eram assistidas por anjos celestes e levadas aos céus como se fosse um prêmio pelo passado de uma vida de sofrimento na Terra. Deu o nome de *Elevação*. Este quadro passou a fazer parte de outras obras criadas por artistas que já haviam passado pelo hospital, mas esta obra, em especial, retratava não só os doentes, mas seus destinos após a desencarnação, claro, numa visão poética e de incentivo a uma pós-vida sem perturbações. Tudo com aquiescência de Catrina, que logo encontrou um local para este maravilhoso quadro elaborado por aquele gênio das artes.

Deu-se uma visita posterior às enfermarias e Madeleine se constrangeu ao máximo quando observou jovens de boa aparência em estado mental alucinativo. Ficou até deprimida com aquele cenário.

Foi quando, ao final da visita, após tomarem café, Von Haume indagou a nobre visitante:

– Tenho a impressão de já conhecê-la de outras épocas, por acaso você já visitou a Alemanha?

– Não, Dr. Von Haume, nunca visitei o seu país, já que houve sempre uma desconfiança entre os dois lados após a guerra, mas isto não impede de sermos complacentes com a dor do próximo – retrucou Madeleine.

Algo de estranho passou pela cabeça de Von Haume e ele perguntou:

– Quantos anos você acha que foram necessários para fazer esta clínica?

E ela, com um sorriso leve, responde:

– Não sei, talvez uns quinze anos.

E Von Haume, responde:

– Correto. Vê como sua intuição faz revelar como verdadeira a resposta?

Madeleine ficou surpresa com aquela pergunta e Von Haume passou a admirar com todo seu pensamento aquela jovem que poderia ser até sua filha, já que não via motivos de passar por sua cabeça ter um relacionamento com aquela mulher. Algo o atraiu naquele jeito e nos gestos dela. Achava que seus pensamentos já tinham idealizado aquela cena, mas o que Von Haume nunca pensou é que aquela jovem havia sido uma destruidora no passado e que agora, pelos meios da misericórdia divina, viera ajudar aquela casa de saúde mental a se restabelecer

como uma das melhores clínicas do gênero que a Alemanha possuía, pois tinha várias alas, conforme a gravidade de cada caso.

O paciente era recebido por um grupo de médicos e atendentes, avaliando seu caso e, em seguida, passava a ouvir diversas músicas clássicas, para se identificar com o ritmo que mais suavizava o seu comportamento, pois Von Haume ajuizava que as notas musicais tinham certa influência na explosão ou tranquilização de certos temperamentos, como se fosse um bálsamo para as agruras do dia a dia. Foi aí que nosso médico Von Haume associou a música ao tratamento, não como principal, mas como coadjuvante na evolução da doença. Era conhecida como musicoterapia e seus princípios remontam de pesquisas feitas em acervos de notas musicais que tranquilizavam mais do que outras. Esta descoberta fez com que Von Haume recebesse o reconhecimento da classe médica de seu país e o distinguiram com muitas honrarias vindas da sociedade psiquiátrica.

Depois, o paciente passava por uma triagem das cores de objetos que mais gostavam e um questionário era elaborado com elementos da personalidade individual de cada paciente, traçando um perfil primário do que cada um gostava de sentir e se expressar.

Muitos doentes até então considerados irrecuperáveis, conseguiram ter a chance de passar por uma vida mais social. Von Haume adorava a natureza e incentivava casais a adotarem animais de estimação, pois dizia que o relacionamento com estes seres trazia uma responsabilidade e ternura que os próprios seres humanos não dariam para outros da mesma espécie. Isto ele classificava como o alvorecer de sentimentos ocultos em cada um.

Teorias à parte, Von Haume convidou Madeleine a se hospedar em sua casa e fazer companhia ao casal por alguns dias, a fim de trocarem ideias sobre as suas obras e a mistura de cores especiais que despertava o interesse pelos seus doentes. Madeleine aceitou a oferta, já que só teria outros compromissos dentro de dez dias e seria tempo suficiente para descansar um pouco e conhecer aquele extraordinário casal, que tanto já tinha falado de suas organizações e competência na área médica.

Catrina recebeu a convidada com alegria e as duas passam a se tratar como mãe e filha, tendo um quê de curiosidade de uma com a outra. Madeleine, em alguns momentos, sentia uma certa repulsa gratuita por Catrina e um receio de Von Haume. Para ela, estes sentimentos a confundiam, já que o casal passou a tratá-la como verdadeira hóspede do coração.

Pela manhã, ela e Catrina costumavam passear e fazer algumas compras pelas

ruas de Berlim e de tarde tomavam chá trocando ideias sobre diversos assuntos, dentre eles o de ter filhos. Catrina confidenciava que, em um passado já distante, ela quase teve a experiência da maternidade, mas a gestação fora interrompida por motivos que ela preferia não comentar, o que deixou Catrina magoada. Mas Madeleine ficou indiferente, achava tudo aquilo muito distante do seu eu e pensou que, em algum momento de sua vida, vivenciara aquela situação. Catrina até chorou recordando-se desses fatos. A antiga inimiga espiritual se compadeceu e disse que, em muitos sonhos seus, revelou o desejo de ser mãe, mas não conseguia ir adiante, pois seres perversos faziam com que ela perdesse o bebê.

Então as duas se olharam e perceberam que algo em comum existia entre elas, uma e outra revelavam mais profundamente seus receios, mágoas e solidão e suas histórias parecidas, completavam uma à outra. É assim que a vida se cruza e dá oportunidade de seus débitos serem ressarcidos.

Amor e perdão

Madeleine de La Croix se tornou amiga de Catrina e as duas não cansavam de dar boas risadas sobre vários assuntos do passado, apesar da diferença de idade e pensamentos. Passou a surgir ternura no relacionamento daquelas duas mulheres que, em um passado distante, chegaram a ser rivais.

O tempo passou e a sabedoria divina deu a chance para os seres humanos de se reconciliarem através do perdão mútuo.

Catrina convidou Madeleine a retornar ao refúgio dos Von Haume quantas vezes ela quisesse, já que havia uma atração fraternal entre o casal e Madeleine.

A artista continuou com suas exposições por outras cidades, mas não deixava de dar notícias a Catrina e Von Haume que, mensalmente, se esforçavam para ir ao lugar onde Madeleine estava, seja a trabalho ou em conferência. Passaram-se alguns anos e a afeição só crescia entre eles, chegando ao ponto de Madeleine declarar que eles seriam seus pais de coração. Esta afirmação foi suficiente para que os céus agradecessem a Deus, por aquela oportunidade que deu a estas almas beligerantes de se unirem por ideais de amor e respeito mútuos. Madeleine se sentia amparada e querida pelo casal.

No mundo espiritual, o chefe da antiga facção que Madeleine integrava, recebeu informações que sua antiga pupila estava se deixando influenciar pelas ideias de fraternidade de seus antigos algozes e partiu para próximo da crosta terrestre, com a finalidade de dar um basta naquela situação. Convocou duas entidades do mal para acompanhá-la e passou a fazer investidas no sono de Madeleine, fazendo com que a pobre menina relembrasse o mal a que tinha sido submetida no passado.

Benfeitores espirituais, entre eles Abigail, já preparados para estas investidas, realizavam um cerco aos espíritos agressivos e neutralizavam as emanações negativas dirigidas a Madeleine, o que gerou desconforto no grupo de delinquentes, já que suas influências não estavam surtindo efeito.

Certa noite, o grupo apareceu com o inusitado chefe, especializado em dominação das mentes por indução magnética de fluidos alternativos, ou seja, iniciava a influência com falso pretexto de passar movimentos do bem, enquanto a vítima, em fase avançada do sono, deixava suas defesas abertas para dar continuidade às informações. Vinham cargas de material deletério que traziam

descompensação imediata ao subconsciente da pessoa que queriam atingir. Esta estratégia abria verdadeiras feridas e dominação no subconsciente da vítima.

Passaram-se várias noites em tentativas de derrubar as defesas de Madeleine, até que o grupo, não se convencendo da sua falta de poder, recorreu ao líder da grande facção do mal, acostumados a subjugar as mentes de pessoas resistentes ao domínio mental. Antes de iniciar os trabalhos, estes espíritos, ainda com a semente perversa confabularam que provavelmente aquela jovem estava sendo protegida por trabalhadores do bem, o que dificultaria o domínio daquela mente e, em última tentativa, o aliciador de mentes fez uma investida durante o sono de Madeleine. Primeiro deixou a vítima entrar em total fase de relaxamento com belas cantigas vindo à tona e em seguida junto com outros obsessores passaram a fazer barulhos únicos ensurdecedores na tentativa das barreiras do bem caírem.

O grupo de benfeitores que observava atentamente aquele ataque surgiu então e comentou:

– Para que tudo isto, irmãos? Não veem que nossa amiga encontra-se em repouso e seus pensamentos de agressão já diminuíram, através da boa convivência e o amor aos seus companheiros de evolução?

– O quê? – retrucou o pseudossábio do grupo. – Saia da nossa frente e deixe que ela decida com quem queira ficar, se com esses algozes que só fizeram o mal a ela ou conosco que trazemos solução definitiva para o problema.

– Deixem disso, seus corações andam cansados de tanto rancor, fiquem conosco e desfrutem da paz que vocês merecem.

Dito isto, o grupo se desfez e uns tentaram fugir, pois perceberam que se tratava de uma armadilha. Simultaneamente, gotas refrescantes e luzes de ternura começaram a resplandecer no ambiente e vários espíritos duros começaram a se sensibilizar e se sentir extasiados com aqueles momentos de ternura e tranquilidade. Alguns com facilidade ficaram imóveis e se entregaram ao grupo de socorristas que ajudavam, naquele momento decisivo, na evolução de Madeleine.

Todos foram atendidos, com exceção do chefe maior, dedicado à dominação completa que, experiente no assunto, percebeu a cilada e logo tratou de se defender com fluidos negativos formando uma couraça de magnéticos escuros que o ajudaram a não receber os bons fluidos, os quais ali passaram a existir. Foi embora o mais rápido possível, deixando seus companheiros para, enfim, entrar no processo de remissão dos seus trabalhos do mal.

Abigail e os demais instrutores sentiram-se jubilados com o sucesso da missão de defesa daqueles espíritos obsessores que costumavam interferir nas atitudes

de Madeleine. Ela acordou bem disposta, sem sentir qualquer tipo de mal-estar ou noite mal dormida. Saiu para trabalhar em seu pequeno atelier e relembrou apenas os belos raios de apoio à vida dos homens de boa vontade. Ficou a pensar por alguns momentos e continuou seu trabalho com mais alegria no coração. Assim, Madeleine cumpriu seu papel, sem deixar-se influenciar por espíritos perversos, com a ajuda da espiritualidade maior.

Os últimos anos de Catrina foram uma prova de resistência, tanto para ela quanto para Von Haume. Seu corpo começou a paralisar os músculos e sua fala passou a ficar arrastada e difícil. A esclerose múltipla abatera-lhe e deixou rastros de tristeza e inconformidade.

Catrina era querida por muitos e seu trabalho ao lado de Von Haume havia rendido admiração e respeito. Nada se comparava à dedicação que Von Haume cultivava diariamente à sua esposa, com noites incansáveis de trabalho, dando o melhor conforto para sua amada. Todas as noites ele lia em voz alta poesias e histórias de amor para Catrina. Gostava de mostrar-lhe fotos antigas e falar dos passeios que o casal costumava fazer nas florestas próximas à cidade, que sempre emanavam perfumes e coloridos variados, conforme a época do ano. Amavam-se muito e não podiam deixar de lembrar sua filha adotiva do coração, Madeleine, que sempre que podia os visitava e trazia flores e doces para confortar Catrina.

Até que chegou o derradeiro dia em que Catrina deixou o mundo e adentrou as regiões umbralinas, pois a purgação do crime de aborto estava ainda na sua conta e seria necessário se redimir da falta. Mesmo assim, teve a assistência de bons espíritos que a ajudaram a ter uma passagem sem traumas. Mas nada foi possível fazer para que fosse socorrida e levada a regiões melhores. Passou em transe por muito tempo e não compreendia o que estava acontecendo até que fora resgatada por um grupo socorrista e levada para a cidade espiritual, onde Carlos e Abigail a esperavam, ansiosamente.

Von Haume permaneceu de luto por vários meses e, com o apoio de Madeleine e outros funcionários do hospital, superou a pior parte da perda, que era a solidão, já que Catrina fora sua companheira de décadas e a amava intensamente. Chegou a pensar em suicídio, mas em respeito e temor a Deus resolveu manter sua vida e passou a dedicar-se mais ao trabalho. Reformou o hospital, montou alas novas, distribuiu mais doações aos carentes, empregou mais recursos em pesquisas e se tornou um dos médicos mais atuantes de sua época. Acordava cedo, por volta das cinco horas da manhã, fazia uma breve caminhada em direção ao hospital e visitava os doentes, distribuindo amor e tentando diminuir

o sofrimento daquelas pessoas que ele mal sabia quem eram.

Proferiu muitas palestras e sempre era convocado para conferências, como exemplo de dedicação ao próximo. Não tinha outro pensamento a não ser amparar os mais necessitados, chegando a distribuir água, alimentos e dinheiro aos mendigos de rua. Isto era o que lhe dava prazer.

Não foi à toa que recebeu reconhecimento pelo que fez, mas seu destino ainda demoraria um pouco para ser completado.

Durante a noite, passou a estudar o evangelho de Jesus e a imaginar aqueles tempos antigos em que o Mestre fora crucificado por querer o bem da humanidade. E, ao final da leitura dedicava breves palavras em forma de oração em benefício dele, de Catrina e da humanidade. Necessitava de mais tempo para implementar seus programas sociais. Construiu uma creche-modelo e passou a aceitar idosos e desvalidos da sorte em uma casa próxima ao hospital, em forma de alojamento, para poderem se alimentar e se banhar, tudo com ajuda de seus proventos e de alguns amigos fiéis que viam aquilo como se fosse uma ilha de salvação das pessoas desvalidas.

E, assim, a espiritualidade maior contava com um servidor à altura, que deixava a Terra após alguns anos da partida de Catrina, deixando seus bens e herança para Madeleine, ressarcindo, por fim, todas as suas dívidas morais e materiais com aquela alma ainda em evolução.

Reinício

Durante bela manhã, na cidade espiritual, Carlos vinha avisar Von Haume que Catrina iria ser liberada para continuar seu tratamento em residência-repouso de amigos próximos. Ainda não se recordava de muitas coisas, mas seria necessário continuar a sua readaptação em outro meio, com novas energias e tendo como supervisora Abigail. Von Haume, ou Charles, se apressava para receber sua amada nos jardins da residência, onde outras pessoas também se recuperavam das agruras da última encarnação.

A casa possuía dez quartos privativos e cada um era preparado para que a pessoa se recuperasse, conforme o ambiente da última encarnação. O quarto de Catrina, apesar de simples, possuía larga janela, uma cama confortável, banheiro e um sofá para receber visitas. Havia também uma espécie de televisor que só passava um programa de relatos da colônia e ensinava a meditar e fazer preces espontâneas, sendo as paredes de cor azul muito harmônicas e relaxantes. Falavam que aquele era o quarto azul e para completar, o ambiente possuía uma música relaxante que se intercalava com assobios de pássaros, relembrando a natureza terrestre. Realmente, era uma dádiva em relação aos ambientes degenerados do umbral.

Catrina adentrou à casa com ajuda de Abigail. Com dificuldade de andar e cansaço fácil, sentou-se no sofá e passou a admirar o recinto. Sentiu-se confortada e feliz de estar naquele local. Carlos trouxe Von Haume para vê-la e foi com grande entusiasmo que a irmã Catrina recebeu a visita de seu grande amor, abraçando-se efusivamente e reconhecendo-se. Finalmente, sentia-se salva e amparada, mas Abigail alertou os dois que ainda não poderiam ficar por muito tempo juntos, pois Catrina ainda carecia de maior repouso e medicamentos para seu restabelecimento.

Haume sentia-se extremamente feliz e não via a hora de trocar confidências com Catrina, mas havia momentos em que sua memória falhava ou achava-se em depressão, ainda com recaídas dos ambientes umbralinos, “mas nada importava para mim, apenas que minha Catrina estava salva e necessitava de cuidados especiais baseados no amor e na fraternidade, coisa que aquela cidade tinha em excesso”.

Várias noites se passaram e Haume dizia que o esforço para o resgate de

Catrina dos ambientes umbralinos tinham valido a pena e que, em breve, teria sua amada em seus braços novamente. Ele não imaginava que ela estava sendo preparada para novas etapas de redenção e que aquele estágio era necessário para que ela recuperasse suas forças e, através do aprendizado do amor, estaria pronta para ressarcir seus débitos. Mas Haume achava que esta felicidade junto a Catrina demoraria muito tempo.

Chegou o momento de Catrina receber a visita do instrutor espiritual da colônia que passou a proferir palavras bondosas. Falou que seu estado estava melhorando e que chegara a um ponto que seria necessária nova etapa na Terra, agora para reparar dívidas de sua última existência. Por este motivo, não teria uma recuperação completa, apenas um estágio na colônia, o que lhe traria novas ideias necessárias para que pudesse persistir nas batalhas terrestres.

E foi assim que, após pouco tempo decorrido, Catrina foi encaminhada para o centro responsável pela reencarnação. Haume se desesperou, pois achava que ela não estava preparada para voltar, mas os desígnios divinos determinaram o seu retorno para poder acelerar sua recuperação.

Catrina renasceu, na Terra, na pele de uma criança com transtornos neurológicos, de difícil evolução para sobrevivência, pois tinha também uma doença cardiológica e nasceu com os braços atrofiados.

Seus pais se desesperaram com aquela criança que nem saíra do hospital e já necessitava de cuidados cirúrgicos urgentes. Para os médicos, aquelas más formações físicas e neurológicas, só tinham explicação por um cruzamento genético mal realizado, visto que os pais eram primos de segundo grau e que seria suficiente para causar todas aquelas anomalias. Estavam no ano de 1977 e aquele ser malformado trazia um desafio para medicina.

Logo formou-se um quadro dispneico, com hidrocefalia e tiveram que operar com urgência aquele bebê e implantar uma válvula de drenagem no cérebro, corrigindo parcialmente o distúrbio cardíaco. Não saberiam se a criança iria sobreviver, pois aquelas técnicas ainda eram experimentais e o suporte de pós-operatório carecia de equipamentos ventilatórios mais efetivos.

E foi assim que Sarah, batizada de Victória, não sobreviveu aos processos cirúrgicos e veio a falecer poucas horas depois da cirurgia. Novamente Sarah voltou ao mundo espiritual, agora trazendo outra experiência pelo reencarne doloroso. Sua trajetória ainda precisaria prosseguir para encontrar uma verdadeira paz.

Parte V

Novas demandas

“Costumávamos observar o planeta Terra com todo seu esplendor, naquelas noites calmas que, com brisas serenas, traziam lembranças já distantes da minha última encarnação. Só a saudade dos momentos felizes que eu tive com Catrina me fazia sentir melancolia e solidão. Estas reflexões faziam minha alma aspirar por momentos de glória e afeição aos que deixei na Terra. Bom, somente lembranças, mas o que vinha à minha mente agora era a necessidade de ressarcir os débitos que minha amada Catrina adquiriu na sua última existência. Fico pensando que também teria uma parcela de culpa, pois todas as vezes que flagrava minha amada em soluços, não costumava indagar sobre aquele sofrimento; tudo para mim era o respeito à dor dos outros. Principalmente a de Catrina. Oh! como fui omisso. Deveria ter arrancado confissões do seu interior, mas do que isto agora valia, já que minha amada se encontrava distante, em lugar de recuperação da última batalha? E eu aqui na solidão a pensar no que fazer para melhorar seu estado lacônico. Veio uma ideia revelando-me a necessidade que eu teria de vê-la. Sim, pediria ao nosso mestre coordenador de visitas especiais para permitir que eu fosse ver Catrina. Poderiam ser poucos minutos, mas seriam suficientes para deixar meu recado de quanto eu a amava. Tudo isto seria em vão se meus amigos não pudessem me ajudar. Abigail fora escalada para retornar ao orbe, com a missão de trazer paz a uma família em desajuste. Carlos já tinha outros afazeres sob a coordenação do chefe do departamento de águas energizantes; enfim, eu estava praticamente só.

Fui me candidatar ao trabalho voluntário de atendimento a almas recém-desencarnadas com desordens mentais severas, mas meu currículo ainda era pobre em como lidar com estas almas, já que, no mundo dos espíritos nossa medicina ainda vai devagar, os métodos de atendimento são muito diferentes dos nossos e a dedicação ao aprendizado demandaria muitas noites de estudo e trabalho.

Fiquei com a alternativa de realizar pequenos trabalhos manuais no sentido de angariar fundos de reserva, para que um dia, quem sabe, abrigar minha Catrina junto de mim. Estes fundos serviriam também para desenvolver estudos, no futuro, para meu aperfeiçoamento como médico austral, aquele que domina a arte de conjugar fluidos de diversos planetas congregando terapias jamais

atribuídas a qualquer ser vivo na Terra.

Pernoitei em casa de um amigo, próxima ao local onde faria os trabalhos manuais, e me queixei a Leonardo sobre as minhas dificuldades de ver a doce Catrina. Ele me revelou que quando chegou a este distrito espiritual, sentia fortes saudades de sua família e com muito esforço e trabalho conseguiu a autorização para, em uma noite, rever seus entes queridos.

Aquilo tinha sido uma dádiva, mas retornou meio frustrado, pois a sua família já não era mais a mesma, seus filhos se separaram, cada um seguiu seu caminho e sua esposa já nem se lembrava dele, visto que a casa já era tomada por outros moradores que se deliciavam com seus vinhos e suas músicas e sua mulher deleitava-se com outras pessoas, em gargalhadas e vasta alegria, para não dizer outras palavras.

Fiquei pensando nesta possibilidade, de quando fosse visitar a Terra me deparar com situações jamais imaginadas por mim. Sim, aquilo me deixou pensativo e acabrunhado. Como então visitar Catrina? – este era meu pensamento.

Leonardo sugeriu-me participar de rodadas de combate a seres perversos que ainda na sua animalidade faziam verdadeiros estragos nas famílias em desajuste. Tentei várias vezes me alistar em grupos socorristas, até que o irmão Alan permitiu que eu fizesse um teste para tal empreitada.

Cheguei bem cedo ao local marcado, estava ansioso com o teste, já que aquilo poderia abrir as portas para outros trabalhos.

O chefe do grupo chegou acompanhado de dois espíritos iluminados que nos ajudariam a realizar os resgates. Comecei a observar as instruções que consistiam na descida às regiões próximas ao Umbral, na retirada de necessitados e no retorno à colônia o mais rápido possível. Fui apresentado ao grupo como iniciante em treinamento e confesso que toda aquela ansiedade se transformou em medo à medida que descíamos em regiões tenebrosas.

Passávamos por lagos sulfurosos, armadilha para animais vingativos, vespas gigantes e macabras bestas a rosnar e saudar o grupo com patadas fortes no chão. Nunca pensei que o cenário era criado por efusões mentais de pessoas desencarnadas e que na Terra tiveram grande dificuldade em se relacionar condignamente com seus semelhantes. Esta pequena área era para sentirmos,de modo ínfimo, todas as dificuldades que as zonas umbralinas representavam. Tinha de tudo: carrapatos gigantes, fossas abertas com seres nadantes, um horizonte emoldurado com nadadeira de peixe, ou seja, um verdadeiro delírio mental, como se todas as emanações tortuosas provocadas por uma alucinação

medicamentosa estivessem presentes ali, só que mil vezes pior.

Senti repulsa dos colegas que se dedicavam a este trabalho, mas só pensava em Catrina, por ela faria qualquer coisa. E, então, atento às instruções do chefe, passei a observar aquele ambiente com verdadeira compaixão para com os sofredores que, aos montes, pediam por misericórdia. Aquele local de teste era apenas uma transição para zona umbralina inicial.

Fomos um pouco mais adiante e o nosso chefe determinou a retirada do primeiro morador local. Estava em frangalhos e sua língua torta denunciava desrespeito às leis de Deus, no que se refere a não falar mal do próximo. Tinha pouca idade mental, mas seu corpo denunciava outros problemas, como golpe profundo na garganta, ferimentos no braço e antebraço e sua nuca apresentava pequenas formas de sanguessuga. Era realmente dramático aquele visual. Nossos companheiros pacientemente o retiraram e limparam suas vestes deterioradas, ofereceram água fluídica e o deitaram em pequena padiola, da qual segurei uma ponta para carregar o resgatado. Me senti útil e ao mesmo tempo acabrunhado de ainda não possuir meios adequados para fazer valer o título de membro socorrista da brigada.

Não tardou e retornamos à nossa base-mãe com um enfermo em estado precário. Outros socorristas trouxeram para a tenda armada provisoriamente naquela região curativos fluídicos que tamponaram seus ferimentos da garganta e nuca. Bálsamos e efusões foram derramados nas feridas pelo corpo.

Já era tarde e necessitávamos iniciar o retorno, mas tivemos um alerta de que grave acontecimento havia ocorrido na Terra. Um verdadeiro tsunami abatera as costas das praias do oceano Índico e milhares de almas enfrentavam a desencarnação. Fomos imediatamente convocados para fazer parte da força-tarefa de ajuda aos desencarnados e, assim, partimos de forma rápida e ordeira. Fomos nos juntar a outros grupos que já tinham partido em direção à minha gloriosa Terra e, sem autorização formal, parti com o grupo.”

Atendimentos oportunos

“Ao chegarmos ao local, senti um calafrio ao perceber tamanha destruição que aquelas ondas provocaram. Passei a seguir o chefe do meu grupo que não parava de dar ordens para assegurar o máximo de atendimento naquela situação desesperadora.

Vi crianças chorando à procura de seus pais e eles atrás de seus filhos perdidos, mas sem se darem conta de que já não pertenciam ao mundo dos vivos e terrestres. Eram pessoas que, pegas de surpresa, nem sentiram o momento de desencarne. Outros já andavam gritando à procura de socorro, pois percebiam-se sem braços ou parte de outros membros. Apareceu até um pequeno animal a me cheirar, achando que eu era seu dono.

Verdadeiro tumulto se instalou naquelas paragens. Grande tenda foi armada para prestar os primeiros socorros e passei a ajudar efetivamente aquelas pessoas. Não tardou para me escalarem para outros serviços, como dar banho fluídico nos doentes com suas peles degeneradas, fazer comida fluídica para alimentar os doentes que sentem essa necessidade e transportar para outras partes de atendimento pessoas que tinham crenças religiosas diferentes, pois só aceitavam determinados tratamentos de um padre ou pastor ou outros líderes religiosos que as convencessem da necessidade de se elevarem.

Pernoitamos por poucas horas e, antes do dia iniciar, passamos a fazer prece coletiva a fim de recebermos forças do Pai celestial para darmos continuidade à tarefa. Fui deslocado para outras ilhas e o quadro permanecia desesperador, momentos de muita dor presenciei em encarnados quando encontravam seus parentes em estado de decomposição, mas a sabedoria divina consolaria os mortos de seus sentimentos.

A partir do segundo dia iniciou-se o transporte dos atendidos para diversas áreas e regiões do mundo espiritual. ‘A cada um conforme suas obras’, e assim vários grupos partiram para direções diversas. Uns para cidades espirituais, outros para regiões pouco habitadas e outros para regiões inóspitas.

Grupos socorristas não paravam de atender aqueles desencarnados e a triagem era feita pelos que estavam acostumados a este serviço. Sentei e esperei que meu chefe me desse novas ordens. Parei por alguns minutos e pensei que esta seria uma oportunidade de me dedicar ao máximo àquela tarefa e adquirir bônus para,

quem sabe, ver Catrina. Voltei ao trabalho e me voluntariei para continuar em diversos serviços. Trabalhei até a exaustão, tinha poucas horas de sono, mas logo me despertava para continuar o socorro.

Foi assim que conquistei a simpatia de muitos e o respeito dos que me observavam. Iniciei o dia como aprendiz e, por força maior, aprendi na prática o que, certamente, levaria muito tempo para absorver tais conhecimentos.

Ao final, retornamos à colônia com a sensação de dever cumprido e a glória dos que se prestam a servir ao próximo. O chefe do departamento dos resgates parabenizou a todos e se colocou à disposição para atender pedidos especiais, principalmente dos novatos – meu caso, pois serviria de estímulo para futuros serviços.

E foi assim, sob a chancela de Deus Pai, que me concedeu esta oportunidade, que solicitei, por misericórdia à minha pessoa, a permissão para ver minha amada Catrina, que se encontrava em área de repouso absoluto, após o desencarne precoce.”

A recuperação

“Vejo um esplendor em minha frente, aquele anexo da cidade espiritual parecia como se fosse um conjunto de belos castelos da época medieval intercalados com pequenas construções modernas. O sol era bastante brilhante, pequenos pássaros passeavam pelo céu azul celeste, grandes árvores se destacavam em vãos, tipo palmeiras tropicais, o ar era repleto de aromas suaves e dulcificantes. Senti uma paz e um relaxamento mais acentuado ao adentrar a cidade espiritual de repouso dos recém-chegados de traumas excepcionais a que foram submetidos na Terra. À entrada, verifiquei flores belas de várias cores, do vermelho cintilante passando pelas brancas almas, até os verdes pueris. Não tinha noção de tanta beleza junta.

Fui recebido por morador local chamado Alexandre e fomos nos deslocando à área onde minha querida Catrina se encontrava. Notei um silêncio absoluto e pequenas borboletas voando denunciavam a alegria daquele ambiente. Fiquei definitivamente extasiado, não pensava que aquela área era de pequeno reconforto. Subi os degraus de escadas que me levaram à entrada do palácio central. Alexandre me apresentou a outros membros do grupo de recepção e controle de visitantes. Vinha da colônia dos *Aleutas* e necessitava ver Catrina. Não dormia há vários dias na expectativa do encontro. Forneceram-me um par de luvas brancas com pequenos cristais nas pontas e disseram que nada poderia tocar sem o uso daquelas luvas, tudo para não deixar nossas impressões magnéticas nos objetos ou na superfície de contato.

Fui identificado e em seguida passei a acompanhar os dois atendentes a uma área de recolhimento de novos seres que vieram da Terra há pouco tempo. Nisso me deparei com várias pessoas em estado de sonolência e que traduziam certo transe mental, mas todos com aporte vindo de uma espécie de máquina fluido-magnética que emitia continuamente pequenas cargas de fluidos, tudo muito temporariamente ritmado, como se fossem conta-gotas de soro aplicadas na veia de pacientes terrenos. Foi me explicando que nada ali se comparava à medicina da Terra.

Percorremos alguns passos em direção ao leito que se encontrava próximo a uma pequena janela e encontrei meu grande amor, Catrina. Fiquei extasiado com aquele encontro, mas percebi que ela estava em estado de composição diferente

daquele que ela tinha partido em relação à última encarnação. Seus pés tinham diminuído, bocas e olhos estavam um pouco maiores e seu corpo era menor do que antes. Deu um leve sorriso para mim e tentou pronunciar algumas palavras, mas logo foi contida pelos orientadores, visto que Catrina mal podia dizer algo, estava se recuperando do último desafio terrestre. Trouxe pequena quantidade de belas flores róseas e amarelas, um pequeno buquê, com sinal de meu amor e apreço que logo fora colocado em pequeno vaso ao lado de sua cama.

Sentei em um banco e comecei a chorar ao vê-la ainda naquele estado de recuperação. Deram-me água fluidificada e me informaram que devido aos traumas sofridos na última encarnação, Catrina ainda se encontrava em momentos de readaptação ao mundo espiritual, mas havia uma boa notícia: tão logo ela recobrasse seus pensamentos, seria transferida para o quarto mais próximo dos ambientes naturais que aquele magnífico exterior proporcionava e isto não iria demorar, já que Catrina se encontrava em adiantado estágio de recuperação psíquica. Demoraria alguns meses para seu restabelecimento, esta era a previsão.

Deixei o local meio desolado, mas com esperanças renovadas de tê-la ao meu lado em breve tempo. Cheguei à porta do sanatório espiritual, retirei as luvas, me despedi com agradecimento àquele grupo e coloquei-me à disposição do que fosse necessário para mais rápido despertar Catrina.

Retornei à colônia espiritual e fui falar com Carlos a respeito da minha visita. Ficamos alguns momentos conversando e cheguei à conclusão de que não poderia fazer mais nada naquele momento, apesar de orar para nosso Divino Criador suplicando a mais breve recuperação de Catrina.

Os meses foram passando, logo fui chamado para outros trabalhos de resgate e atendimento, tanto em regiões umbralinas, como nas superfícies terrestres. Acompanhei casos de desencarne precoce de vítimas de atentados, brigas entre amigos ou simplesmente acidentes no trânsito, os mais banais possíveis, e percebi o quanto as pessoas não ligam muito para o ambiente onde vivem, os alimentos que consomem, as alegrias que poderiam ter com situações e objetos de simples contato. Bem, a falta de valorização à vida, este era o diagnóstico que por vezes pensei, mas o desejo material da humanidade ainda está longe de ser aperfeiçoado. Como dizia o Mestre Jesus:

“O amor é uma dádiva que devemos cultivar no seu mais belo ser de simplicidade e verdadeiro carisma”.

Como aplicar esta frase em pessoas que só pensam em destruir o próximo ou a natureza? Respostas teremos com o decorrer da evolução da vida de cada um.

Aportamos novamente em regiões mais baixas, onde presenciamos o drama de dois irmãos que, regados a bom whisky, se desentenderam por moedas disputadas em partida de pôquer e um atirou no outro, provocando um duplo homicídio.

Nestas regiões, observamos pequenos dramas do cotidiano que poderiam ser resolvidos com uma boa conversa amigável e ali estavam eles, com dementações e cheios de ódio e mágoa um do outro. Necessário seria retirá-los e ensiná-los o que é o amor ao próximo e o perdão incondicional.

Duraram várias noites os últimos regates feitos na crosta terrestre e presenciei o caso de alguns obsessores em ambientes escuros e malcheirosos, onde um grupo de adolescentes se comprazia com os vícios das drogas, verdadeira epidemia que se espalhara pelos confins da Terra. Tentávamos influenciar estes menores a não consumir os alucinógenos, mas uma barreira mental do próprio usuário fazia com que nossas preces e esforços pouco adiantassem para que o intento fosse alcançado. Nosso orientador sempre dizia que o tempo era o melhor remédio e teríamos que esperar o momento propício para ajudar aqueles jovens. Sinalizamos aquela região e por mais que retornássemos à nossa colônia, estes jovens passariam a receber cuidados de outros grupos socorristas e até mais especializados na problemática das drogas.

Sentia-me cada vez melhor e com mais disposição para ajudar o próximo, seja na readaptação ao nosso mundo espiritual ou dando forças para continuar na sua missão terrena. Dormíamos pouco tempo e logo fui promovido a aprendiz de enfermeiro espiritual, com ajuda da minha orientadora Amélia Ross, cujo trabalho na colônia já se estendia por mais de cinquenta anos e já sabia de vários tipos de tratamento e atendimento em diversos casos. Foi ela quem me ensinou a canalizar fluidos terapêuticos, como passes para acalmar doentes em estados agressivos e desvairados.

Consistia em iniciar a mentalização do Ser supremo, fortalecer meus pensamentos em prol daquela pessoa e deixar as energias mentais fluírem através de minhas mãos. Não foi fácil no princípio, mas aprendi também que, para este tratamento dar certo, tinha que estar preparado com influxos mentais livres de quaisquer distúrbios que poderiam me afligir. Com o tempo passei a notar o efeito positivo que este tratamento oferecia aos doentes desequilibrados.

Passei a frequentar a grande biblioteca do setor de entendimentos de doenças terrenas para obter conhecimentos e possíveis tratamentos aos que desencarnavam em decorrência de doenças diversas. Ia com frequência ao centro de energização de massas para me preparar cada vez mais com relação aos

doentes, cujas energias periespirituais foram deterioradas por autodestruições ou banimentos de atitudes saudáveis para com eles mesmos, o que na prática tornava-os vulneráveis a todo tipo de agressão física ou psíquica.

Assim passava meu tempo e eu ganhava mais bônus.”

Nova missão

“Quanto ao meu desejo de retornar à Terra reencarnado, cada vez mais me convencia que a verdadeira vida era onde me encontrava. Havia momentos de alegria e fraternidade com irmãos que habitavam a colônia e minha aspiração era desfrutar momentos de instrução para poder ajudar os irmãos próximos que atingiam a colônia em estado de necessidade. Passei vários meses nessas atividades.

Foi quando recebi a notícia que Catrina gostaria de me ver e, logo que pude, fui ao seu encontro no espaço de recuperação físico e mental em que habitava. Aqueles castelos haviam me encantado e tanta alegria no ambiente não saía da minha mente. Cheguei na hora acertada e novamente fui identificado no centro de controle. Os ajudantes me levaram, agora com Catrina apreciando o belo jardim florido que parecia uma felicidade por estar lá. Pensei naquelas palavras do Mestre que dizia ‘Ama teus irmãos, como a ti mesmo’. Então, abordei Catrina.”

– Que belas flores tem este jardim! E você é uma delas!

E Catrina respondeu:

– Meu amor, quanto penso em ti, desde que cheguei a este lugar. Tenho recuperado minha consciência e sei que vieste me ver há algum tempo atrás, mas pensei que havias me abandonado. Só tive certeza que ainda virias por informação dos enfermeiros que relataram o quanto ficou feliz em me ver. Mas veja que não estou totalmente recuperada, acho que vou permanecer aqui por algum tempo. Tenho um pedido a te fazer: se possível, traz minha mãe da minha última encarnação para que durante o sono físico, possa eu levar a ela mensagem de força e compaixão. Sei que deixei o mundo físico em situação precária de recém-nascida, só que meus pais ainda trazem mágoas no coração. Recebo deles diariamente imagens de seus pensamentos que também me deixam triste. Já se passaram mais de dois anos e eles não conseguem superar o trauma da minha desencarnação. Fui autorizada a chamar-te e fazer este pedido.

Von Haume pensou que seria uma simples tarefa, porque a cada dia aprendia mais sobre estes assuntos e se comprometeu a realizar tal façanha. Deixou sua amada em recinto próximo ao seu quarto e foi embora falar com Carlos sobre a melhor maneira de realizar seu intento. Carlos fez uma breve revelação: aquele

casal que abrigava por pouco tempo Catrina era o mesmo dos tempos dos macabeus, quando Sarah, ou Antibes, foi retirada e sequestrada por Josafá para servir-lhe de esposa. Ou seja, o complexo da perda fora duplamente aplicado ao casal que, após vários séculos, conseguiu se reunir. Aquilo seria mais uma dura prova de ressarcimento que Josafá teria que realizar. Mas agora com a barreira que existia entre os vivos e mortos da Terra seria mais uma situação para Josafá atenuar seus débitos. Carlos e Von Haume foram falar com o líder para assuntos reencarnatórios a respeito do caso. Nada poderia ser feito sem a ajuda de Sarah, visto que os fluidos magnéticos dela ainda permaneciam impregnados na mãe e no pai que, ainda muito saudosos, não conseguiam se desapegar.

Trouxeram outras coordenadoras de reencarnação para atuar sobre este polêmico caso. Chegou-se à conclusão de que em momento oportuno e o mais breve possível, os três, Carlos, Charles e Sarah deveriam se dirigir a ambiente terreno e, com ajuda de um médium, passar informações de consolo e esperança para aquele casal. Trouxeram um mapa astral e com a ajuda de cálculos e previsões, determinaram que procurariam um médium próximo ao local de residência dos Torres, que moravam na região da Sardenha, local escolhido para o reencarne.

Seria uma operação de difícil execução, já que o casal professava outra religião que não a espírita. Apesar de acreditarem em vida após a morte, não se julgaram capazes de imaginar como tudo aquilo seria possível. Sabia-se que o casal Torres compartilhava de grupos de amigos simpáticos à doutrina dos espíritos e que, por intermédio de pequenas influenciações seria possível atingir o objetivo de confortar o casal. Só assim Catrina poderia completar mais rapidamente sua recuperação e Von Haume reparar outro débito do passado.

Evoluir é preciso, progredir sempre. Eis um lema divino.

O encontro

“Formou-se um grupo de cinco pessoas que iria à crosta para estabelecer comunicação com os familiares dos Torres que não acreditavam na existência de regiões espirituais, muito menos em espíritos. O grupo era composto por mim, Carlos, Catrina e ajudado por dois espíritos da colônia em que Catrina se recuperava, além do orientador do setor de comunicação que iria indicar como proceder no momento exato que o intermediário estivesse apto. O grupo recebeu instrução e breve treinamento de como agir nestes casos. Partimos em bela veste de outono em direção às plagas terrenas, cheios de esperança no sucesso daquela missão.

Adentramos o recinto de repouso dos Torres e localizamos a senhora Arlete, que teria sido a mãe de Victória, e seu pai dormindo em sono profundo, observado por um instrutor espiritual que o acompanhava, há algum tempo, na tentativa de torná-lo mais receptivo às induções magnéticas e, com isso, ficando aberto ao influxo de nosso pensamento. Sabíamos que ele era afeito ao uso de alcoólicos e isto dificultava nosso contato.

Passava das três horas da manhã, o ambiente estava calmo e o casal permanecia desdobrado. Fluíam pensamentos em deveres da casa e, quando chegamos, fomos logo tentar comunicação com Arlete Torres, que se assustou com nossa presença.

Ao observar Catrina, pequenas efusões mentais fizeram-na perceber a presença de sua filha amada, como se fosse um retorno à sua memória. Catrina tentou comunicar-se, mas Arlete ficou em dúvida da veracidade dos fatos e mesmo com fluidos magnéticos, seu periespírito não aceitou aquela visão transcendental.

Arlete acordou ofegante e sufocada como se um terrível pesadelo a tivesse acometido, o que fez com que seu esposo também saísse do transe do sono.

Deixamos o local atordoados, visto que pouco conseguimos. Um instrutor do grupo veio ao nosso encontro e programou outra atividade para nós, já que aquele tinha sido um primeiro contato com o casal, para sentirmos o nível de dificuldade de completar a tarefa. Fomos à casa de um senhor médium que trabalhava com os deuses da umbanda, próximo à residência dos Torres. Era uma casa de poucas posses, com pequeno santuário na sala que lembrava os orixás das terras brasileiras. Na verdade ele sentia necessidade espiritual de cultuar tais

deuses, pois seus antecedentes tinham uma linha alternativa dos centros espíritas. Chamava-se Robson, descendente de afrobrasileiros, morador na região da Sardenha por mais de vinte anos.

Logo à nossa chegada, percebemos movimentação de várias entidades espirituais próximas ao médium, entre eles um índio e um negro que formavam uma espécie de barreira em torno dele. Nosso orientador passou a emanar fluidos nas duas entidades que as fizeram tornar-se torporosas e, com a resolução de comunicar-se, pediu para Robson se dirigir, na manhã seguinte, à pequena praça próxima à sua casa, para que pudesse encontrar o casal que sempre trazia seu cachorro para passear nos ambientes verdejantes do local e observaria a simples melancolia dos dois. Após estas instruções o médium despertou com lembrança em sua memória para procurar um casal na praça próximo à sua casa.

Fomos embora e seus guardiões voltaram a guarnecer seus postos, sem suspeitar do que havia transcorrido. E, assim, fomos para área de repouso em um centro espírita próximo, para nos refazer e aguardar o horário propício para observar o encontro furtivo do casal com o médium. Deixamos o centro às dezoito horas do dia seguinte e finalmente localizamos o casal Torres passeando na praça, como de costume, acompanhado de seu animal, que logo percebeu nossa presença e passou a latir com mais frequência, até nosso instrutor acalmá-lo com fluidos apaziguantes. Era um rottweiler com pouca idade, mas com boa percepção do mundo espiritual.

Sentado próximo a um pipoqueiro, estava Robson a observar o casal com o cachorro e quando foram comprar uma pipoca, nosso instrutor influenciou o animal a derrubar o vendedor de pipocas com repentino arranque e passagem por entre as pernas. Formou-se um pequeno tumulto e Robson prontamente resolveu ajudar o casal a controlar o animal e socorrer o pipoqueiro. Logo foram se apresentando, criando vínculos de simpatia entre os Torres e Robson.

Eles passaram a conversar sobre os animais e suas percepções espirituais diversas, assunto a que Robson era afeito e conhecia profundamente, mas o casal dizia que aquela percepção dos animais nada mais era do que o vínculo que apresentavam, próprios da sua raça aguçada e perceptiva.

Ficaram de se encontrar mais vezes em outra oportunidade para troca de ideias e Robson deixou o local com a sensação de ter tido a missão cumprida, de conhecer aquele casal, já que para ele as coisas não fluem por acaso.

Deu-se novo encontro três dias depois entre Robson e os Torres e nós presenciamos novamente os fatos. Agora o cachorro estava com focinheira, pois tinha se tornado mais agressivo naqueles dias. Nosso instrutor influenciou para

que o animal tivesse sonolência e o casal, preocupado, achou que ele tinha tido algum tipo de colapso e todos correram para a clínica veterinária próximo à praça, com Robson acompanhando o caso.

Após breve exame, o rottweiler foi liberado para retornar com seus donos, já que nada de anormal havia sido detectado. Robson acompanhou o casal até sua casa, onde ficou acertado uma visita para o dia seguinte que era um fim de semana.Robson compareceu às dezenove horas para a breve visita. Tinha simpatia pelo casal e, no seu íntimo, achou que aquele cachorro tinha tido alguma influência espiritual. Passamos a acompanhar o diálogo.

– Moro aqui próximo, é um prazer conhecer pessoas tão distintas aqui no bairro – disse Robson, que foi prontamente rebatido pela senhora Torres.

– O prazer é nosso, pena que o senhor já veio um pouco tarde para desfrutar conosco de um breve lanche.

– Não se preocupe, senhora Torres, vim mais para alertá-los de que seu animal pode ter tido algum tipo de influência espiritual.

– Não acreditamos nisso, somos muito católicos e esse tipo de observação não nos impressiona.

– Não queria impressioná-los, só que já trabalho com estes tipos de casos e posso assegurar-lhes que, sim, ele pode ter tido um episódio e vim alertá-los que poderá acontecer de novo e, se for o caso, posso até tentar ajudá-los.

Os Torres se entreolharam e agradeceram a oferta, só que não tinham nenhuma convicção daquela verdade. Despediram-se e Robson seguiu o seu caminho.

Nosso instrutor falara que nas próximas horas iriam novamente tentar uma comunicação com Robson, desta vez através de seu trabalho inicial que costumava fazer às segundas-feiras, oferecendo orações aos seus santos protetores.

Durante breve transe mediúnico, Catrina teve a oportunidade de fazer o relato de sua situação e ligação com a família Torres. Robson despertou com aquela conversa em seu pensamento e agendou uma visita aos Torres de forma urgente, para o próximo dia, já que o caso requereria atuação mais breve possível para se resolverem aqueles fatos. Robson não tinha certeza, mas percebeu uma criança com sérios problemas respiratórios e uma moça já adulta, combalida em seus traços espirituais.

Foi à casa dos Torres e revelou que era médium desde criança e costumava ter uma relação com o mundo dos espíritos e que seu trabalho consistia em oferecer flores e orações aos seus protetores e, eventualmente, servia de comunicante entre o mundo espiritual e pessoas que se achavam em dificuldades,

principalmente físicas, por doenças ou influências. O casal não acreditou muito, mas relatou que havia tido grave perda de familiar, já fazia dois anos e que seus corações, ainda saudosos, não conseguiam esquecê-la. Robson relatou que em seu transe mediúnico, teve a visão de uma criança doente e uma moça também com problemas de saúde, no mundo espiritual e descreveu a aparência das duas.

O casal se entreolhou e passaram a chorar e a se abraçar com toda força, lembrando de um amor que não puderam esquecer. Deram-se as mãos e resolveram como última tentativa aceitar a ajuda daquele senhor estranho, que mais estranhamente passou a fazer parte de suas vidas. Pensaram em outras hipóteses, mas estava claro que aquela criança era sua pequena Victória, que do mundo dos mortos parecia tentar comunicar-se com sua antiga família terrestre.

Após pensar e confabular, decidiram frequentar a casa do senhor Robson no próximo encontro, para finalmente tentar uma tão sonhada comunicação, sem saber que aquele encontro seria decisivo para ambos os lados, tanto de Catrina, como do casal Torres que, desde a partida daquela filha amada, não tinham mais sossego ou paz em seus pensamentos. Passaram a ansiar diariamente para a chegada do dia aprazado. E nós fomos haurir forças para com nosso Mestre de Luz, Jesus, pedindo que aquele evento próximo fosse abençoado pelo Mestre de amor e compaixão.”

Nova tentativa

“Deixamos o Centro Espírita Luz e Amor em direção à cidade, na região da Sardenha. Entramos por volta das dezessete horas e passamos a fazer corrente de oração para fluidificar e energizar o ambiente. Catrina e eu ficamos em um cômodo próximo ao altar de Robson, enquanto os demais percorreriam todos os ambientes da casa com a finalidade de expulsar qualquer interferência que porventura viesse a atrapalhar nossa comunicação. Os Torres chegaram às dezenove horas e trinta minutos e sentaram-se na sala, aguardando a chegada de todos os que vieram, a pedido de Robson, para formar equipe de apoio ao ato. Iniciou-se uma prece e Robson, trajando roupas brancas, passou a elevar seus pensamentos aos seus deuses e apelar para a chegada deles, com cânticos e oferendas. Não tardou para que seus mentores se aproximassem. Deixamos o ato acontecer, sem interferências e ele passou a falar como índio e a tecer comentários dos presentes. Disse que aquela reunião era para tentar apaziguar espíritos que não conseguem descansar. Foi aí que nosso instrutor interveio no índio, o apaziguou com fluidos relaxantes e permitiu que Catrina deixasse uma breve comunicação, pedindo que seus pais rezassem por ela e tivessem em mente que estava bem e necessitava que eles seguissem seus caminhos e a deixassem seguir o seu, para que em futuro próximo o casal pudesse abrigar outra criança em sua família. Robson perdeu a consciência no final da comunicação.

Todos do ritual ficaram perplexos, o casal Torres mais ainda, mas sentiam um ponto de desconfiança, visto que não era fácil para eles aquela situação. Ao final perguntaram a Robson quanto seria seus serviços para livrá-los daquele espírito que parecia ser do mal, pois havia tomado forma de sua filha Victória. Como uma criança recém-nascida poderia dar comunicação do mundo dos mortos?

Isto fez com que Robson se aborrecesse e informou ao casal que não cobrava por nada e que o ceticismo de ambos só faria atrasar a libertação daquele ser espiritual que veio com todas as letras pedir para esquecê-lo e seguir as suas vidas, normalmente. Dito isso, o casal saiu choroso e confuso.

Nossa equipe entendia que aquilo não seria tão fácil como tínhamos imaginado, pois havia resistência grande por parte dos Torres. Retornamos à nossa esfera espiritual e fomos ao encontro de nosso instrutor, relatando o que

havia ocorrido e o que poderíamos fazer para ter êxito naquela situação. Tudo fora exposto, mas esperamos alguns dias para, novamente, encontrarmos com ele, que decidiu ir conosco para a crosta terrestre e nos ajudar naquela tarefa que encontrou resistência no esclarecimento decisivo aos Torres.

Viemos novamente com o nosso grupo e fomos à casa dos Torres. Presenciamos Arlete com choro compulsivo e o senhor Torres desolado, não sabendo mais o que fazer. Nosso instrutor fluidificou o ambiente e deu passes para acalmar o casal.

Durante o repouso físico, passou a fazer imantações de paz e tranquilidade, informando aos Torres a necessidade de novo contato com Victória para que pudessem entender melhor aquela situação.

No outro dia, o casal acordou mais calmo e reconfortado. Decidiram ir ao pároco da cidade para receber instruções da doutrina que professavam, mas o sacerdote limitou-se a ouvir os relatos e aconselhar o casal a rígida penitência de oração, principalmente porque haviam quebrado a confiança nas instruções da santa Igreja. Não era aquilo que o casal queria ouvir, queriam consolo e orientação prática para superar aquela saudade. A caminho da sua residência, decidiram retornar à casa de Robson, que conhecendo sua problemática, poderia explicar melhor os fatos ocorridos naquela noite de comunicação. Primeiro se desculparam pelo mal-entendido, já que se encontravam com alterações emocionais desde que Victória partira para o outro mundo. Não tinham conseguido explicação para tal destino que fora tão injusto para com eles. Já estavam duvidando até da justiça divina, porque aqueles acontecimentos levaram muita tortura para aquela família que sempre acreditou em Deus e era incapaz de fazer mal a quem quer que fosse.

Os Torres trabalhavam em tapeçaria artesanal, fazendo objetos de decoração para os lares da redondeza e nunca enganaram ninguém. Seu sustento era do trabalho e da pequena herança deixada pelos pais de Arlete, que consistia em duas casas de aluguel. Queriam muito ter filhos e logo no primeiro aconteceu tal infortúnio.

Robson ouviu os relatos calmamente e decidiu abrir novamente sua residência para ajudar aquele casal à beira do desespero. Afinal, para quê serviria sua mediunidade? Pensou que poderiam aprazar nova tentativa de comunicação para a próxima segunda-feira visto que necessitavam se preparar com mais calma e observar todas as etapas em que a última comunicação transcorreu, para que não houvesse interferências de espíritos indesejáveis e que pudessem dar aos visitantes espirituais a melhor forma possível de comunicação com o mundo

físico.”

Reencontro

No passado, as reuniões de evocações aos mortos eram consideradas até crime mas, com a evolução da humanidade, passaram a fazer parte até do cotidiano recente. Robson e seu grupo acharam melhor convidar figura ilustre de um centro espírita perto da sua casa para auxiliar na condução do ato de transe mediúnico. Seu nome era Sebastian e tinha função de coordenador do centro. Tornou-se seu amigo há vários anos e sabia das suas diferenças de crença, tendo Robson já frequentado o ambiente da referida casa espírita. Chegou a data aprazada e todos se dirigiram à pequena sala da casa de Robson, onde estava seu altar, com velas e outros objetos de ornamentação que formavam um ambiente bonito de se ver. Cumprimentaram-se e os Torres logo adentraram o recinto dizendo-se ansiosos com aquele ritual. Robson comentou:

– Hoje teremos a ajuda de um amigo, convidado meu, que também tem certa experiência com este tipo de comunicação. Sentemo-nos e vamos iniciar o ritual.

Robson tomou um prato em sua mão e começou a oferecer aos seus santos as oferendas devidas em tais rituais, flores e restos de animais com um pouco de sangue deles, além de bebida alcoólica e água. Começou a orar para os orixás e evocar os espíritos de seus orientadores. Nada era muito comum naquilo, até que chegou ao ponto de iniciar seu transe mediúnico.

Primeiro vieram os caboclos, depois ele passou a se retorcer e se iniciou o choro de uma criança. Logo veio a comunicação esperada. Era Catrina.

Então seu amigo Sebastian iniciou um diálogo com aquele espírito:

– Qual é o seu nome?

– Me chamo Catrina, mas fui chamada de Victória em recente encarnação.

– Por que estais aqui?

Para convencer meus pais de que estou viva e bem.

– Quantos anos você tem?

– Muitos anos. Mas esta pergunta não é pertinente, pois meu último desencarne foi recente, ainda como recém-nascida.

– Como sabes quem são teus pais?

– Porque tenho vínculo com eles desde muito tempo.

– Quanto tempo?

– Há mais de dois mil anos.

– E o que queres que eles façam?
– Orem por mim e por eles, e que sigam suas vidas ao rumo da felicidade.
– Mas pode uma recém-nascida ter tantas ideias?
– Sim, pois meu corpo espiritual é quem fala, e não o carnal, já destituído dele.
– Por quanto tempo estais nesta situação?
– Por dois anos.
– Você esta só?
– Não, tenho meus companheiros de caminhada.
– E todos eles conhecem este drama?
– Sim, todos, sem exceção.
– E o que eles fazem contigo?
– Eles me apoiam, pois me sinto presa aos meus pais e necessito me desvincular deles.
– O que deseja para eles?
– Só felicidade.
– Podes dar alguma prova que é você sua antiga filha?
– Sim, perceberam que eu tinha problemas ao sexto mês de gravidez. O médico recomendou o aborto.
– Como sabes disso?
– Ouvia o tempo todo, tudo o que acontecia.
– O que sentiste?
– Preocupação de não ter oportunidade de nascer, seria o fim da minha missão.
– O que significa isto?
– Que eu estava em prova e necessitava passar por estes momentos.
– E o que eles acharam?
– Disseram que era contra os princípios de Deus o aborto e que levariam a gestação até o fim.
– E o que sentiste?
– Alívio, agradecimento e compaixão, pois aquele casal não merecia isto.
– E como sabes que eles não eram merecedores?
– Porque são bons e já fui filha deles em passado muito distante.
– Em outra vida?
– Sim, alguns séculos antes de Cristo.
– Viveste muito?
– Sim, mas ao lado de meu esposo.
– Ele está aí ou aqui?
– Está comigo, ao meu lado.

– Então ele persiste contigo?
– Sim, somos vinculados pelo amor.
– Não amas teus pais?
– Sim, mas é um amor fraterno que tenho por eles.
– E tem diferença?
– Sim, este amor baseado nas leis divinas é eterno, não tem fim, muito menos começo. Aquele baseado na fraternidade, tem respeito mútuo e benevolência na relação.

Dito isso, a senhora Torres passa a chorar e dizer ter eternas saudades. Então o espírito de Catrina revela:

– Não chores, minha mãe. Nosso vínculo também é eterno, a sabedoria de Deus alcança a todos e quanto mais a compreendemos, nos sentimos mais livres de todos os preconceitos. Só fica o amor e compaixão. Peço que ores por mim e por toda a humanidade, assim poderemos estar livres para novas etapas, em nossas vidas. Amo você e papai, nunca vou esquecê-los. Com estas palavras, o senhor Torres se desesperou e pediu para Catrina dar mais uma prova. Foi aí que doce perfume invadiu o ar da reunião e o senhor Torres sentiu um forte abraço envolvendo seu corpo. Então, ele compreendeu a veracidade dos fatos e o ambiente começou a ficar com emanações leves e bem energizado.

Todos da reunião sentiram-se jubilados com tal comunicação. Até Sebastian declarou que não haveria dúvida daquele encontro entre os dois planos e, após alguns minutos, Robson retornou do transe mediúnico e, com poucas lembranças das comunicações, agradeceu a todos os seus orixás a oportunidade que deram àquele grupo de presenciar este encontro. Mas Sebastian ainda pensou: por que seus médiuns não fizeram o trabalho de acolhimento?

Após o grupo presenciar todo aquele cenário, veio à tona um detalhe importante. Sebastian não tinha em sua casa uma diversificação de médiuns aptos para transfigurar linguagens de recém-nascidos, achava que aquela era uma característica que poucos médiuns possuíam. Nunca lera nada a respeito, mas sua prática de coordenador elucidava que estas comunicações eram mais do que especiais e que, certamente, seriam objeto de estudo e consulta por sua parte.

Despediram-se todos e o casal Torres permaneceu junto a Robson e agradeceu, efetivamente, todo aquele esforço que empreendeu para que a comunicação fosse realizada.

Robson alertou que, se não fosse suficiente, poderiam, em outra situação, tentar nova comunicação. Deixaram a pequena casa e seguiram para sua residência a conversar sobre o ocorrido. Sentiam-se mais aliviados e a culpa de levar aquela

gestação ficava para trás. Nunca imaginaram que seriam protagonistas da vontade divina e isto também os consolava. Durante o sono físico foram visitados por todo o grupo de Catrina e eles agradeceram a comunicação direta que tiveram. A esta altura, com seus periespíritos desdobrados pelo sono, puderam continuar a confabular, agora com Catrina, Von Haume e o casal Torres.

Foi revelado a eles que Von Haume se chamava Josafá e que desposou Catrina, conforme os costumes selvagens da época e por isso também vinha pedir perdão pelos erros do passado. O senhor e a senhora Torres, com um gesto de perdão, abraçaram Von Haume e Catrina e pediram para que não os esquecessem em nenhum momento.

Despediram-se fraternalmente e surgiu por fim Abigail, que também deu por encerrada sua missão. Abigail desceu ao orbe tempos antes, para conciliar o casal Torres de não se culparem pelos eventos ocorridos; e, com isto, permaneceu longo tempo ao lado deles, com a finalidade de não se separarem, já que eles tinham vínculos de amor, igual a Charles e Sarah.

Tudo no cosmo converge para uma realidade pregada pelo ensino do Mestre Jesus: o amor ao próximo.

Com o fim do trabalho daquela noite, o grupo se reuniu e retornou à cidade espiritual *Os Aleutas*, com o aprendizado e os objetivos alcançados. Deixaram a Terra em majestade fulgural, em que aquela noite já dava passagem para iniciar um novo dia. Todos, ao alcançarem a colônia, se abraçaram e se separaram com a sensação do dever cumprido.

Catrina, ainda em recuperação, voltou para seu quarto de repouso e Von Haume para seu alojamento. Carlos e Abigail foram para os departamentos de trabalho e os instrutores seguiram para fazer um relatório dos fatos ocorridos.

Um novo dia surgiu e com ele novas ideias e renovações de trabalho que não cessam, pois enquanto houver vida, há algo para fazer em prol de toda a humanidade.

Os destinos

Passaram-se vários meses após aquele encontro na casa de Robson e eis que um convite chegara para que Robson comparecesse à festa de aniversário da senhora Torres. Como de costume, Robson encomendara um buquê de flores naturais para presentear a dona da festa.

Ao chegar, percebeu que todos os presentes eram familiares dos Torres e os amigos que haviam presenciado as comunicações.Todos se entreolharam e Robson adentrou a festa com muita alegria, percebendo que o casal estava muito feliz e que, à certa altura do jantar, pediram a palavra para anunciar a chegada de um herdeiro. Sim, a senhora Torres estava grávida de quatro meses. Isto gerou muita alegria e felicidade na casa e agradeceram especialmente àquele senhor que se dispôs a ajudá-los em momento crítico de suas vidas. Fizeram um brinde a todos e disseram “Saúde!”, abraçando-se emocionados. Aquele momento era inesquecível para suas vidas.

Qual seria o nome do bebê? Se homem, Robson, se mulher Catrina. Todos riram e comemoraram até altas horas da noite.

Ao nascer, a criança passou a se chamar Catrina da Luz, menina bela, com aspectos delicados, que veio ao mundo com toda a força e as bênçãos dos céus. E a família Torres não parava de agradecer as bênçãos de Deus, que tinha colocado aquele ser tão sonhado e tão esperado. A dádiva divina trazia a certeza do futuro aos homens de boa vontade.

***

Sim, meus amigos, esta história de amor ainda tem um desfecho a relatar: como ficaram Van Haume e sua turma?

Ao chegarem à colônia, os instrutores relataram tudo o que sucedeu naqueles dias de treinamento e Von Haume foi finalmente reconhecido como bom enfermeiro e seus próximos cursos seriam direcionados para realizar atendimentos mais complexos.

Assim ele começou a entender as forças que atuavam no cosmo em favor da vida no planeta Terra. Teria noções de naturalismo e assistencialismo e com isto poderia pensar em ser um médico austral. Catrina se recuperou da sua última encarnação e, após vários pedidos de Von Haume, foram conviver próximos um do outro, ela em alojamento vizinho ao dele.

Abigail e Carlos foram promovidos para esferas superiores em apoio a eventos que necessitavam de resoluções complexas e nós, da espiritualidade servidora, continuamos a rever os casos de necessitados de todos os planos para cumprir a vontade de nosso amado Mestre Jesus, que diz em todas as letras:

"Amai-vos uns aos outros como eu vos amei e deixai que todas as injúrias contra vós sejam, um dia, objeto de elevação através do perdão infinito."

Portanto, meus caros filhos, amemos todos os dias, horas, minutos e não deixemos de amar a todo instante, pois somente através deste ato é que um dia poderemos atingir a vontade daquele que tanto nos amou.

pelo espírito de Rita de Cássia